

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS**  
**NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**Preconceito Racial no Discurso do Humor: um viés de construção da identidade negra**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem e Cultura

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Roselene de Fátima Coito

**CASCAVEL**  
**2007**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

### **Preconceito Racial no discurso do humor: um viés de construção da identidade negra**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, em 09 de março de 2007.

---

Prof. Dra. Lourdes Kaminski Alves  
Coordenadora

---

Prof. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo - Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA  
Membro Efetivo (Convidado)

---

Prof. Dr. Ivo José Dittrich – UNIOESTE  
Membro Efetivo (da instituição)

---

Prof. Dra. Roselene de Fátima Coito – UNIOESTE  
Orientadora

Cascavel, 30 de Maio de 2007.

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe, Melinda por ter  
sonhado comigo essa conquista!

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a todas as pessoas que direta e indiretamente, participaram na realização desse trabalho. Especialmente agradeço:

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup>. Roselene de Fátima Coito, pela paciência, apoio e carinho com os quais conduziu nossos encontros, mas, sobretudo, pela amiga que se tornou e pela humildade que a torna ainda mais admirável.

Aos professores Ivo Dittrich e João Carlos Cattelan pelas valiosas contribuições à pesquisa no exame da qualificação.

Ao programa de Mestrado em Letras da UNIOESTE.

Às minhas amigas Denize e Fernanda, pelo constante apoio, pelos momentos de questionamento, de trabalho, de descontração, enfim, pelo companheirismo incansável.

Ao meu esposo Dirceu, que sempre me apoiou nessa caminhada ousada e diferente.

A Deus por ter colocado pessoas maravilhosas na minha vida, Paulino, Elias, Wesley, dentre outras, para que eu pudesse chegar até aqui.

"Uma história é capaz de iluminar nossa relação com os outros, de fortalecer nossa compaixão, de transformar o olhar com que contemplamos os nossos semelhantes, confirmando a crença de que estamos todos juntos na tarefa de viver."

## RESUMO

FREITAS, P. H. **Preconceito Racial no discurso do humor: um viés de construção da identidade negra.** 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2007.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Roselene de Fatima Coito  
Defesa: 09 de Março de 2007.

A presente pesquisa pretendeu investigar como o discurso racista se (re)produz nas piadas que circula(ra)m no Brasil, tomando o negro como tema. Ao contrário do que normalmente se acredita, as piadas não se constituem em textos inocentes de humor. As piadas que tematizam o negro acentuam a diferença entre as etnias e não a igualdade democrática. Disseminam o discurso racista que encontra suporte na ideologia da cultura branca dominante, que procura impedir o acesso do negro à educação, ao mercado de trabalho e às condições dignas de vida. Durante o percurso traçado para o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se demonstrar, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, como os discursos humorísticos, sócio-historicamente constituídos a partir de uma memória discursiva, podem veicular preconceitos socialmente arraigados. O *corpus* básico que serviu de campo de trabalho constitui-se de uma seleção de piadas coletadas de livros de humor e *sites* da *Internet*. Para a análise pretendida foram considerados aspectos de ordem semântica e discursiva característicos das piadas em estudo. A repetição do dizer nas piadas racistas possibilitou a organização do *corpus* em famílias parafrásticas, cujos enunciados de base consolidam o discurso racista.

Palavras-chave: discurso de humor, memória discursiva, identidade negra.



## **ABSTRACT**

FREITAS, P. H. **Racial Prejudice in the humor discourse: a trace in the construction of the black identity.** 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2007.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Roselene de Fatima Coito  
Defesa: 09 de Março de 2007.

The present research intended to investigate how the racist discourse (re)produces itself in jokes that circulate(d) in Brazil, taking the black people as theme. On the contrary of what normally is believed, jokes do not constitute in innocent humor texts. The jokes that point the black people enhance the difference among ethnic groups and not the democratic equality. They spread the racist discourse that finds support in the ideology of the white people culture, that tries to interrupt the black people access to education, to the work market and to worthy life conditions. During the path traced to the development of this work, we tried to demonstrate, based on the theoretical assumptions of French Discourse Analysis, how the humoristic discourses, socio-historically built from of a discursive memory, can link socially established prejudices. The basic corpus that served as the work field is made of a selection of jokes collected from humor books and Internet sites. For the intended analysis, typical semantic and discursive aspects of the jokes that are being studied were considered. The repetition of the saying in racist jokes made it possible the organization of the corpus in paraphrastic families whose base utterances consolidate the racist discourse.

Key-words: humor discourse, discursive memory, black identity.

## SUMÁRIO

<b>FOLHA DE APROVAÇÃO.....</b>	<b>iii</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>vii</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>ix</b>
<b>NOTA SOBRE A ESCOLHA DO TEMA.....</b>	<b>xiv</b>
<b>1 TEORIAS: DO HUMOR, DO RISO E DO CÔMICO.....</b>	<b>xv</b>
1.1 Bergson e a Definição do Riso.....	xvi
1.2 Freud: A Relação entre Chistes e o Inconsciente.....	xxvi
1.3 Possenti: a constituição do texto humorístico.....	xxxix
<b>2 DA HISTÓRIA À REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....</b>	<b>liv</b>
2.1 Ethnohistória do Negro no Brasil.....	lv
2.1.1 O escravo na sociedade colonial.....	lx
2.1.2 O negro na sociedade republicana.....	lxiii
2.2 Representação e Identidade do Negro nas Piadas.....	lxx
<b>3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO. .</b>	<b>lxxxiv</b>
3.1 Discurso, Gênero e História.....	lxxxvi
3.2 Competência Discursiva.....	xciv
3.3 Interdiscurso, Memória Discursiva e Formação Discursiva.....	xcix
3.4 Paráfrase: De sua Complexidade Teórica.....	cix
<b>4 O QUE DIZEM AS PIADAS QUE TEMATIZAM O NEGRO.....</b>	<b>cxxi</b>
4.1 “Negro é ladrão”.....	cxxx
4.2 “Negro tem menor valor”.....	cxlii
4.3 “Negro é sujo e faz sujeira”.....	cxlviii
4.4 “Negro trabalha mal”.....	clvi
4.5 “Negro é feio”.....	clix

4.6 “Negro não é humano” .....	clxii
4.7 “Negro tem mesmo é que se lascar” .....	clxx
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>clxxvii</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>clxxx</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....</b>	<b>clxxxvi</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>clxxxviii</b>

## **INTRODUÇÃO**

“Só há piadas sobre temas socialmente controversos [...] piadas operam fortemente com estereótipos [...] as piadas são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não-oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados.”

Sírio Possenti

A presente pesquisa busca, por meio dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, demonstrar como os discursos humorísticos podem veicular preconceitos socialmente arraigados. Muito embora nem todos os temas humorísticos pareçam ser ofensivos, é possível reconhecer certas temáticas abordadas pelo humor que buscam atingir determinados grupos étnicos, classes sociais, grupos religiosos etc. Seria o caso, por exemplo, das piadas sobre os negros no Brasil que (re)produzem um discurso racista e, por isso, preconceituoso, contribuindo para a constituição de uma identidade negativa referente ao afro-descendente.

Para o desenvolvimento dessa dissertação, far-se-á um cotejo de textos

humorísticos - piadas - que desvelam o preconceito ao negro como temática. O *corpus* básico que servirá de campo de trabalho, constituir-se-á de uma seleção de 53 piadas, coletadas de manuais de piadas e *sites* da *Internet*.

Para a análise do *corpus*, as piadas serão organizadas/categorizadas em enunciados de base. Durante o processo de análise, procurar-se-á considerar os aspectos de ordem semântica e discursiva característicos das piadas em estudo.

Os passos que conduziram a presente pesquisa foram traçados a partir das perspectivas propostas por Bergson (2004), Freud (1905) e Possenti (1998, 2002) sobre o humor, o cômico e o riso. O discurso humorístico, enquanto diverte, produz efeitos de sentido entre interlocutores e, inevitavelmente, o processo de interlocução é afetado pela situação, pelo contexto histórico-social e pelas condições de produção<sup>1</sup>. Contudo, não é somente o assunto que determina o efeito do humor, mas também a maneira como o discurso humorístico é lingüisticamente construído.

O segundo capítulo, *Da História à Representação e Identidade do Negro na Sociedade Brasileira*, objetiva historicizar a presença dos

---

<sup>1</sup> Ao propor o conceito de condições de produção, Pêcheux (1997) mostra que o discurso é efeito de sentidos entre os interlocutores. O indivíduo não está livre para escolher deliberadamente, numa determinada situação, o que falar, pois o seu dizer está afetado pelo interdiscurso. Em outras palavras, não há discurso que não se relacione com outros. Conforme Orlandi (1999, p. 39), “os sentidos resultam de relações: um discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

povos africanos no Brasil, desde o início da escravidão aos primórdios da República brasileira, após a abolição da escravatura. A história do negro justifica, em grande medida, a representação construída desse personagem na sociedade brasileira e fornece subsídios para a discussão das questões relativas à constituição de identidade negra em textos humorísticos.

O terceiro capítulo consta uma discussão sobre conceitos concernentes à Análise de Discurso (AD), as quais se fazem relevantes para a análise discursiva das piadas coletadas: discurso, formação discursiva, interdiscursividade, paráfrase, competência discursiva e memória discursiva.

A formação discursiva ao conceber a noção de arquivo<sup>2</sup> permite a realização da análise proposta, uma vez que contempla o conjunto de enunciados efetivamente produzidos na perspectiva de um mesmo posicionamento sócio-histórico, inseparáveis das condições de produção que conferem a esses enunciados autoridade, mas que, ao mesmo tempo, legitimam-se por meio de sua própria recorrência. A partir da incidência de enunciados, percebe-se que grande parte do preconceito étnico que se manifesta em piadas do *corpus* é enunciado a partir de uma instituição – a economia escravagista – que, para justificar sua existência legal, utiliza-se, dentre outras possibilidades, do discurso preconceituoso contra o negro.

---

<sup>2</sup> No lugar de “formação discursiva”, Maingueneau (1991) introduz a noção de arquivo para reunir enunciados advindos de um mesmo posicionamento, enfatizando que esses enunciados são inseparáveis de uma memória e de instituições que lhe conferem sua autoridade, legitimando-se por meio delas. (Charaudeau & Maingueneau, Dicionário de Análise do Discurso, 2004, p.65).

Há um dado importante sobre o estatuto lingüístico do *corpus*. Quando se fala em piada, pensa-se imediatamente na oralidade, afinal, piadas circulam oralmente e estão atreladas a uma tradição oral. Contudo, as piadas também são escritas, circulam através dos textos e também estão inseridas em um universo de arquivo. Dada a variedade de formas de textos humorísticos, optou-se por trabalhar, nesta pesquisa, com piadas escritas, não transcritas. A dimensão oral entra, eventualmente, como elemento explicativo auxiliar, a partir de marcas de oralidade em textos, mas, sobretudo, por meio de hipóteses discursivas que essas marcas podem gerar, e em que espaços sociais tais piadas circulam.

No quarto e último capítulo, apresenta-se uma tentativa de sistematizar as ocorrências de famílias parafrásticas observadas no *corpus*. A fim de investigar a reprodução de estereótipos depreciativos relacionados aos negros por meio das piadas, pretende-se verificar como o discurso racista se (re)produz nas piadas que circula(ra)m no Brasil, tomando o negro como tema. Embora no limite da presente pesquisa algumas regularidades entre os enunciados de base tenham sido apontadas, reconhece-se a possibilidade de se adequar as ocorrências em famílias parafrásticas não pontuadas neste trabalho.

## **NOTA SOBRE A ESCOLHA DO TEMA**

Essa pesquisa surge de reflexões que emergiram de um projeto de pesquisa desenvolvido ainda na graduação (1994-1997), no curso de Letras. Na ocasião, a temática relacionada ao humor como manifestação do preconceito étnico-racial já instigava uma série de reflexões que levaram a novos questionamentos e, conseqüentemente, à necessidade de um estudo mais aprofundado.

A delimitação do objeto de análise pautou-se em propostas de autores que, ao invés de se aterem somente a análises de cunho lingüístico, optaram por investigar aspectos de ordem social,



ideológica, histórica e psicológica que permeiam e justificam os temas abordados pelo humor.

As categorias da Análise de Discurso demonstram-se adequadas para a proposta de análise pretendida, uma vez que o texto humorístico é sócio-historicamente constituído a partir de uma memória discursiva, e que efetiva seus efeitos de sentido quando utilizado no circuito de interação.

## **1 TEORIAS: DO HUMOR, DO RISO E DO CÔMICO**

“O humor negro é o que mostra graça no que chamamos de ‘desgraça’”

Daniel Kupermann,<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1101805-1666-2,00.html>>

Teorizar o humor, o riso e o cômico requer um diálogo com as reflexões desenvolvidas por pensadores que investiram nesta área de conhecimento. Embora diferentes perspectivas tenham sido adotadas por autores que se dedicam ao estudo do humor, dentre os quais, Bergson (2004), Raskin (1985), Dascal (1985), Propp (1992), Chiaro (1992), Bakhtin (2002), para a discussão proposta no presente capítulo, destacam-se os aspectos sociais, psicológicos e lingüístico/ideológicos, contemplados, respectivamente por autores como, Bergson (2004), Freud (1905) e Possenti (1998, 2002).

### **1.1 Bergson e a Definição do Riso**

Para Bergson (2004), o riso é um traço distintivo da raça humana. Também Aristóteles teria dito que o humor é uma forma de escarnecer do que ou de quem é considerado baixo, inferior, ou por um defeito moral, ou por um defeito físico que torne uma pessoa ridícula. Esse autor enfatiza: “Dessa forma, são especialmente risíveis os inferiores em algum sentido, sobretudo os moralmente inferiores, embora não os completamente depravados” (ARISTÓTELES, 1995, p. 44, apud SKINNER, 2002).

Bergson (2004), na obra *O Riso: Ensaio sobre a Significação da Comichade* discute a significação do cômico. O autor afirma que o

cômico “obedece” a três regras básicas: 1 – “Não há comicidade fora do que é humano”, ou seja, somente o homem é capaz de rir (Ibid., p. 2). Mesmo que algum objeto inanimado, uma paisagem ou um animal provoque o riso, nunca será por ele mesmo, isto é, será porque os seres humanos lhe atribuem alguma característica risível, já que o homem, além de ser o único que ri, é também o único que “faz” rir; 2 - A sensibilidade nunca vai estar associada ao cômico. Segundo Bergson, não se ri daquilo que causa algum sentimento de emoção. Para o autor, a indiferença é o ambiente natural do riso, que tem como maior inimigo, a emoção. A questão é que, quando se ri, esse sentimento fica em suspenso e, ademais, se não existisse essa possibilidade do homem se ausentar de qualquer emoção que inspirasse solidariedade, “viver seria um fardo difícil de ser carregado, pois tudo adquiriria uma coloração grave” (Ibid., p. 4); 3 - E, finalmente, o riso exige sempre uma participação de outra inteligência que dele compartilhe, vai estar sempre dentro de um contexto social, fazendo parte de um dado grupo, comunidade, já que este, antes de tudo, tem por função ser social: o riso humano é “sempre o riso de um grupo” (Ibid., p. 5). O riso exige o pertencimento ao que Bergson chama de “mesma paróquia” (Ibid., p. 5). Daí, para o autor, ser difícil o deslocamento de certos efeitos cômicos para uma outra sociedade, já que o riso está ligado aos costumes e ao comportamento de um povo. Nessa perspectiva, qualquer texto humorístico, enquanto discurso, nasce em um contexto histórico-social que o justifica.

Para Bergson (2004), o riso advém da “mecanização da vida”. Ri-se do outro quando parece que este se mecanizou, automatizou seus gestos, suas expressões, suas palavras e até seus sentimentos. O riso vai acontecer justamente quando se percebe esse automatismo no outro. A pessoa que apresenta essa rigidez diante da vida não se percebe como cômica. Desse modo, para Bergson “um personagem cômico o é, em geral, na exata medida em que se ignore como tal. O cômico é inconsciente. Como se utilizasse ao inverso o anel de Giges, ele se torna invisível a si mesmo ao tornar-se visível a todos” (Ibid., p. 12).

O riso, então, vai ser uma espécie de “punição”, de correção, uma vez que quando a pessoa percebe, através do riso do outro, que está agindo de alguma forma cômica, tenta se corrigir, sendo e se comportando como a sociedade espera que ela seja, que ela aja. A rigidez, o automatismo, a mecanização perante a vida é “castigada” com o riso. Para Bergson

Toda rigidez do caráter, do espírito e mesmo do corpo, será, pois, suspeita à sociedade, por constituir indício possível de uma atividade que adormece, e também de uma atividade que se isola, tendendo a se afastar do centro comum em torno do qual a sociedade gravita; em suma, indício de uma excentricidade. E, no entanto, a sociedade não pode intervir no caso por uma repressão material, dado que não é atingida de modo material. Ela está diante de algo que a inquieta, mas a título de sintomas apenas – simplesmente ameaça, no máximo (BERGSON, 2004, p. 14).

O riso é, pois, uma espécie de gesto social que pune a rigidez. Ri-se do que é involuntário e desajeitado (por isso, ri-se quando alguém tropeça e cai), do homossexualismo, dos vícios (piadas sobre bêbados), dos exageros da rigidez social (rigidez de caráter e de costumes, tais como virgindade, celibato, etc.).

Bergson classifica e caracteriza essa rigidez, ou o cômico, de três formas: comicidade das formas e movimentos, comicidade de situações e de palavras e comicidade de caráter.

Com relação à comicidade das formas e movimentos, Bergson (2004) afirma que uma forma, um rosto, um gesto, uma atitude serão cômicos se passarem a impressão de algo mecânico. O autor entende que uma fisionomia cômica é aquela na qual uma mesma expressão parece ter se cristalizado em uma pessoa. O que deveria ser apenas uma careta passageira, ou uma expressão estranha que as pessoas, em algum momento, fazem, parece fazer parte de uma fisionomia comum, como se estivesse fixada, transformando uma deformidade momentânea ou mesmo permanente no que ele chama de “feiúra cômica”. Novamente a idéia da rigidez:

É um esgar único e definitivo. Parece que toda a vida moral da pessoa cristalizou em tal sistema. Por isso é que um rosto é tanto mais cômico quanto melhor nos sugere a idéia de alguma ação simples, mecânica, em que a personalidade estaria absorvida para todo o sempre. Há rostos que parecem ocupados a chorar o tempo todo; outros, a rir ou a assobiar; outros a assoprar eternamente uma trombeta imaginária. São as mais cômicas de todas. [...] Automatismo, rigidez, vezo

contraído e mantido: aí está por que uma fisionomia nos faz rir. (BERGSON, 2004, p. 18-19)

A comicidade dos gestos e movimentos acompanha essa mesma idéia de automatismo. A imitação, segundo Bergson, causa riso justamente porque, quando se imita uma pessoa, se imita o que há de mecânico e fixo em sua personalidade, isto é, quando uma pessoa é alvo do riso, quando se torna cômica, é porque a vida se ausentou dela por alguns momentos.

Para falar da comicidade de situações, o autor recorre ao teatro, porque dá a impressão de que a vida está sendo representada, mas de uma forma mecânica, já que não é o real. O efeito cômico será obtido no teatro através de três técnicas: repetição, inversão e interferência em séries.

Bergson (2004) afirma ser o teatro uma forma de representar o cotidiano. A repetição no teatro, por exemplo, será tanto mais cômica quanto mais representar o paradoxo de uma cena que, mesmo sendo extremamente complexa, é representada da forma mais natural possível. Na inversão, tem-se uma troca dos papéis sociais, como se o mundo estivesse às avessas, tal qual uma cena que mostre um ladrão ser roubado, por exemplo. Para definir a interferência de séries, o autor afirma que “uma situação será sempre cômica quando pertencer, ao mesmo tempo, a duas séries de fatos absolutamente independentes, e que possa ser interpretada simultaneamente em dois sentidos inteiramente diversos” (BERGSON, 2004, p. 54). O que

há de comum entre as três formas de obter o cômico é a característica já mencionada anteriormente: mecanização da vida.

A comicidade das palavras é uma projeção da comicidade das situações, já que “uma frase se tornará cômica se ainda tiver sentido mesmo invertida, ou se exprimir indiferentemente dois sistemas de idéias totalmente independentes, ou, enfim, se a obtivermos transpondo a idéia a uma tonalidade que não é a sua” (Ibid., p. 64). Isto é, pode-se obter a comicidade de palavras através da inversão, da interferência, ou da transposição, esta última considerada, para Bergson, a técnica mais interessante e profunda, já que é a própria linguagem que se faz cômica.

As formas como se podem transpor as idéias ocorrem de formas variadas, devido à riqueza de tonalidade em que a linguagem pode ser expressa. É possível, por exemplo, uma idéia ser expressa em qualquer estilo e ser colocada em seu ambiente natural, ou vice-versa. Bergson cita o tom solene e o familiar. Ao transpor o que seria solene para o familiar, obtém-se a paródia. O inverso também é cômico, ou seja, quando se exagera uma idéia ou se a diminui, a transposição vai se dar por esse jogo de oposição, de comparação entre extremos. Obtém-se, desse modo, um efeito cômico ao transpor a expressão natural de uma idéia para outra tonalidade. A linguagem, ou vai exprimir o cômico (inversão, interferência), ou vai criá-lo (transposição).

No primeiro caso, segundo Bergson (2004), ainda é possível a tradução de uma língua para outra, de uma sociedade para outra,

embora que sempre haverá prejuízos ao cômico, uma vez que a comicidade é intrínseca à cultura de um povo. Ao criar o cômico, a linguagem é intraduzível, pois não se trata de expressar uma situação, mas de provocar riso. Nesses casos, a própria linguagem se torna cômica.

Na comicidade de caráter, que sempre foi a meta, o alvo principal a ser atingido nas considerações a respeito do cômico, Bergson entende que a comicidade será obtida quando há a suspensão da vida, e o riso, quando há a ausência da emoção. O cômico é considerado um fenômeno social, e o homem, por ser essencialmente social, é o único que pode tanto ser alvo como criar o cômico, daí poder afirmar que no cômico sempre se fala sobre o homem. Não importa se esse homem tem um caráter bom ou mau, se é honesto ou vil, se é capaz apenas de rir dos outros ou também de si mesmo. Se demonstrar certa rigidez, automatização, mecanização em relação à vida, ele será sempre cômico, o que permite inferir que qualquer um tem a potencialidade para se tornar cômico.

Para Bergson, os elementos do caráter cômico serão os mesmos no teatro e na vida:

Muitas vezes se disse que os defeitos leves de nossos semelhantes são os que nos fazem rir. Reconheço que há grande parcela de verdade nessa opinião, mas não posso acreditar que seja totalmente exata. Primeiramente, em matéria de defeitos é difícil traçar o limite entre o pequeno e o grande: talvez não seja por ser pequeno que um defeito nos faz rir, mas, como por nos fazer rir o achamos pequeno, nada desarma tanto quanto o riso (BERGSON, 2004, p. 102).



Bergson acredita que, por mais que o ser humano esteja consciente de suas ações, sempre há algo que lhe escapa, que o desvia do que dita a sociedade, e é esse desvio social que o torna cômico. Os defeitos alheios fazem rir em razão de sua insociabilidade e não por sua imoralidade. Os vícios da humanidade não são cômicos, mas mediante artifícios apropriados podem tornar-se cômicos e para isso, ressalta Bergson, é preciso que eles não comovam.

Segundo o autor, o riso não traz consigo as marcas da solidariedade e da bondade. É, acima de tudo, uma correção. Feito para humilhar, deve dar à pessoa que lhe serve de alvo, impressão penosa. É uma forma de a sociedade vingar-se “das liberdades que se tomaram com ela”, pois, o riso “não atingiria seu objetivo se não trouxesse a marca da simpatia e da bondade” (BERGSON, 2004, p. 146).

Para o autor, o riso não é justo nem bom; tem a função “inconfessa de humilhar” (Ibid., p. 102). Ele é uma espécie de herança da natureza que teria deixado, no homem, um saldo de maldade ou de malícia. É o efeito de um mecanismo montado pela natureza, por um prolongado hábito da vida social.

As piadas que retratam ou descrevem caracteres e tipos sociais privilegiam aqueles que apresentam um certo “desvio” em relação ao que a sociedade prescreve como “normal” ou correto, seja por uma questão moral, caso das piadas de políticos, por exemplo, seja por

uma questão de exclusão histórica, caso das piadas sobre mulheres e negros.

Resta saber se o motivo das piadas é porque esses tipos demonstram alguma forma de enrijecimento social ou se, por fugirem do padrão, por uma razão ou outra, tornaram-se alvo do riso, do ridículo. Bergson, provavelmente, decidiria pela primeira opção, já que, para ele, “rigidez, automatismo, distração, insociabilidade, tudo isso se interpenetra, e é de tudo isso que é feita a comicidade de caráter” (Ibid., p. 110).

Para Bergson, a comédia começa quando alguém deixa de comover aos demais, ou seja, quando ocorre certo enrijecimento contra a vida social. O riso é uma espécie de “trote social”, pois se trata de uma espécie de humilhação para quem é objeto dele.

A sociedade propriamente dita, não procede de outra maneira. É preciso que cada um de seus membros fique atento para o que o cerca, que se modele de acordo com o ambiente, que evite enfim fechar-se em seu caráter assim como numa torre de marfim. Por isso, ela faz pairar sobre cada um, senão a ameaça de correção, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, mesmo sendo leve, não deixa de ser temida. Essa deve ser a função do riso. Sempre um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social (BERGSON, 2004, p. 101)

A função de “intimidar humilhando” parece estar presente nas piadas sobre negros. Trata-se de um riso racista. Não existe inocência no riso racista; o que há, ainda conforme Bergson, é o riso da

“insensibilidade”, um riso de brancos, que insistem em afirmar sua superioridade. Por meio das piadas, o racismo adquire formas, às vezes, mais sutis e refinadas, mas igualmente depreciativas e prejudiciais aos cidadãos de pele negra.

A proposta de Bergson (2004) destoa, de certa forma, do comportamento malicioso do povo brasileiro, pois o ato de rir parece transformar-se num ato quase de crueldade. Percebe-se que o alvo do riso vale-se do defeito alheio, do que há de mais frágil e vulnerável. É como se as pessoas esperassem o momento em que o sujeito mais precisa de solidariedade e compaixão para “atacar”. Bergson diz que isso acontece devido à economia de compaixão que tem que haver para que o riso aconteça; daí dizer que, quando ri, o indivíduo é tomado por certa insensibilidade. A não ser que esteja junto a uma terceira pessoa para aproveitar-se também desse momento de vulnerabilidade de um segundo, parece que está sempre rindo *do* outro e nunca *com* o outro.

Talvez fosse interessante considerar como a alteridade é construída no cômico. A outra pessoa é introduzida apenas para ser ridicularizada, já que, quando comparada à outra, é para ressaltar o quanto inferior ela é. Bergson endossa a idéia de o cômico não estar pautado em atributos positivos, uma vez que se ri do tropeço, da queda, da falta de dentes, etc. O alvo cômico parece estar sempre em falta, em desvantagem em relação à pessoa que ri. O riso parece

surgir como uma espécie de punição pelo erro cometido, por ter-se infringido as regras sociais.

De acordo com o autor, a insensibilidade acompanha o riso:

A indiferença é seu [do riso] ambiente natural. O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade. [...] Portanto, o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito (BERGSON, 2004, p. 113).

As piadas, nessa perspectiva, não são definitivamente textos inocentes de humor cujo conteúdo deva ser considerado levianamente, haja vista não serem neutras, mas veículo de ideologias. As piadas que se apresentam como objeto de análise da presente pesquisa referenciam a vitalidade do discurso racista que acentua a diferença entre etnias.

A vitalidade deste discurso pode ser também pensada sob a ótica da psicanálise e sua relação com a língua, conforme descrito na subseção seguinte.

## **1.2 Freud: A Relação entre Chistes e o Inconsciente**

Na obra *Os Chistes e sua relação com o Inconsciente*, Freud (1905) comenta sobre a pertinência de se estudar o tema dos “chistes”<sup>4</sup> ao afirmar que os mesmos relacionam-se intimamente a todos os eventos mentais, fato esse que garante que uma descoberta psicológica, mesmo em campo remoto, possa repercutir em outros campos. Para o autor, os chistes exercem um fascínio na sociedade. Agem como um acontecimento de interesse universal, uma vez que passam de uma a outra pessoa, da mesma forma como uma notícia de vitória recente.

Para Freud, a conversão de um comentário num chiste pode ter duas respostas possíveis: dá-se em razão de que “o pensamento expresso na sentença possui em si mesmo o caráter de um chiste” ou em razão de que “o chiste reside na expressão que o pensamento encontrou na sentença” (FREUD, 1905, p. 29). Ou seja, o chiste é resultado de uma técnica verbal e expressiva, revelando que Freud aponta para o sentido de que o efeito humorístico é resultante de uma técnica lingüística.

Ao considerar que a origem de um chiste pode residir na expressão que o pensamento encontra na sentença, Freud formula as seguintes questões: “Em que consiste a “técnica” do chiste? O que acontece ao pensamento quando o transformamos numa expressão de humor, num chiste que faz rir?” (Ibid., p. 26)

---

<sup>4</sup> O termo chiste é oriundo da obra de Freud (1905) o qual fora primeiramente traduzido em língua inglesa e, posteriormente, para a língua portuguesa, sendo que esta se valeu dessa terminologia. Neste momento, trataremos o termo “chiste” como sinônimo de piada, para essa breve explanação da teoria freudiana.

Dividida em três partes (parte analítica, parte sintética e parte teórica), a obra de Freud analisa, minuciosamente, em primeira instância, as três técnicas que, segundo o autor, contribuem para a construção dos chistes: *condensação, múltiplo uso do mesmo material e duplo sentido.*

A técnica da *condensação* dá-se com a formação de palavra composta ou com modificação. Pela técnica da *condensação* entende-se o resultado de um processo particular que deixa um segundo vestígio na verbalização do chiste - a formação de um substituto responsável pelo efeito de humor. Freud exemplifica com o chiste a seguir:

*Relatava eu, a uma dama, os grandes serviços prestados por um homem de ciência que considerava injustamente negligenciado.*

*- Mas como, disse ela, o homem merece um monumento ("monument")!*

*- Talvez ele o tenha um dia, - repliquei, mas no momento ("momentan") tem muito pouco sucesso.*

*- Bem, desejemos-lhe, então, um sucesso "monumentan". (respondeu a mulher, fazendo a reunião dos dois termos "monument" e "momentan") (FREUD, 1905, p.29).*

O *múltiplo uso do mesmo material* caracteriza-se como um chiste em que ocorre o todo e suas partes, em ordem diferente, com leve modificação com sentido pleno e sentido esvaziado:

O Sr. e Sra. X vivem em grande estilo. Alguns pensam que o esposo ganhou muito dinheiro e tem, portanto, economizado um pouco (dando pouco [...]); outros, porém, pensam que a esposa tem dado um pouco [...] ganhando, portanto, muito dinheiro) (*Ibid.*, p. 40).

Freud cita ainda, um novo grupo de chistes, que, embora possam ser considerados de “*uso múltiplo*”, reúne num terceiro grupo, denominado chistes de *duplo sentido* (significados metafórico e literal, duplo sentido propriamente dito – jogo de palavras):

*Um médico, afastando-se do leito de uma dama enferma, diz a seu marido:*

*- Não gosto da aparência dela.*

*- Também não gosto e já há muito tempo, apressou-se o marido em concordar (Ibid., p.44).*

Freud conclui, entretanto, um “certo exagero” no detalhamento das técnicas que apresenta e pensa a possibilidade de reunir essas técnicas sob um único cabeçalho ou categoria mais ampla, denominada *condensação*. Todas essas técnicas seriam dominadas por uma tendência à “economia” que lhe parece a característica mais geral da técnica dos chistes.

Um outro grupo de chistes mencionado por Freud trata-se dos *trocadilhos*. Segundo o autor, para que o trocadilho ocorra basta que “dois significados se evoquem um ao outro através de alguma vaga similaridade, ou de uma similaridade estrutural geral, ou uma assonância rítmica, ou o compartilhamento de algumas letras iniciais, etc.” (FREUD, 1905, p. 51). Freud prefere considerar os *trocadilhos*

uma subespécie do grupo dos chistes formado pelos jogos de palavras propriamente ditos.

Há ainda, de acordo com Freud, os chistes produzidos através da técnica do deslocamento, cuja “essência consiste no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura” (Ibid., p. 57). Um chiste de deslocamento independe, em alto grau, da expressão verbal. Depende não das palavras, mas do curso do pensamento. No chiste a seguir, a técnica de deslocamento demonstra-se evidente: o tratador quer evidenciar a rapidez do cavalo que está sendo comprado, mas o freguês lhe dá uma resposta inesperada:

*Um palafrenero recomendava a um freguês um cavalo de sela:  
- Se você partir nesse cavalo às quatro da manhã, estará em Pressburg às seis e meia.  
-E o que eu vou fazer em Pressburg às seis e meia da manhã?(Ibid., p. 60)*

Muitas outras técnicas serão descritas por Freud<sup>5</sup>. Porém, reconhecendo a impossibilidade de ter contemplado todas as possíveis técnicas de chistes, Freud observa ter conseguido reconhecer, pelo menos, as técnicas mais comuns e importantes de sua elaboração.

Com o intuito de esclarecer a natureza do chiste, Freud (1905) promove uma discussão sobre o cômico para investigar possíveis

---

<sup>5</sup> Entre essas técnicas, Freud cita a *nonsense*, *unificação*, *representação pelo oposto*, *exageração*, *similaridade ou afinidade*, *alusão*, *analogia*. Porém, o escopo desta pesquisa não se atém detalhadamente a cada uma delas, uma vez que objetiva-se brevemente teorizar sobre o humor para Freud com destaque aos seus estudos sobre os chistes hostis.



semelhanças. Contudo, o cômico é apenas referido para mostrar o quanto difere dos chistes, seu real interesse. Uma das principais diferenças seria o “comportamento social” nestes dois casos. No chiste, são necessárias a primeira e a terceira pessoa para que a produção de prazer seja completa, sendo dispensável a segunda, a não ser que o chiste seja tendencioso. Já para o cômico, duas pessoas são o bastante, pois a primeira constata o cômico e a segunda é em quem se constata. Em outras palavras, um chiste se faz e o cômico se constata. A respeito do cômico, o autor esclarece:

O cômico aparece, em primeira instância, como involuntária descoberta, derivada das relações sociais humanas. É constatado nas pessoas – em seus movimentos, formas, atitudes e traços de caráter, originariamente, com toda probabilidade, apenas em suas características físicas mas, depois, também nas mentais ou naquilo em que estas possam se manifestar. (FREUD, 1905, p. 215)

Parte desta descrição a classificação do cômico em cômico no movimento e na ação, e cômico constatado nas funções intelectuais e nos traços de caráter de outras pessoas. Tanto o primeiro como o segundo se dão através da comparação que o “eu” estabelece entre o “mim” e “o outro” e, em ambos, o prazer proporcionado se dá através da degradação e humilhação, já que é através da comparação de superioridade do “eu” em relação ao “outro” que se realiza o efeito cômico. A superioridade do “eu” acontece ou porque se constata o excesso de despesa de energia que uma pessoa

demonstra ao fazer algum movimento, ou ao contrário, porque percebe que a outra pessoa economiza em excesso essa despesa para realizar algum ato mental. Cabe ressaltar que esse sentimento de superioridade só vai acontecer quando houver o que Freud chama de “empatia”, ou seja, quando há outra pessoa envolvida e quando a situação vexatória ocorrer com a mesma que corresponde ao outro a quem o “eu” se refere.

O cômico da comparação de Freud aproxima-se ao que Bergson refere-se sobre a comicidade das formas e movimentos. Freud chama a atenção para essa ligação, especialmente ao referir-se à “mecanização da vida” como origem do cômico.

Se, ademais, aceitamos estas plausíveis sugestões de Bergson, não acharemos difícil incluir sua concepção sob nossa própria fórmula. A experiência tem ensinado que toda coisa viva difere de tudo o mais e requer uma espécie de despesa para nossa compreensão; desapontamo-nos se, em consequência de uma completa conformidade ou de uma mímica enganadora, não precisamos fazer nenhuma nova despesa. Desapontamo-nos no sentido de um alívio, sendo descarregada pelo riso a despesa com a expectativa que se tornou supérflua. A mesma fórmula cobriria todos os casos que Bergson considera de rigidez cômica (“raideur”) [...] Todos estes casos se reduziriam à comparação entre a despesa com a expectativa e a despesa efetivamente requisitada para a compreensão de algo que persiste sendo idêntico (FREUD, 1905, p. 195).

Freud focaliza o que nomeia “os propósitos dos chistes”. A partir do “efeito perturbador” que um chiste pode ou não produzir, são identificados dois tipos de chistes: aqueles que têm um fim em si mesmo, não servindo a um objetivo particular (chamados chistes

abstratos ou inocentes) e aqueles que têm um propósito (chistes tendenciosos). Considera, todavia, que os chistes “abstratos” ou “inocentes” não correspondem a chistes “triviais” ou “carentes de substância”.

Para o autor, é fundamental esclarecer quais os propósitos dos chistes. Quando o chiste não é inocente, ou seja, não tem objetivo em si mesmo, provavelmente atenderá a dois propósitos: ou será um chiste hostil (servindo ao propósito de agressividade, sátira ou defesa), ou será um chiste obsceno (servindo ao propósito de desnudamento: *smut* ou pornografia).

Os chistes tendenciosos têm a seu dispor fontes de prazer que vão além daquelas abertas aos chistes inocentes. Enquanto que para os chistes tendenciosos o prazer está de algum modo vinculado a uma técnica, nos chistes hostis, além da técnica, há o prazer da superação de um obstáculo para a satisfação de um instinto. Freud aponta para o fato de que os chistes tendenciosos podem ter, ainda, um propósito hostil: hostilidade contra os estrangeiros, negros, homossexuais, mulheres, dentre outros. Afirma que desde a infância individual, e, similarmente, desde as origens da civilização humana, os impulsos hostis contra o próximo têm-se sujeito às mesmas restrições, à mesma progressiva repressão dirigidas às tendências sexuais humanas. De acordo com Freud, os chistes tendenciosos são aqueles que visam atingir uma segunda pessoa ridicularizando-a, já que este tipo de chiste se aproxima muito do cômico, conforme

concebe Bergson (2004), porque visa humilhar a pessoa que será seu alvo.

Nessa perspectiva, “o outro”, nos chistes tendenciosos, é introduzido apenas para ser ridicularizado, já que, quando comparado ao “eu”, é para ressaltar sua inferioridade. Do mesmo modo que Freud, Bergson também endossa a idéia de o cômico não ser a favor, uma vez que se ri do tropeço, da queda, da falta de dentes ou de inteligência do outro, conforme exposto anteriormente. O riso parece surgir como uma espécie de punição pelo erro cometido, por ter-se quebrado as regras sociais, ou ainda, por estar fora dos padrões considerados adequados.

Para Freud, o chiste diferencia-se do efeito cômico por estar localizado no inconsciente, enquanto que, no cômico, a fonte de prazer estaria na pré-consciência. Enquanto Bergson afirma que uma pessoa torna-se cômica para outra porque uma parte dela automatizou-se, processo esse totalmente inconsciente para quem é alvo do riso, Freud parece entender que o chiste, por excelência, pertence à ordem do inconsciente. Como ilustração, o autor cita o comentário de Heine a respeito da cidade de Göttingen, em Harzreise:

*Falando de um modo geral, os habitantes de Göttingen dividem-se em estudantes, professores, filisteus e asnos e essas quatro classes estão divididas de forma absolutamente nítida (FREUD, 1905, p. 87).*

Embora possa ser considerado semelhante ao de Heine, o exemplo abaixo caracteriza-se, segundo Freud, como cômico, mesmo não constituindo um chiste:

*Com um forçado e muito esforço/ Sua mãe pescou-o do ensopado (Ibid., p. 87).*

Diante dessa diferença, Freud afirma estar o humor, por se localizar também na pré-consciência, mais próximo do cômico do que do chiste. O humor, segundo o autor, assim como o chiste, é um subtipo do cômico, porém essa subclassificação não significa uma desvalorização, já que, tanto o chiste como o humor são vistos como intelectualmente superiores ao cômico, sendo que o chiste e o humor seriam apenas formas de manifestação do cômico.

Como o próprio Freud diz: “(...) pode-se dizer que o chiste é a contribuição feita ao cômico pelo domínio do inconsciente”. Enquanto que o humor “[...] entre as espécies do cômico, é a mais facilmente satisfeita. Completa seu curso dentro de uma única pessoa; a participação de alguma outra nada lhe acrescenta” (FREUD, 1905, p. 212).

Segundo o autor, o humor caracteriza-se como uma economia do afeto, isto é, enquanto no cômico uma situação aflitiva, se encarada como um dano, maldade ou dor, irá perder seu efeito cômico, o humor entra justamente para produzir o riso. A explicação reside justamente no fato de o humor se completar na pessoa que sofre com uma situação aflitiva, quando ela, ao invés de chorar ou

sentir pena de si mesma, consegue tirar da situação um prazer humorístico, economizando afeto e compaixão.

A percepção de que a pessoa que sofreu a situação aflitiva resolveu rir de si mesma, dá liberdade às outras pessoas para liberar o riso, obtendo o que Freud chama de prazer cômico. A compaixão é inibida, sendo substituída pelo riso, uma vez que as pessoas se sentem “autorizadas” a fazê-lo, já que estão tomadas pela indiferença do sofredor consigo mesmo. O riso só não acontece quando os indivíduos se sentem admirados pela capacidade do outro de se superar. A anedota a seguir é apresentada por Freud como exemplo de humor, pois, embora a situação do vagabundo seja desesperadora, o fato de não se importar com ela, deixa o leitor/ouvinte livre para rir: “O vagabundo em seu caminho para execução pede um lenço para cobrir a garganta de modo a não pegar um resfriado – precaução em outras circunstâncias louvável, mas que, em vista do que tão brevemente se reserva a seu pescoço, torna-se notavelmente supérflua e desimportante” (FREUD, 1905, p. 258).

Para Freud, este tipo de humor que gera a expectativa de compaixão ou simpatia, por exemplo, e, logo depois, “desloca” o leitor/ouvinte dessa sentença para algo não esperado e secundário, só funciona quando esse deslocamento, essa quebra da expectativa se der de forma consciente, daí o cômico localizar-se no pré-consciente.

A fim de estabelecer a semelhança entre o cômico, o humor e o chiste, Freud afirma que a produção de prazer, nos três, se realiza

através da “economia”: “O prazer nos chistes pareceu-nos proceder de uma economia na despesa com a inibição, o prazer no cômico de uma economia na despesa com a ideação (catexia) e o prazer no humor de uma economia na despesa com o sentimento” (Ibid., p. 96).

Os chistes tendenciosos caracterizam-se como humorísticos justamente por serem regidos pela economia na despesa com o sentimento. Possibilitam explorar no inimigo algo de ridículo que não se poderia tratar abertamente; permite superar os obstáculos e, dessa maneira, explorar os “inimigos” – estrangeiros, pessoas em posição elevada que reivindicam o exercício da autoridade, ou outras categorias de pessoas que, geralmente, a sociedade trata como tal: negros, portugueses, loiras burras, homossexuais, mulheres/esposas etc. O chiste, por possuir a qualidade de humorístico, evita restrições e abre fontes de prazer que se tornam inacessíveis em outro gênero discursivo mais “sério”.

Freud (1905, p. 102), ao tratar do papel desempenhado pelos chistes a serviço de um propósito hostil, afirma que “a hostilidade brutal, proibida pela lei, *foi substituída pela invectiva verbal*”. O autor considera, dessa maneira, o papel do discurso veiculado nos chistes hostis (o qual, nesse estudo, trata-se da aplicabilidade de sua teoria às piadas hostis ao negro). Pode-se considerar, nessa perspectiva, que as piadas racistas também podem, de alguma forma, serem vistas como parte do que Freud chama de “nova técnica de invectiva que objetiva o aliciamento [...] contra nosso inimigo”.

As piadas racistas poderiam ser interpretadas, então, como produtos verbais destinados a substituir, nas sociedades civilizadas, conforme expõe o psicanalista, a liberação de uma ação violenta, reprimida contra o “próximo”. Os chistes seriam, dessa forma, modos de “contornar” a proibição de manifestação das hostilidades dos indivíduos contra seus inimigos: “Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo” (FREUD, 1905, p. 103).

Nessa perspectiva, as piadas racistas, além de substituir ações violentas contra o negro, têm também servido historicamente para justificar ações de violência efetivamente praticadas contra o mesmo. Assim, não parece adequado entender o vocábulo “substituir”, em termos absolutos. Afinal, transformar pelo discurso o negro em alvo de zombarias e depreciação não deixa de ser de certo modo violência.

Para Freud (1905, p. 257), apesar dos afetos dolorosos, o humor é o meio de obter prazer. Atua, entretanto, como um substitutivo para a geração desses afetos, colocando-se no lugar deles. Assim, o prazer do humor revela-se ao custo de uma liberação de afeto que não ocorre; procede de uma economia na despesa de afeto.

Freud, portanto, avalia o humor negro de forma dura e sem sentimentalismo, como uma economia de emoção e de compaixão, mostrando que não existem limites para a prática de contar piadas que envolvem ódio, inveja, medo, etc.



O interesse de Freud ao analisar os chistes está ligado, primariamente, àquilo que, neles, pode explicar os mecanismos da mente e as organizações psíquicas, àquilo que estariam revelando sobre o inconsciente humano. Contudo, sua obra, na medida em que analisa minuciosamente as técnicas de produção dos chistes, e suas intenções de crítica a certas instituições, a certos costumes e valores sociais, pode, ainda, despertar o interesse dos estudiosos da Lingüística ou da Análise de Discurso.

### **1.3 Possenti: a constituição do texto humorístico**

A fim de discutir os temas abordados pelos textos humorísticos, Possenti (1998), na obra *Os Humores da Língua*, apresenta um texto de Millôr Fernandes como reflexão sobre a motivação para a produção do humor:

Inextirpável no ser humano, mesmo o mais sensível, o gosto perverso de contar piadas sobre minorias (no Brasil negros, judeus, portugueses, bichas), grupos já discriminados pela natureza (anões, corcundas, aleijados), pessoas marcadas por características dramática (caolhos, capengas, manetas), ou com defeitos ridicularizáveis (gago, fanho, surdo) etc. Quanto aos grupos étnicos, as piadas no Brasil se referem desprimorosamente a argentinos (que por sua vez nos chamam de macaquitos), franceses, alemães, porém, preferivelmente, detratam judeus, portugueses e negros. Mas, reparem bem, vocês já viram portugueses contando piadas de português, é comuníssimo judeu contar piada de judeu, mas eu, pelo menos, não me recordo de negro contando piada de negro. A explicação me parece simples; a piada sobre português (burrice) ou sobre judeu (principalmente

argentarismo) é perfeitamente assimilável. A sobre negro (vagabundo, ladrão, primata) é dolorosamente ofensiva, humilhante, não assimilável pelos, sem trocadilho, alvos. Com a palavra teólogos, psicólogos, antropólogos e demais ociólogos (POSSENTI, 1998, p.14-15).

Embora Possenti apresente os temas mais corriqueiros em piadas, afirma não ser este o objetivo de sua obra. Seu estudo visa considerar as piadas sob um viés lingüístico, ou seja, as chaves lingüísticas que desencadeiam o riso, o “como” (o funcionamento das piadas) e não o “porquê” (o significado das piadas) do humor. Portanto, para o autor, interessam principalmente aspectos lingüísticos envolvidos no humor, isto é, como funcionam as piadas, desconsiderando questões fisiológicas, psicológicas e sociológicas. Para justificar esse caminho, Possenti recorre a Freud, argumentando que o “chiste consiste fundamentalmente numa certa técnica, na forma, e não num conteúdo ou num sentido” (POSSENTI, 1998, p. 17). Contudo, embora o viés lingüístico seja o foco do autor nesta obra, conforme se verá na seqüência, Possenti reconhece o estatuto identitário como um dos princípios norteadores para o estudo de piadas.

O autor argumenta que os elementos utilizados para atingir o humor são os mais distintos. Chama a atenção para que se observe na leitura e produção do chiste a exigência de se acionar um mecanismo, quer sintático, morfológico ou de outra natureza, a fim de encaminhar a ambigüidade a um sentido único. Na leitura dessa

manifestação lingüística, o leitor é obrigado a deixar de lado interpretações possíveis, por serem incongruentes em relação ao restante do texto, uma vez que, no texto humorístico, há um enunciado potencialmente ambíguo que se desambigua em seguida, impondo ao leitor uma interpretação única.

Em *Os humores da língua*, Possenti afirma que não existe uma "lingüística do humor". Para isso, aponta três razões:

a) não há uma lingüística que tenha tomado por base textos humorísticos para tentar descobrir o que faz com que um texto seja humorístico, do ponto de vista dos ingredientes lingüísticos;

b) não há uma lingüística que explicita ou organize os ingredientes lingüísticos que são acionados para que o humor se produza;

c) não há uma lingüística que se ocupe de decidir se os mecanismos explorados para a função humorística têm exclusivamente essa função ou se se trata do agenciamento circunstancial de um conjunto de fatores, cada qual podendo ser responsável pela produção de outro tipo de efeito em outras circunstâncias ou em outros gêneros textuais (Ibid., 1998, p. 20-21).

Possenti justifica seu interesse pelo estudo das piadas e busca convencer o leitor a estudá-las, argumentando que as temáticas veiculadas (re)produzem discursos sócio-historicamente arraigados:

Só há piadas sobre temas socialmente controversos; [...] piadas operam fortemente com estereótipos (porque veiculam visão simplificada dos problemas ou tornam-se mais facilmente compreensíveis); as piadas são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não-oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas (POSSENTI, 1998, p. 25-26).

Para Possenti (1998), as piadas são bons exemplos para explicitar princípios de análise lingüística e fornecem excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas, particularmente para a Análise do Discurso, quando esta se propõe a defender a tese da relevância das condições de produção. As piadas só ocorrem “num solo fértil de problemas” particularmente naqueles cultivados durante séculos de disputas e de preconceitos. O preconceito ao negro é, certamente, dentro da história da sociedade brasileira, um solo fértil de problemas historicamente construídos.

Possenti (1998) observa que, embora não exista uma lingüística do humor, o texto humorístico, particularmente os chistes ou piadas, pode ser explicado a partir dos mecanismos lingüísticos que o tornam um tipo especial de texto: voltado para os efeitos de sentido humorísticos e para provocar o riso.

A partir de uma perspectiva lingüística, o autor destaca alguns mecanismos que, nas piadas, são responsáveis pela produção do humor. Tais mecanismos podem envolver vários níveis lingüísticos, como por exemplo, o fonológico, o morfológico, o lexical, além de

outros ligados aos elementos de coerência textual – pressuposição, inferência, conhecimento prévio, ou ainda, questões de variação lingüística ou de tradução.

De acordo com Possenti (1998), além de constituírem um material vasto para se explicitar princípios de análise lingüística, as piadas podem fornecer argumentos para pesquisas ligadas às teorias textuais ou discursivas. Do ponto de vista discursivo, versam sobre temas socialmente controversos, pois resgatam diversas manifestações culturais, ideológicas ou valores arraigados, tais como temas ligados ao sexo, à corrupção política, às instituições sociais, à aparência física, aos preconceitos raciais, etc. Além disso, as piadas operam intensamente com estereótipos (como, por exemplo, “preto fede”; “português é burro”; “loira é burra”; “gaúcho não é macho”, etc.), constituindo-se em veículo de um discurso que não pode ser socialmente e abertamente difundido. Por isso, encontram no humor seu meio de manutenção e propagação.

O discurso humorístico permite a veiculação de discursos que não são (ou não podem ser) explicitados correntemente. Se alguém deixa transparecer, por exemplo, o preconceito contra negros, poderá, certamente, sofrer as sanções previstas na Lei 7.716/89, do Código Civil, que descreve os crimes resultantes de preconceitos de raça e cor. Todavia, se é contada uma piada sobre negros, o ato pode ser considerado, como comumente se diz, uma “brincadeira inocente” ou uma simples “piada”. O fato é que o discurso humorístico

consegue dizer o que não pode/deve ser dito, provavelmente porque não há um juízo de valor sobre quem conta ou quem ouve piadas.

As piadas funcionam como o lugar onde as leis (morais, éticas) que regem a sociedade são suspensas, até mesmo porque não há como responsabilizar alguém pela autoria de uma piada, uma vez que as piadas não são acompanhadas pela indicação de seus autores.

Se a questão da autoria é fundamental para o estabelecimento da unidade e sentido do texto, por outro lado, a não-autoria presente no discurso humorístico tem, também, um papel fundamental. Se ser autor é ser responsável pelo que se diz, as piadas não devem/podem ter um autor.

Possenti (1998) entende que as piadas “são uma evidência de que existem discursos que se dizem – que são ditos por todos – dadas certas condições, sem que sua origem esteja relacionada a um indivíduo de forma relevante” (Ibid.,p. 37). Essa característica permite que os discursos humorísticos veiculem, além de seus sentidos mais apreensíveis, outros que podem estar vinculados a conceitos/preconceitos socialmente arraigados.

Pelas suas especificidades, as piadas oferecem argumentos para se defender hipóteses sobre autoria, leitura e texto. Como o que importa é o efeito que se produz ao se enunciar uma piada, não quem a enunciou, as piadas demonstram a possibilidade de uma leitura sem a consideração do autor. Além disso, oferecem argumentos significativos para se defender a hipótese de que o leitor é fundamental no processo de leitura (cabe ao leitor do enunciado

humorístico, dentre os sentidos possíveis, afastar o que é óbvio e descobrir o menos óbvio, aquilo que é relevante para o efeito humorístico da piada), e também oferecem excelentes argumentos para quem quer defender a hipótese de que o texto é o fator mais relevante no processo de leitura, na medida em que o efeito humorístico exige atenção aos detalhes lingüísticos responsáveis pelos seus efeitos, como, por exemplo, nos textos em que a leitura intertextual é fundamental:

*Um médico estava num trabalho de parto. O neném, um neguinho, nasceu. Mas o doutor ficou por mais de 20 minutos, ainda, batendo na bunda do moleque. Ninguém entendeu nada. Foram perguntar o motivo ao médico. Ao que o médico disse, enfurecido:*

*- O trabalho de parto já acabou! Estou é enchendo esse filho da puta de porrada pra ele devolver o meu Rolex!!!*

A fala do médico na piada só pode ser compreendida se o leitor compartilhar do conhecimento relacional estabelecido entre negro e roubo. Há um discurso social que atribui a adjetivação de ladrão ao negro. Assim, entende-se, na piada acima, que o bebê negro, logo ao nascer, imediatamente se iniciou no mundo do crime ao furtar o relógio do médico (da marca *Rolex*).

A compreensão dos efeitos de sentido torna-se fundamental para o estabelecimento do efeito humorístico nas piadas, como ocorre na piada mencionada anteriormente, quando ao negro se atribui a qualidade de ladrão, aspecto principal enaltecido pela piada. Certamente, podem ocorrer outras interpretações, tal como a moralidade atribuída à mãe do bebê, a quem o médico refere-se

como “filho da puta” e a posição social do médico que possui um relógio da marca *Rolox*, cujo alto custo o torna inacessível à grande maioria da população.

Segundo Possenti (1998), o humor parece estar muito mais ligado ao fato de se poder dizer algo que é mais ou menos proibido do que um propósito crítico, revolucionário ou contrário a certos costumes arraigados. Para o autor, o que é novo na piada é sua forma e não aquilo que ela diz, pois a função fundamental do humor não é melhorar/criticar os costumes sociais, mas ser bom tecnicamente.

Não se pode negar que existam piadas que fazem crítica à sociedade, porém reproduzem, e só indiretamente, discursos que já circulam de alguma forma. É o caso, por exemplo, do humor político. Tais piadas, todavia, são transitórias, uma vez que parecem explorar características específicas de certos políticos ou de certas etapas da história política – condições de produção – de alguns países ou governos.

Possenti destaca que os textos humorísticos supõem uma espécie de controle de sua interpretação, isto é, se não acontecer a apreensão necessária do efeito humorístico, perderão sua função principal: serem percebidos como textos humorísticos. Portanto, o texto humorístico desautoriza outra leitura, uma vez que “as piadas têm sua própria estratégia de imposição de leitura, que consiste basicamente em apresentar ao leitor diversas possibilidades, para em seguida, impedir-lhes algumas” (POSSENTI, 1998, p. 62). É o caso, por exemplo, das piadas que exigem operações epilingüísticas (operações



ativas que o leitor faz sobre certos dados lingüísticos, analisando-os a partir de vários mecanismos ou segmentações alternativas da cadeia lingüística nos mais diversos níveis: morfológico, fonológico, lexical, além de outros ligados aos elementos de coerência textual – pressuposição, inferência, conhecimento prévio, ou ainda, questões de variação lingüística ou de tradução).

Comumente, diferentes piadas operam em níveis simultâneos. Para fins de exemplificação e com o intuito de facilitar a compreensão, os textos que seguem são ilustrativos de um único nível.

- *Sabe o que o passarinho pediu para a passarinha?*
- *Não.*
- *Qué danoninho?*

Essa piada é, segundo o autor, um exemplo de texto que busca o humor a partir do mecanismo fonológico. Para além do conteúdo sexista, o que essa piada tematiza, do ponto de vista do material lingüístico, é a possibilidade de duas leituras da seqüência “danoninho”, que pode ser lida como uma só palavra, significando um pequeno pote de danone (danoninho), ou, alternativamente, como “que(r) da(r) no ninho”, ou seja, como uma “cantada” do passarinho para a passarinha. Contudo, para ser entendido como um texto humorístico, a primeira leitura impede uma outra interpretação qualquer.

Por outro lado, o humor é atingido, na piada a seguir, a partir de sua constituição lexical:

*A velhota, superantiquada, recomenda à neta:*

*- Benzinho, há duas palavras que eu quero que você prometa nunca mais dizer. Uma é bacana e a outra é nojenta. Você promete?*

*- Claro, vovó. E quais são as palavras?*

Esse é um exemplo de como a linguagem tem funcionamento metalingüístico. No caso, há uma separação entre a referência (menção) e a aplicação (uso) que cada um dos falantes faz das palavras bacana e nojenta.

Na piada seguinte, Possenti (1998) exemplifica a produção do humor a partir do mecanismo morfológico que inclui, por sua vez, o nível fonológico:

*Perguntaram ao português: - O que é um homossexual? Ele respondeu: - É um sabão para lavar as partes.*

No nível morfológico, de acordo com a separação feita na cadeia, temos mais ou menos palavras em questão, e isso é um problema de morfologia. Basta pôr, em primeiro plano, a formação de uma das seqüências (homo + sexual) ao lado de outra (homo+ sexo + al) para que se evidencie a proximidade dos níveis morfológico e fonológico.

O mecanismo sintático pode ser exemplificado a partir da piada a seguir:

*Duas pessoas caminham lendo lápides em um cemitério, quando se deparam com os seguintes dizeres: AQUI JAZ UM POLÍTICO E UM HOMEM HONESTO.*

*– Nossa, que povo pão-duro! – disse uma delas. – Enterraram duas pessoas em um mesmo caixão.*

O humor dessa piada decorre do fato de se ler a inscrição como um período simples ou composto. No epitáfio busca-se transmitir que o morto, além de político, era também honesto. Essa idéia de adição às qualificações do defunto é assim compreendida a partir da leitura da lápide como um período simples. No entanto, a leitura feita leva em conta a idéia de adição entre duas orações. Assim, têm-se coordenadas aditivas com a elipse do verbo na segunda: Jaz um político e (jaz) um homem honesto. Implícito na piada há o sentido de que todo o político é corrupto. Rir dessa piada implica na compreensão, por parte do leitor/ouvinte, desse sentido exposto e demonstra que o mesmo compartilha desse conhecimento, concorde ele ou não.

Possenti apresenta a dêixis como elemento lingüístico responsável pelo humor na piada a seguir:

*- Não deixe sua cadela entrar na minha casa de novo. Ela está cheia de pulgas.*

- *Diana, não entre nessa casa de novo. Ela está cheia de pulgas.*

Dêiticos são formas lingüísticas, cuja referência só pode ser determinada pelo contexto. A indeterminação dos dêiticos é um campo fértil para a produção de humor. Os pronomes pessoais estão submetidos a condições que ultrapassam um, aparentemente simples, contexto. Como se percebe na piada em questão, o pronome “ela” é um dêitico, isto é, uma referência, e, no caso desse texto, depende do pressuposto que determina a ocorrência de um nome de referência idêntica, e que há dois sentidos possíveis: tanto “cadela” quanto “casa” podem ter referentes idênticos ao de “ela”. Esses dois sentidos podem ser fonte de equívoco, o que possibilita a produção do humor nessa piada.

Embora Possenti, em *Os Humores da Língua* (1998), considere os elementos lingüísticos no trato ao texto humorístico, reconhece os valores sociais – preconceitos, ideologias – que circundam tais textos e, em *Os limites do Discurso* (2002), passa a estudar os textos humorísticos sob o prisma da questão identitária. Assim, lança-se a um novo desafio: “tentar associar as piadas à questão da identidade, ou mais claramente, tentar explicitar aspectos da representação identitária através de material humorístico” (POSSENTI, 2002, p. 155).

Conforme Possenti (2002, p 157), “piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade – estereotipada...” A associação entre humor e identidade presentes

nos discursos humorísticos nem sempre são negativas, contudo, no que diz respeito à etnia negra, estes discursos lhe conferem uma identidade negativa, devido às associações de negros a animais e a pessoas de índole suspeita, dentre outras.

Como todo discurso, o humorístico é resultado de outros discursos que socialmente são institucionalizados. O discurso depreciativo ao negro, tal como surge nas piadas, é resultado de outros discursos depreciativos, estereotipados que circulam na sociedade.

O gênero discursivo humorístico busca, no pretérito, discursos cristalizados que tematizam situações que envolvem preconceitos de uma dada sociedade. É o caso das piadas sobre os negros no Brasil que (re)produzem um discurso racista e, por isso, preconceituoso, contribuindo para a constituição de uma identidade negativa para o afro-descendente.

O caráter conservador característico das piadas, como menciona Possenti (1998), sustenta o discurso da depreciação ao negro quando este é o personagem desse gênero humorístico. Esse discurso é, de certo modo, pronto e, ao circular, assume como suportes, formas diferentes, mas sempre conservando o traço recorrente do preconceito, mesmo que, para isso, seja preciso forjar situações (cenário, figuras, temas, etc.) mais absurdas.

Parece óbvio que, no contexto brasileiro, uma piada preconceituosa que possua o negro como tema, não encontre resistência ou estranhamento diante dos leitores/ouvintes, uma vez

que o negro foi alvo de humilhação e escravização legalmente consentidas em um período da história brasileira. Todas as comparações realizadas entre negros e animais, assim como o julgamento de sua índole e de suas condições de higiene nas piadas sobre negros, remontam à época escravocrata brasileira e são reproduzidas ideologicamente possibilitando a estigmatização do negro. Assim, o conteúdo das piadas sobre negros, embora com novas “roupagens” a partir de novos cenários, figuras, temas, são históricas, transmitidas de geração a geração. Sob a justificativa de serem “engraçadas”, escondem em si o discurso preconceituoso que seria contestado ou mesmo punido legalmente se o veículo desse discurso fosse outro que não o humorístico a partir das piadas.

A revisitação à obra de Possenti (2002) permite perceber como o discurso do preconceito racial se utiliza do discurso humorístico para sua perpetuação. As piadas sobre negros, embora socialmente não passem de uma “brincadeira”, visto que objetivam provocar o riso em quem as ouve, podem contribuir para a construção de uma identidade essencializada e negativa para esses sujeitos. A repetida enunciação das sentenças performativas das piadas tais como “negro é ladrão”, “negro fede”, “negro é animal”, pode realimentar o preconceito racial e a estigmatização do afro-descendente brasileiro. A partir das piadas, o discurso da discriminação racial continua a nutrir-se de múltiplas (re)enunciações que resultam na reprodução do preconceito racial.

No capítulo a seguir, discute-se sobre o conteúdo (re)enunciado nas piadas que tematizam o negro. Para tanto, far-se-á um estudo sobre a representação e constituição da identidade do negro na sociedade brasileira. Ademais, uma revisão sobre a história da presença africana no Brasil fornecerá subsídios para compreender o modo como o negro é representado na cultura brasileira e, conseqüentemente, para justificar a identidade negativa que fora constituída sobre o negro na sociedade.

## **2 DA HISTÓRIA À REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

“As identidades não são fundamentalmente propriedades privadas dos indivíduos, mas construções sociais, suprimidas e promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante.”

Kitzinger<sup>6</sup>

Na cultura brasileira, os significados partilhados em relação ao afro-descendente promovem uma constituição identitária depreciativa desse sujeito. O preconceito étnico direcionado ao negro brasileiro o posiciona em uma situação de menor valor em relação a outros

---

<sup>6</sup> Epígrafe retirada da obra: MOITA LOPES, Luiz Paulo. Discursos de Identidades. Campinas: Mercado de Letras, 2003.



grupos étnicos, especialmente, ao homem branco de origem européia, que consiste, atualmente, no modelo étnico predominante na sociedade.

A estigmatização do negro possui raízes históricas e é veículo de formações ideológicas e culturais. No Brasil, particularmente, vincula-se estreitamente à escravatura. Por considerar que o conhecimento sobre o processo de escravidão e abolição protagonizado pelo negro no Brasil contribui para que sejam compreendidas as especificidades das raízes do preconceito racial e social, bem como as representações depreciativas dirigidas ao afro-descendente, o presente capítulo objetiva, em um primeiro momento, apresentar a história do negro no Brasil desde o tráfico negreiro ao advento da República. Após as considerações históricas que permitem a compreensão de como, historicamente, o negro vem sendo representado na cultura brasileira, discutem-se os conceitos de representação e identidade, que se constituem em práticas centrais geradoras da cultura.

Os estudos sobre a representação e a constituição identitária do negro por meio do discurso, permite compreender o conteúdo discriminatório das piadas que tematizam o negro.

## **2.1 Etnohistória do Negro no Brasil**

Segundo Chiavenato (1980), a origem da história do tráfico negreiro se deu com a conquista de Ceuta, em 1415, quando Portugal iniciou sua exploração na África. Em 1444, realizou-se a primeira expedição portuguesa para o tráfico de escravos. As primeiras expedições foram marcadas por assaltos às aldeias, visando à dominação do povo com a utilização de armas de fogo. Muitas famílias foram obrigadas a entrar em navios com rumo a Portugal, porém, nem todos chegavam a sobreviver **à viagem**.

Neste período, a negociação de escravos com chefes de tribos rivais em troca de mercadorias de baixo custo (espelhos, adornos, tecidos, etc.), substituiu, gradativamente, os assaltos às aldeias. Chiavenato (1980) comenta que a Igreja Católica teve papel preponderante no tráfico de negros. Por meio da bula *Romanus Pontifex* (08/01/1455), o Papa Nicolau V, acentuou a idéia de que era preciso cristianizar os africanos, batizando-os e integrando-os à sociedade cristã, mesmo que isso representasse a morte de muitos deles. Mais tarde, o pontífice concedeu a D. João III, o direito ao padroado, ou seja, ao rei de Portugal era concedido o direito de “arrebanhar novos crentes” para a religião católica, além da permissão de cobrar e administrar os dízimos eclesiásticos, as ofertas dos fiéis para a Igreja.

Registros indicam que as primeiras expedições portuguesas ao Brasil, ocorridas entre 1516 a 1526, já traziam negros escravos vindos de Portugal, tendo em vista que a presença dos mesmos já era comum na vida portuguesa. Apesar disso, Silva (2003) explica que a

chegada da primeira leva de escravos vindos da África para o Brasil deu-se, oficialmente, em 1549, na cidade de São Vicente, no litoral paulista.

O autor comenta que os povos africanos trazidos ao Brasil eram originários de diferentes regiões da África: África Ocidental, África Central e Sudeste da África Ocidental. O percurso entre o continente africano e o americano durava em média 120 dias e era marcado por muito sofrimento, pois as condições dos navios que transportavam escravos ao Brasil eram precárias. Havia pouca comida, pouca água e total falta de higiene, uma vez que os mercadores lotavam os navios de escravos para reduzir o custo da expedição. Embora as perdas de vidas humanas, durante a expedição, fossem muitas, o alto preço de cada escravo vendido compensava a perda financeira do traficante.

A chegada dos africanos ao Brasil significava a destruição de muitas famílias, uma vez que pais, mães e filhos eram vendidos separadamente em leilões realizados em praça pública. A Praça da Bandeira, localizada no centro da capital paulista foi palco desse tipo de leilão, conforme descreve Marques (1999):

Logo que o sol se aprumava, chegavam ao largo os senhores de calças de brim branco engomadas, sobrecasaca, chapéu alto preto, ou um legítimo “panamá” branco, acompanhados das sinhazinhas de rostos pálidos, risonhas, mantilha de seda e vestidos repolhudos. Chocavam-se com uma fileira de “mercadoria negra”, representado pelos “pais-joões” e pelas “mães-bentas” com seus assustadiços rebentos negros, que ficavam em destaque numa vitrine

melancólica, à exposição da cobiça dos compradores. O leilão começava ao meio-dia, quando tocava o sino de bronze da Igreja de São Francisco; a partir desse momento, senhores e senhoras circulavam. Crianças existiam em abundância e eram muito procuradas para o trabalho doméstico e para os recados urgentes. Os mais moços eram sempre mais procurados, enquanto os mais velhos eram aceitos apenas em liquidação, ou serviam para ser enviados de presente a amigos, no último dia do ano (MARQUES, 1999 p. 23).

A indiferença da população branca que assistia e participava do leilão de escravos chocava-se com o desespero de mulheres gritando, reclamando os filhos perdidos, homens tentando desvencilhar-se das correntes e crianças assustadas. Os negros, segundo Mattoso (1987, p. 88), eram vendidos como “peças” que acompanhavam seu senhor após o leilão, deixando para trás a família, os amigos ou qualquer laço que conseguisse sobreviver à travessia da viagem. Sua vida, seu modo de viver e suas relações seriam determinadas pelo seu senhor, pois, assim como imóveis ou animais, o escravo tornava-se seu patrimônio. Nos inventários e heranças, os escravos e os animais eram classificados como bens semoventes<sup>7</sup>, apenas distinguindo-se de bens móveis e imóveis.

Como bens, eram comprados, trocados, alugados e vendidos como mercadorias. Os negros apareciam, inclusive, em anúncios de classificados de jornais na época pré-abolicionista, como se pode confirmar a partir das ilustrações de classificados abaixo, retirados da obra *100 anos de propaganda* que apresenta uma coletânea de anúncios publicitários de 1875 a 1980.

---

<sup>7</sup> Que se movem.

## Negrinha

Compra-se uma de 12 annos para fóra.  
Informe-se com Francisco Guedes, rua da  
Imperatriz. 3-3

5. A Prov. de S. Paulo - 25/1/1877

## ANNUNCIOS.



FUGIO a Joaquim Bonifacio do Amaral da cidade de Campinas um escravo de nome Adão, de idade de 40 annos mais ou menos, estatura regular; tem a mão direita secca, e falta, não completa de um dedo em um dos pés. falla grossa, e fei quem o aprehender, e entregar a seu senhor naquelle cidade, ou nesta capital a Manoel Antonio Bitancourt receberá a gratificação de seu trabalho, além das despesas que fizer.

## Excellento escravo

Vende-se um creoulo de 22 annos, sem vicio e muita fiel: bom e sacedo cozinheiro, copeiro, bolieiro. Faz todo o serviço de servaço de casa com presteza, e é o melhor trabalhador de raça que se póde desejar; humilde, obediente e bonita figura. Para tratar: a ladeira de S. Francisco n. 4. 5 4

3. A Provincia de São Paulo - 20/12/1878

## Escravo á venda

Vende-se por commodo preço um escravo apto para todo o serviço, na rua do Carmo n. 71. 10-4

Segundo Florentino (1997), cerca de 15 milhões de habitantes da África subsaariana foram traficados para viabilizar a exploração econômica do Novo Mundo. Desses, cerca de 4,5 milhões ficaram no Brasil.

### 2.1.1 O escravo na sociedade colonial

Segundo Almeida (2001), a mão-de-obra escrava era utilizada em diferentes domínios sociais. Nas cidades, eram utilizados como transportes de carga ou de pessoas em palanquins. Poderiam também ser alugados como trabalhadores para diferentes funções: pedreiros, barbeiros, alfaiates, funileiros, carpinteiros, vendedores ambulantes. No campo, trabalhavam no eito, no engenho, na plantação de café ou na casa de seu proprietário para a realização de serviços domésticos.

De acordo com a autora, para a realização das atividades domésticas eram escolhidas as escravas de pele mais clara, corpo perfeito e de melhor aparência. Dentro da casa, exerciam funções como mucamas, cozinheiras, arrumadeiras, costureiras, lavadeiras, além de outras atividades domésticas. Embora convivessem mais intimamente com seus senhores, essas mulheres enfrentavam toda sorte de dificuldades, dentre as quais, constantes castigos da senhá, intolerância das crianças que desde cedo aprendiam a castigar os

escravos, além de serem exploradas sexualmente pelo senhor e visitantes que se hospedavam na casa.

Giacomini (1998) explica que, nas cidades, as escravas exerciam tarefas como vender quitutes e guloseimas para suas proprietárias, lavar ou engomar roupas, servir como amas-de-leite, ou mesmo trabalhavam como prostitutas para suas proprietárias. A fim de torná-las atrativas para os clientes, algumas patroas cobriam suas jovens escravas com jóias. Se, porventura, a escrava engravidasse, o bebê era vendido ou morto e a mãe era alugada como ama-de-leite.

O autor comenta ainda que as meninas escravas eram escolhidas como acompanhantes de crianças brancas, sofrendo todas as maldades que um jovem, desde cedo, preparado para o desmando e acostumado à total satisfação de suas vontades, poderia produzir. O contato íntimo com a sinhazinha, não raras vezes, gerava uma relação homossexual camuflada. A iniciação sexual do sinhozinho era feita por volta dos 13, 14 anos com uma das escravas da casa que também eram exploradas sexualmente pelo dono da casa, havendo aquelas que, devido à predileção do senhor, eram afastadas do trabalho e se dedicavam mais intimamente a cuidar dele. Isso causava o ciúme da sinhá que se encarregava de submeter a escrava a toda a natureza de torturas.

As negras de pele mais escura geralmente trabalhavam ao lado dos homens no campo, e, por serem obrigadas a dividir o espaço das senzalas com os homens escravos, eram muitas vezes violentadas pelos próprios escravos, além do feitor. Contudo, a violência sexual

contra a escrava não era vista como uma agressão pela sociedade da época. A escrava era considerada como qualquer outra mercadoria, um bem que podia ser trocado, vendido, alugado. A ela não era dado o direito de criar seus filhos e o infanticídio, não raras vezes, era uma alternativa adotada pelos senhores para se livrar de uma mãe desesperada pela separação e para aproveitar a mãe como ama-de-leite de crianças brancas.

Contudo, devido ao alto contágio da sífilis, era necessário que as escravas tivessem um atestado de saúde para serem aproveitadas como amas-de-leite. Freyre assim as descreve:

Peitos de mulheres sãs, rijas, cor das melhores terras agrícolas da colônia. Mulheres cor de massapé e de terra roxa. Negras e mulatas que além do leite mais farto apresentavam-se satisfazendo outras condições das muitas exigidas pelos higienistas portugueses do tempo de D. João V. Dentes alvos e inteiros (nas senhoras brancas era raro encontrar-se uma de dentes sãos) e pode-se afirmar, essa era uma das causas principais do ciúme ou rivalidade sexual entre senhoras e mucamas. Não serem primíparas. Não terem sardas. Serem mães de filhos sadios e vivedouros (FREYRE, 1992, p. 503).

Somente em 1852, com a extinção do tráfico negreiro, é que a maternidade da mulher negra começou a ser incentivada, motivada pela dificuldade de se comprar mais negros e pelos altos preços que alcançavam no mercado.

A fuga de escravos era uma forma de rebeldia contra o sistema opressor da escravatura. O escravo fugido era perseguido pelos



capitães-do-mato, especializados nessas empreitadas e, nas grandes cidades, até anúncios de jornais eram feitos descrevendo o escravo e oferecendo gratificações a quem oferecesse informações sobre seu paradeiro.

Embora até conseguissem dinheiro para comprar sua carta de alforria, muitos escravos eram presos sob suspeita de serem escravos fugidos e, a qualquer momento, poderiam ser restituídos aos seus donos ou explorados por outros.

Na sociedade colonial o trabalho escravo era concebido como uma atividade indigna e desprezível, o que justificava afirmar que os escravos não tinham direito à cidadania.

### 2.1.2 O negro na sociedade republicana

O Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão de seu território. A conhecida “Lei Áurea”, assinada pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, foi uma reação às pressões comerciais da Inglaterra.

Conforme observa Nepomuceno (2006), a abolição da escravidão no Brasil não resultou somente da ascensão do capitalismo industrial do final do século XIX. Foi também uma alternativa para solucionar um problema social vivido no “velho mundo”: o inchaço populacional e a necessidade de empregar uma parcela da população onerosa. Assim, a escravidão africana deveria

ceder lugar a imigrantes europeus que seriam enviados ao “novo mundo” para substituírem o trabalho escravo na agricultura.

Dessa forma, Azevedo (1987) explica que camponeses, principalmente de origem alemã e italiana, buscavam, no Brasil, o sonho da terra. Esses imigrantes traziam consigo o sonho da *fartura*, projetando o Brasil como a terra da promessa, construindo um imaginário que se confrontava com uma cultura impregnada pela força física, castigos corporais, que, apesar de terem sido abolidos de lei, permaneciam de fato. A humilhação dirigida ao negro era tão constante e tão naturalizada na cultura brasileira que tendia a estender-se aos subalternos imigrantes que substituíam os africanos no trabalho agrícola.

O capitalismo ocidental transformou o antigo senhor de escravos em barão e em empresário. Com o surgimento do “empresário capitalista”, no Brasil, difunde-se a contratação de serviços e, conseqüentemente, do trabalho assalariado.

Na disputa pelo trabalho assalariado, Azevedo (1987) comenta que o imigrante possuía uma certa vantagem. Vinha de países como a Alemanha e Itália que possuíam uma tradição educacional, ao contrário do negro, que não tivera oportunidade de acesso aos bens letrados. Além disso, a imigração européia representava o ideal da purificação étnica.

De acordo com Azevedo (1987, p. 51), a abolição não trouxe consigo um projeto de recolocação profissional, acesso à moradia ou ajuda às famílias dos escravos recém-libertos. A maioria começou a

viver da agricultura de subsistência, ocupando terras vazias ou voltaram para os antigos donos. No Sul, tiveram que conviver com a competição dos imigrantes que começam a chegar ao Brasil e que possuíam maior escolaridade e eram profissionais especializados. No Norte, a economia falida, devido ao declínio do açúcar e ao empobrecimento da região, não deu tréguas e muitos tiveram que migrar para regiões mais prósperas.

Giacomini (1998) relata que a mulher negra teve que conviver novamente com uma realidade similar com a da escravidão. Algumas conseguiram se manter como lavadeiras e passadeiras, porém, poucas conseguiram estabelecer-se como comerciantes, entre elas, quituteiras e cozinheiras que fixavam seus tabuleiros em pontos de passagem dos transeuntes. Uma parcela das que não conseguiam trabalho, prostituíam-se.

Livre da barreira jurídica da escravidão, Nepomuceno (2006, p. 30) explica que o negro viu-se “emparedado” entre idéias reformistas que pregavam seu controle, disciplinarização, coação ao trabalho fabril e a perspectiva de sua substituição física pelo imigrante europeu, tanto na agropecuária quanto nas atividades industriais. De maneira geral, os ex-escravos exerciam funções pouco desejadas por outros profissionais, como a coleta de lixo, o carregamento de água das fontes, serviços ambulantes, etc.

Conforme Sodré (2002), o imigrante funcionaria, na visão das oligarquias, como uma espécie de “apagamento branco” do lado negro da história do trabalho e da cultura no Brasil. No projeto de

nação elaborado pelas elites republicanas não havia lugar para negros e índios. No dizer de Vainer (1990), ao Brasil, o negro só interessou enquanto escravo.

Segundo Nepomuceno (2006), o início da República foi acelerado por grupos da elite que sonhavam com a modernização do país, tendo como base um projeto europeu de cultura e civilização. Da Europa, vieram teorias que postulavam a superioridade da civilização europeia e, conseqüentemente, a inferioridade dos povos não-brancos.

Baseados na idéia de “raça” desenvolvida por Lineu, Buffon, Batton e na teoria da evolução das espécies de Charles Darwin, alguns “pregadores científicos” europeus como Artur de Gobineau, Herbert Spencer, Lapouge, Edward Chamberlain, Louis Agassiz, entre outros, afirmavam que os povos europeus, com destaque aos arianos, possuíam superioridade racial, cultural, intelectual, moral e religiosa sobre os povos dos outros continentes. Para eles, os negros encontravam-se no último estágio, isto é, a “barbárie” do processo civilizatório. (SEYFERTH, 1995; SCHWARCZ, 1998; SANTOS, 2002). Estes argumentos orientaram o processo neo-colonial ou o imperialismo ocorrido na África a partir de 1880 (WESSELING: 1998).

Em 1994, nos Estados Unidos, foi lançado o livro “A Curva do Sino” (The Bell Curve) no qual os autores Charles Murray e Richard Herrnstein, em protesto contra as ações afirmativas em benefício dos afro-americanos, pregavam a superioridade intelectual dos brancos sobre os negros baseados em testes de “QI”. Para eles, os americanos

brancos possuíam “QI” entre 90 – 120, enquanto os negros ficavam abaixo de 75 no nível de retardamento mental. (CARONE, 2002).

Estes fatos históricos, pseudo-científicos e literários, num processo histórico de longa duração, foram extremamente danosos para a cultura africana em geral e para representação, a subjetividade e a identidade dos negros africanos e seus descendentes brasileiros. Idéias e imagens estereotipadas do continente africano, de seus povos e dos indivíduos que lá habitavam, foram inventadas e disseminadas em tal quantidade e vigor que se tornaram verdades absolutas. A heterogeneidade natural dos seres humanos é transformada em símbolo da desigualdade sócio-político-econômico e cultural, viabilizando o domínio e a exploração de uns, tidos como superiores, sobre outros considerados inferiores. A sociedade brasileira se integra neste contexto.

A imagem do africano na nossa sociedade é a do selvagem acorrentado à miséria. Imagem construída pela persistência das representações africanas como a terra dos macacos, dos leões, dos homens nus e dos escravos. Quanto aos povos asiáticos e europeus as platéias imaginam castelos, guerreiros e contextos históricos, sociais e culturais. (...) Há um bloqueio sistemático em pensar a África diferente das caricaturas presentes no imaginário social brasileiro (CUNHA Jr. 1997: 58).

No Brasil, os negros foram e continuam sendo vitimados pelas idéias e teorias européias disseminadas a partir do período colonial pelos padres jesuítas e defendidas pelos “homens de letras e de

ciência” do século XIX-XX, tais como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Oswaldo Cruz, Silvio Romero, entre outros, (GOMES, 1996). Esse discurso estereotipado é utilizado e re-elaborado pelas elites monárquicas e republicanas, para depois ser transmitido e interiorizado pelo povo por meio dos púlpitos das igrejas, da escola, dos meios de comunicação, da literatura, das artes e da legislação e medicina (FILHO, 2004).

A Europa via o Brasil como impossibilitado de alcançar um processo civilizatório em decorrência da alargada miscigenação da população e do clima tropical. Com o intuito de promover a alteração da presença humana futura, adotou-se uma política de “branqueamento” sustentada por um programa intenso de imigração subvencionada por um Estado racista, para europeus oriundos das margens da civilização e do progresso do Velho Mundo. Entre 1891 e 1900, aproximadamente um milhão e cem mil europeus imigraram para o Brasil, número que chegou a mais de quatro milhões em cerca de 80 anos. Praticamente o mesmo número estimado de escravos trazidos pelo tráfico em mais de três séculos.

Nepomuceno (2006, p. 32) comenta que a aposta na eficácia da teoria do “branqueamento” teve considerável repercussão. Em 1911, o diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o antropólogo João Batista de Lacerda, apresentou, no Congresso Universal das Raças, na Universidade de Londres, onde participou na qualidade de representante do governo brasileiro, um trabalho intitulado “Sur lês métis au Bresil”, em que detalhava o que chamou de “procedimento

de redução étnica”. Por tal procedimento, Lacerda estabeleceu o prazo de um século para que negros e mestiços desaparecessem da população brasileira. Os primeiros, em razão de fome, doenças, debilidades físicas e incapacidade de assimilar-se à “civilização”; já os mestiços sofreriam um processo lento de depuração das características negras, diluindo-se através de cruzamentos maritais com a crescente população branca importada.

Nos anos 20, a política do “branqueamento” ganhou nuances, sublinhando os contornos etnogenéticos. Em 1923, o deputado Fidelis Reis, ao apresentar um projeto de lei proibindo “a entrada de colonos de raça preta” no Brasil, enunciava: “O problema da imigração, ou melhor, do povoamento deve [...] ser encarado sob múltiplos aspectos: moral, étnico, político, social e econômico [...] Acima de qualquer consideração deve estar o ponto de vista étnico ou racial propriamente dito” (REIS; FARIA, 1924, apud VAINER, 1990, p. 113).

Ainda no governo de Kubitschek, encontram-se marcas de eugenismo, quando este presidente, em mensagem ao Congresso, em 1957, recomendou: “Uma prospecção cuidadosa dos vários mercados potenciais de imigrantes com o objetivo de aprimorar cada vez mais no futuro, do ponto de vista moral, profissional e eugênico, os contingentes de imigrantes” (VAINER, 1990, p. 107).

A política imigratória brasileira revela, no imediato e na continuidade de orientação que sempre teve do Estado, uma preocupação eugênica, fundada na essencialidade da superioridade européia. O processo de branqueamento físico da sociedade

demonstrou ser infrutífero, mas “seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro” (MUNANGA, 2004, P. 16). Conseqüentemente, esse processo contribui para a realimentação de uma representação social e de uma constituição identitária negativas do afro-descendente, que encontra no gênero piada, a liberdade para se manifestar, conforme se demonstra na subseção a seguir.

## **2.2 Representação e Identidade do Negro nas Piadas**

A piada constitui um gênero textual que se relaciona necessariamente com o riso. Porém, o discurso humorístico é muito mais do que o riso que o mesmo proporciona. Além de gerar efeitos de humor, o discurso humorístico desempenha a função de constituir, propagar e (re)construir certos discursos. É constituído, pois, sócio-historicamente e, por isso, é veículo de formações ideológicas, culturais (valores) e axiológicas.

O cômico das piadas não se explica somente pelos recursos lingüísticos que estão presentes em todos os textos humorísticos e que tornam humorísticos todos os textos que os utilizam. O cômico, conforme Gil (1994), envolve o contexto mais amplo da enunciação (ato de produção do enunciado). O texto humorístico é, segundo a autora, o resultado do fato de os indivíduos, numa comunidade de



fala, compartilhem um mesmo repertório e poderem utilizar diversas variações lingüísticas numa mesma situação e quebrar regras preestabelecidas, normas lingüísticas e sociais.

Sem o conhecimento partilhado entre leitor/ouvinte, o significado do cômico de uma piada se perderia. É essa competência que lhe fornece o conhecimento que não está explícito.

O discurso das piadas que tematizam o negro parece demonstrar uma identidade social e cultural constituída do afro-descendente. Hall (1997) esclarece que a questão da identidade está ligada à representação porque é construída dentro dela.

Para o autor, a representação é uma prática central que gera cultura e, atualmente, é entendida como um momento chave no que é denominado circuito da cultura. Esse circuito liga representação, identidade, produção, consumo e regulação. A cultura é articulada por todos esses elementos e está relacionada com os significados partilhados. A linguagem é o meio pelo qual as pessoas atribuem sentido às coisas e por meio da qual o significado é criado e intercambiado.

O significado só é passível de ser partilhado através do acesso comum à linguagem. Desse modo, a linguagem é fundamental para o significado e a cultura é entendida como o ponto central por ser o modo de reposição dos valores e significados culturais (HALL, 1997).

Hall (1997) pontua que a linguagem constrói significados porque funciona como um sistema de representações, empregando sinais e símbolos, que significam ou representam as idéias e os

sentimentos das pessoas. A representação é a construção do significado e dos conceitos na mente por meio da linguagem. É a conexão entre conceitos e linguagem que habilita o homem a se referir ao mundo real dos objetos, pessoas e acontecimentos, como também ao mundo imaginário e ficcional com seus objetos, pessoas e acontecimentos.

Segundo Hall (1997), no centro do processo de significação da cultura existem dois sistemas de representação relacionados. O primeiro sistema é aquele por meio do qual todos os tipos de objetos, pessoas e eventos apresentam correlação a um grupo de representações mentais que são carregadas na mente. O segundo sistema de representação é a linguagem e faz parte do processo de construção do significado. O mapa conceitual partilhado necessita ser traduzido para uma linguagem comum para que seja possível estabelecer correlação entre os conceitos e as idéias com determinadas palavras escritas, imagens visuais e outros que carregam os significados e são denominados signos.

De acordo com Hall (1997), a capacidade de comunicação entre os indivíduos se origina do fato de compartilharem, num sentido geral, dos mesmos mapas conceituais, de modo que possam entender ou interpretar o mundo de forma aproximadamente similar. A interpretação do mundo de modo semelhante faz com que as pessoas sejam capazes de formar uma cultura partilhada de significados, produzindo o universo social que é coabitado. A troca de conceitos e significados requer uma linguagem partilhada.

Os signos são organizados no interior da linguagem e é a existência de linguagens em comum que capacita ao indivíduo traduzir conceitos em palavras, sons ou imagens e, a partir disso, fazer uso desses signos, trabalhando com uma linguagem, de forma a expressar significados e transmitir pensamentos a outras pessoas. Fazer parte de uma cultura é pertencer, em certa medida, ao mesmo universo conceitual e lingüístico, compreender como os conceitos e idéias são traduzidos para distintas linguagens e também entender “como a linguagem pode ser interpretada para se referir ou fazer referência ao mundo. Partilhar estas coisas é ver o mundo de dentro do mesmo mapa conceitual e criar sentido através do mesmo sistema de linguagem” (HALL, 1997, p. 22).

Conforme Hall (1997), existem três abordagens que explicam o funcionamento da representação por meio da linguagem: as abordagens reflexiva, intencional e construcionista. Para o autor, é a abordagem construcionista que assume maior importância para os estudos culturais. Dentro dela, as duas importantes perspectivas são a semiótica, que sofreu grande influência do lingüista suíço Ferdinand de Saussure, e a discursiva, associada a Michel Foucault.

Na abordagem reflexiva considera-se que a linguagem exerce a função de um espelho, refletindo o real significado pelo fato de que este já existe no mundo.

Na abordagem intencional é o falante que determina ao mundo, por meio da linguagem, seu significado único. Sabe-se, entretanto, que a origem dos significados não reside na individualidade, pois a

linguagem é um sistema social, o que significa que pensamentos particulares precisam negociar com o conjunto de significados das palavras ou imagens que foram armazenados na linguagem e que o uso do sistema de linguagem certamente põe em ação.

A abordagem construcionista entende o caráter público e social da linguagem. Os homens em interação constroem os significados e os transmitem por meio do sistema lingüístico ou outro sistema que venham a usar para representar seus conceitos. Os atores sociais fazem uso dos sistemas conceituais de sua cultura, do sistema lingüístico e de outros, para produzir o significado, para tornar o mundo significativo e para comunicar acerca do mundo às outras pessoas.

De acordo com Hall (1997), na perspectiva semiótica, a representação é considerada fundamentada no modo como as palavras trabalham como signos internos da língua, mas é necessário considerar que, comumente, o significado tem dependência de unidades mais amplas de análise, ou seja, narrativas, declarações, grupos de imagens, discursos que, para serem completos, funcionam por meio de vários textos, além de campos do conhecimento sobre certos assuntos que alcançaram grande importância. Desse modo, a semiótica, segundo Hall (1997), dá a impressão de limitar o processo de representação à linguagem e de considerá-la um sistema fechado, um tanto estático.

Conforme o autor, estudos posteriores voltaram-se mais para a representação como origem de produção do conhecimento social, ou

seja, um sistema mais aberto, relacionado de modo mais íntimo às práticas sociais e às questões de poder. Entre esses estudos citam-se os de Michel Foucault. Foucault tinha como objeto de estudos o discurso enquanto sistema de representação. Discurso, para ele, era um conjunto de declarações que provê uma língua para se falar, um modo de representar o conhecimento sobre certa questão, em determinado período histórico. O discurso está relacionado à produção de conhecimento por meio da língua, mas considerando que o total das práticas sociais transmite significados e estes dão forma e influenciam nossas ações, todas as práticas apresentam um aspecto discursivo (HALL, 1997).

Nessa perspectiva, segundo Hall (1997), o discurso é mais do que um conceito lingüístico. Define e produz os objetos de nosso conhecimento, regula o modo como se pode falar e raciocinar sobre determinado tópico e influencia o modo como as idéias são colocadas em prática e empregadas para controlar a conduta alheia.

Portanto, o discurso, cuja natureza é social, é a base da construção da identidade. Segundo Lopes (2002, p. 30), “os participantes discursivos constroem o significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares”.

Para esse autor, a presença do outro com o qual um indivíduo se engaja no discurso molda, em última análise, o que diz e como se

percebe à luz do que o outro significa. Ao lado das práticas discursivas que funcionam como um alicerce para a construção da identidade social, o contexto é uma noção crucial nesta visão de significado enquanto construção social. Segundo Lopes (2002, p. 33), o contexto é uma construção interpretativa dos próprios participantes e, nesse processo de contextualização, os participantes fornecem “pistas de contextualização” (GUMPERZ apud LOPES, 1982) que indicam como um enunciado deve ser contextualizado ou interpretado.

Os participantes estão vinculados a eventos sócio-históricos já que todos escrevem e falam de um lugar e momento particulares, de uma história e de uma cultura que são específicas. O que um indivíduo diz está sempre em contexto, posicionado. Kramsch (2003, p. 67), que adota uma perspectiva cultural de construção de identidade se expressa a esse respeito ao afirmar que:

Our perception of someone's social identity is very much culturally determined. What we perceive about a person's culture and language is what we have been conditioned by our own culture to see, and the stereotypical models already built around our own<sup>8</sup>.

Com a visão do discurso como construção social por meio da qual os participantes constroem a realidade social e a si mesmos por meio do discurso, a construção da identidade é vista como estando

---

<sup>8</sup>Nossa percepção sobre a identidade social de alguém é muito mais determinada culturalmente. O que nós percebemos sobre a cultura e língua de uma pessoa é o que nós temos sido condicionados por nossa própria cultura a ver e os modelos estereotipados já construídos em torno de nós próprios (Tradução nossa).

sempre em processo, pois depende da realização discursiva em circunstâncias particulares, isto é, dos significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso.

A identidade do negro vista dessa maneira é, então, um fenômeno emergente, no sentido de que surge como resultado da interação entre este e membros de outros grupos sociais e étnicos num determinado contexto político e econômico.

Conforme Cuche (1999), a identidade constitui a fonte de significado e experiência de um povo e está comumente associada à cultura. Porém, não deve com essa ser confundida, pois enquanto a cultura está ligada a processos inconscientes, a identidade leva a uma norma de vinculação que precisa ser consciente, fundamentada em oposições simbólicas, mas, anteriormente à identidade cultural, se situa o ponto mais amplo que é a identidade social, da qual ela faz parte.

Um indivíduo se situa e é situado socialmente em um sistema social em função da identidade, embora a identidade social não se refira somente aos indivíduos, pois todo grupo possui uma identidade que tem correspondência com a sua definição social, sendo que essa possibilita designar o seu lugar no conjunto social. A identidade social é, simultaneamente, inclusão e exclusão, “ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista” (CUCHE, 1999, p. 177). Nesse sentido, a identidade cultural é entendida como um tipo de

categorização da diferenciação nós/eles, sustentada na distinção cultural.

Ao referir-se à identidade e à diferença, Silva (2000, p. 77) aponta que, como ato lingüístico, ambas estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem em geral. Os elementos que constituem uma língua não têm qualquer valor absoluto, se considerados isoladamente. Um signo só adquire valor e sentido numa cadeia infinita de outros signos diferentes dele. Assim, o signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas, também, o traço daquilo que ele não é.

Uma vez que os sujeitos são, de certa forma, governados pela estrutura da linguagem caracterizada pela indeterminação e instabilidade, da mesma forma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem.

A identidade e a diferença, enquanto resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, estão sujeitas a vetores de força e a relações de poder. Ao afirmar que “as pessoas são essencialmente seres produzidos por outros seres” Lopes (2002, p. 34), considera que os que ocupam posições de maior poder nas relações assimétricas são, conseqüentemente, mais aptos a serem os produtores de outros seres e exercem mais poder na construção social de identidades, ou, em outras palavras, dos sentidos e significados sociais.

Percebe-se que os sentidos ou significados sociais são veiculados pelo grupo social dominante, isto é, pelo grupo que detém os meios de produção material e intelectual e que, portanto, ocupam



posições de maior poder na sociedade em virtude do domínio de capitais. Com base no processo de formação histórica e étnica brasileira, atribui-se ao homem branco europeu a qualidade de classe dominante.

Esse fato possibilita-lhe o poder para o estabelecimento de determinados significados para a representação da realidade tal como a concebe, ou seja, conforme aponta Foucault (2003), seus valores e sua “vontade de verdade” predominam em relação aos sentidos construídos por outros grupos sociais, tais como os negros.

Assim, para Foucault (2003), as identidades não são simplesmente definidas, elas são impostas e os discursos funcionam como uma forma de controlar os indivíduos. Nesse processo, identidades na posição de resistência são também construídas, embora não deixem de significar que as múltiplas identidades não dependem da vontade do indivíduo, mas são determinadas pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais se age embora se possa resistir a essas práticas. As identidades, assim, não são inerentes aos indivíduos, mas construções sociais, suprimidas ou promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante e possuem estreita conexão com as relações de poder. Portanto, identidade e diferença implicam sempre operações de

inclusão e de exclusão. Como afirma Silva

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteira, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora [...] dividir o mundo social entre “nós” e “eles”, significa classificar [...] Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam [...] Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. (SILVA, 2000, p. 82-83).

Normalizar, por outro lado, também significa atribuir a uma identidade todas as características positivas possíveis, em relação à qual as outras são analisadas negativamente. A identidade normal é tão naturalizada que chega a ser invisibilizada. Assim, quando há a referência à relação negro x branco, ser branco é a “identidade normal”, portanto, possui conotações positivas. Entretanto, ser negro resulta em algumas atribuições negativas e expectativas preconceituosas direcionadas aos sujeitos assim identificados.

Por ser estreitamente dependente da representação, questionar a identidade significa questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. Ao lado do conceito de representação está o conceito de performatividade<sup>9</sup>. Performativas são as proposições cuja enunciação é absolutamente necessária para a

<sup>9</sup> Segundo Silva (2000), o conceito de “performatividade” deve-se a J.A.Austin (1998). Segundo Austin, a linguagem não se limita a proposições que simplesmente descrevem uma ação, uma situação ou um estado de coisas. A linguagem, segundo o autor, possui também uma outra categoria de proposições que não se ajustam a esta definição: são aquelas proposições que não se limitam a descrever um estado de coisas, mas que fazem com que alguma coisa aconteça. Ao serem pronunciadas, essas proposições fazem com que algo se efetive. Austin chama a essas proposições de “performativas”.

consecução do resultado que anunciam. Silva (2000, p. 93) cita como exemplo a sentença “João é pouco inteligente”. Embora pareça simplesmente descritiva, pode funcionar como performativa na medida em que sua repetida enunciação pode acabar produzindo “o fato” que apenas deveria descrevê-lo. Sobre performatividade, o autor afirma:

Sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. Assim, por exemplo, quando utilizamos uma palavra racista como “negrão” para nos referir a uma pessoa negra do sexo masculino, não estamos simplesmente fazendo uma descrição sobre a cor de uma pessoa. Estamos, na verdade, inserindo-nos em um sistema lingüístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade “negra”.

A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. É da sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato lingüístico desse tipo tem no processo de produção de identidade.

Assim, a repetição incessante de sentenças performativas, como “negro fede”, “negro suja”, “negro não é gente”, faz com que se (re)construa, do afro-descendente, uma identidade depreciativa que o levará à estigmatização.

Sentenças performativas que levam à depreciação da etnia negra são produzidas e reproduzidas constantemente em piadas que tematizam o negro. Nessas piadas é comum, por exemplo, a associação entre negro e primatas. Essa associação é um reflexo das práticas discursivas e sociais. O animalesco, anormal e primitivo no discurso que se veicula nas piadas sobre negros é, geralmente, representado por meio de seu “dito” linguajar subdesenvolvido e por seu “dito” membro sexual avantajado, anormal e animal.

Um exemplo da associação do negro ao animal pode ser verificada nas piadas a seguir:

*Um macaco ao atravessar um rio cheio de piranhas ficou sem o rabo! Do outro lado estava ele a se lamuriar, chorar, quando chega o leão e pergunta o porquê de toda aquela choradeira. O macaco mostra a desgraça que lhe aconteceu. O leão mostra que também está sem rabo pela mesma razão. O macaco não se conforma com a desgraça do leão e retruca:*

*- Você sem rabo tudo bem, mas eu sem rabo viro um negão!!!*

*O crioulo está no zoológico, passeando perto da jaula do macaco. O macaco começa:*

*- Psiu ! Vem cá.*

*- Eu? É comigo?*

*- Você mesmo. Vem cá, pertinho.*

*O crioulo se aproxima e o macaco fala baixinho:*

*- Você precisa dizer o nome do seu advogado.*

Essas piadas, assim como todas as que produzem discursos em relação ao negro, no que diz respeito à sua linguagem, sua índole, sua higiene, etc., são exemplos típicos da forma como geralmente é visto o negro. Não raramente se ouve e, até mesmo se vê em filmes, novelas, programas de televisão, uma imagem cristalizada do negro

como sujeito que não sabe articular a linguagem, que não sabe se expressar e que apresenta as características de animal, em particular, o macaco.

Com base no que se discutiu até o momento, é possível afirmar que as piadas que tematizam o negro revelam qual é a representação da sociedade para esse personagem que tem constantemente sua identidade constituída negativamente e essencializada a partir dos textos humorísticos.

O próximo capítulo dedica-se à discussão de alguns conceitos oriundos da Análise do Discurso e que serão úteis, do mesmo modo que a conceituação dada à representação e identidade, neste capítulo, para a análise discursiva das piadas que apresentam o negro como tema.

### **3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO**

“Um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Não há começo absoluto nem ponto final para o discurso, ele tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.”

Eni Orlandi

Nesse capítulo, objetiva-se apresentar conceitos que norteiam a investigação proposta nesta pesquisa. Embora se reconheça que a Análise de Discurso, (doravante apresentada como AD), compreende um espaço amplo de análise, neste trabalho são apontados apenas os elementos julgados representativos para a compreensão do discurso racista veiculado por meio de piadas.

O conteúdo da AD é, muitas vezes, entendido como interdisciplinar, pelo fato de se situar nos limites, nas fronteiras de várias ciências. Segundo Orlandi (2004), a AD é uma disciplina que se

faz na contradição da relação entre as outras áreas de conhecimento, faz uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade. Contudo, para Orlandi (2004), a AD não pode ser definida como interdisciplinar, pois esta atribuição estaria negando sua própria existência:

Cada forma de conhecimento tem seu objeto. Colocar a AD na confluência dos dois objetos seria não reconhecer o que lhe é próprio e desconhecer, com isso, o sentido da dispersão disciplinar significada aí. Sua caracterização como interdisciplinar poderia assim ser sua própria negação, assim como é a negação da necessidade histórica da reorganização do campo das relações entre as diferentes regiões do saber (ORLANDI, 2004, p. 25)

À semelhança de Orlandi (2004), também Maingueneau (1997, p. 10) defende que a Análise de Discurso não deve ser confundida com outras disciplinas que buscam “o sentido verdadeiro dos textos que lhes servem de objeto empírico ou “o sentido oculto” dos textos, ou ainda uma “interpretação inédita” de um texto. Para Maingueneau, A AD toma seu objeto como, ao mesmo tempo, integralmente lingüístico e integralmente histórico. Cabe à Análise de Discurso explicar como o texto diz o que diz e por que o texto diz o que diz.

A Análise de discurso, segundo Orlandi (1999) não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervém como pressuposto. A AD não trabalha com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas

significam. Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 1999, p.47). Com efeito, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

Empreender uma análise de discurso, nessa perspectiva, significa tentar entender e explicar como se constrói historicamente o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto ao mesmo tempo lingüístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente, além da posição em que o sujeito ocupa no discurso. Essa relação discurso/história/sujeito é uma das principais contribuições da AD.

Sendo assim, algumas categorias julgadas relevantes para a pesquisa serão discutidas, no presente capítulo, com o intuito de compor o quadro teórico da mesma.

### **3.1 Discurso, Gênero e História**

Inaugurada em meados dos anos 60, na França, com os trabalhos de Michel Pêcheux, a Análise do Discurso, a qual nasce com



o propósito de averiguação do discurso político, se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são uma ruptura com o século XIX: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. O quadro epistemológico da AD, apresentado por Pêcheux e Fuchs (1975) consiste na articulação de três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico (como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias), a lingüística (como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo) e a teoria do discurso (como teoria da determinação histórica dos processos semânticos). Estas três regiões serão marcadas e atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

Segundo Pêcheux (1997), há três espaços distintos na AD: O primeiro – fechado-restrito – de natureza estruturalista, concebido como uma máquina autodeterminada na qual o sujeito é completamente assujeitado. No segundo espaço, há a inserção do sujeito da enunciação, como processo do assujeitamento. Pêcheux marcará esse sujeito como assujeitado pela ilusão de ser a origem do discurso, afetado pela ideologia.

No terceiro espaço, Pêcheux (1997), por meio de estudos sobre a subjetividade psicanalítica, apresenta um sujeito que se constitui e se realiza no “Outro”<sup>10</sup> existente na interação social, surgindo, assim,

---

<sup>10</sup> Paul Henry propõe o termo “pré-construído”, para dar conta dessa presença do Outro, que não é o Outro enunciativo, nem o outro interdiscursivo, o primeiro, pontual demais, o segundo, amplo demais. O pré-construído é o Outro do interdiscurso, circunscrito em uma região histórica e ideológica, delimitada no acontecimento do discurso (GALLO, 2001, p. 2).

um sujeito heterogêneo, múltiplo, e que apresenta o seu discurso atravessado por outros discursos norteados de heterogeneidades que o constituirão.

Conforme o autor, o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Trata-se, então, do fenômeno da interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso: “todo sujeito é constitutivamente colocado como autor e responsável por seus atos [...] em cada prática que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas [...] no qual ele é interpelado em ‘sujeito responsável’” (PÊCHEUX, 1997, p. 214).

Segundo Gregolin (2003), quando o ponto de vista da Análise de Discurso é adotado, focalizam-se acontecimentos discursivos a partir do pressuposto de que há um real da língua e um real da história, e o trabalho do analista de discurso é entender a relação entre essas ordens, visto que o sentido é produzido pela relação do homem com a língua e com a história.

A AD propõe, portanto, pensar as articulações entre a materialidade do enunciado, seu agrupamento em discursos, sua inserção em formações discursivas, sua articulação através de práticas, seu controle por princípios relacionados ao poder, suas inscrições em um arquivo histórico.

---

O termo discurso tem sido objeto de diversas conceituações, desde, pelo menos, os estudos da retórica na Antiguidade. Sobre essa diversidade conceitual, Possenti (1988) posiciona-se:

O termo discurso continua vago. Aliás, é cada vez mais vago. Está se transformando numa espécie de lixeira para onde se recolhem os restos da lingüística, sejam os restos que sobram de uma gramática ou estrutura, sejam os restos que sobram das sentenças, sejam os que decorrem da oposição *type-token*. De alguma maneira, resume-se aos restos que sobram das tentativas de operar cientificamente, isto é, com regras gerais, sobre os dados lingüísticos. Em suma, para utilizar um termo de Granger, o discurso equivale ao resíduo (POSSENTI, 1988, p. 01).

Maingueneau (2005a p. 15), reconhecendo essa pluralidade de definições da expressão – “desde as mais restritivas até as mais abrangentes” – toma-a, provisoriamente, enquanto “dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Para definir o discurso, o autor propõe uma analogia entre língua (no sentido saussureano) e discurso: o jogo das restrições que definem a língua supõe que não se pode dizer tudo; da mesma maneira, mas em outro nível, o discurso supõe que no interior de um idioma particular, para uma sociedade, um lugar, um momento definidos, só uma parte do dizível é acessível e esse dizível forma sistema e delimita uma identidade. Todos usam a mesma língua, mas só uma parte do dizível forma sistema e delimita um discurso.

O autor faz remissão a Foucault, para quem o discurso representa

um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa. (Foucault 2004, p. 132-133)

Para Maingueneau (2005a), Foucault, ao tomar o discurso apenas como o dito, o enunciado, teria tido uma visão estática do discurso, não considerando sua manifestação superficial, instância igualmente proeminente, visto que, para Maingueneau “a ‘enunciabilidade’ de um discurso, o fato de que tenha sido objeto de atos de enunciação, por um conjunto de indivíduos, não é uma propriedade que lhe é atribuída de acréscimo, mas alguma coisa radical, que condiciona toda sua estrutura” (MAINGUENEAU, 2005a, p. 19).

Maingueneau não desconsidera a perspectiva de discurso adotada por Foucault; apenas, a insere em uma perspectiva mais ampla, a qual define o discurso como a relação que unifica *formação discursiva* e *superfície discursiva*. Enquanto que a formação discursiva refere-se ao “sistema de restrições de formação

semântica”, a superfície discursiva refere-se “ao conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema” (Ibid., p. 20).

A perspectiva adotada pelo autor permite que se perceba o discurso não apenas como o já dito, como um conjunto finito de enunciados já realizados, mas, especialmente, como “um conjunto virtual, o dos enunciados produzíveis de acordo com as restrições da formação discursiva” (Ibid., p. 21). Assim, Maingueneau propõe utilizar, sempre que necessário, o conceito de *formação discursiva* que define “o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada” (MAINGUENEAU, 1997, p. 22).

Na AD, a língua é concebida como um dos elos essenciais para compor o tecido discursivo. Dessa forma, de maneira geral, as práticas de linguagem podem tornar-se objeto de estudo científico, como as conversações familiares, o discurso em situação didática, a consulta médica, a publicidade, a narrativa de vida, o debate, o *talk-show*, o Chat, o discurso político e o discurso humorístico, como é o caso das piadas, foco desse estudo.

Com base nas considerações acima expostas, o *corpus* selecionado para a análise caracteriza-se tanto pela finitude de enunciados já realizados, quanto pela provável produtividade percebida em certas estruturas sintáticas recorrentes. Com efeito, o discurso racista das piadas que tematizam o negro constituem-se tanto por um conjunto de enunciados já efetivados e cristalizados no circuito comunicativo, quanto a um conjunto virtual de enunciados

possíveis de serem enunciados de acordo com as restrições da formação discursiva (FD).

Assim sendo, os componentes de ordem semântica da estrutura formal de algumas piadas racistas podem ser explicados a partir de situações específicas da vida contemporânea, o que revigora a concepção de discurso assemelhando-o a uma “máquina” geradora de sentidos produzidos por meio de uma semântica de base.

Conforme Maingueneau (2005a), o discurso, enquanto sistema de controle prescinde da figura do autor. Sabe-se que nos domínios da Análise de Discurso, as piadas não têm autor no sentido corrente do termo. É, pois dispensável saber que sujeito empírico os tenha enunciado pela primeira vez. As piadas, por serem enunciados desvinculados da noção de autor, são exemplos de que os discursos não advêm do aparelho psicológico ou racional dos enunciadores.

Partindo, pois, da perspectiva de que o discurso oriundo do universo das piadas não está veiculado ao aparelho psicológico ou racional dos sujeitos, deve-se admitir que o discurso, assim como outros objetos de cunho lingüístico, partilha de certas determinações, entre as quais, a de gênero.

De acordo com Maingueneau (2005b), a Análise do Discurso concebe um papel central aos gêneros do discurso. Os gêneros de discurso, entretanto, “não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas” (Ibid., p. 65). Ou seja, não devem ser

considerados como um conjunto de características formais e de procedimentos.

Em sua definição de discurso, Maingueneau (1997, p. 23) afirma que os enunciados levam em conta o “*complexo institucional* que está associado à sua enunciação”. Desse modo, para a AD, os gêneros constituem-se em atividades com uma certa configuração que não podem efetivar-se satisfatoriamente, caso não estejam em comum acordo com as regras institucionais.

De acordo como Bakhtin (2003), os locutores ao interagirem no circuito comunicativo, recebem mais que as formas prescritivas da língua comum – os componentes e as estruturas gramaticais, as formas não menos prescritivas do enunciado, ou seja, os gêneros do discurso – que são igualmente indispensáveis a um entendimento entre locutores.

A noção de “gênero”, contudo, não é de fácil manejo, conforme pontua Maingueneau (1997), pois os gêneros encaixam-se, freqüentemente, uns nos outros, além disso, um mesmo texto encontra-se geralmente na intersecção de múltiplos gêneros. O autor considera que o domínio de vários gêneros de discurso é um fator de considerável economia lingüística, pois como enfatiza Bakhtin:

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...] Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-lo pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e

pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria impossível (Bakhtin, 2003, p. 283).

Assim, em função do conhecimento dos gêneros do discurso, não é preciso que os co-enunciadores prestem atenção constante aos detalhes de todos os enunciados que ocorrem à sua volta.

O discurso, conforme Maingueneau (2005a) emerge como a efetivação de um complexo sistema de restrições: de um lado, a língua o restringe, já que é materializado em objeto lingüístico; de outro, a história o cerceia. Ao se empregar o termo história, há que se considerar a história das instituições, das formações discursivas e dos gêneros, bem como da relação destes com aquelas. O processo histórico em si desempenha papel produtivo que não pode ser esquecido, haja vista que é na e por meio da história que os discursos se cristalizam e se difundem. Dessa forma, a memória e a história, em seus arquivos, devem ser colocadas sob suspensão, pois constituem algo a ser analisado.

O discurso, objeto da AD, se constituirá dos efeitos de sentido da junção do sujeito, da língua e da história. Segundo Maingueneau (2005a), embora o discurso não seja a língua e nem a fala, como uma exterioridade, implica-as para sua existência material; realiza-se por meio da materialidade lingüística, cuja possibilidade firma-se em um ou vários sistemas estruturados.

### **3.2 Competência Discursiva**



Para Maingueneau (2005a, p. 54), o discurso, conforme definido na subseção anterior, compreenderia a própria relação que une Formação Discursiva (FD) e superfície discursiva. Essa relação evoca a noção de “competência discursiva”, contemplada pelo autor.

A noção de competência discursiva é desenvolvida no cenário em que as formações discursivas têm por função delimitar “o que pode e deve ser dito”. Os sujeitos, por estarem associados a uma formação discursiva específica, colocam em cena uma capacidade de reconhecer enunciados que “pertencem a sua própria formação discursiva”, assim como a de “produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a essa formação discursiva” (MAINGUENEAU, 2005a, p.56).

A competência discursiva, tal como proposta por Maingueneau, não está relacionada à capacidade dos sujeitos saberem a origem ou fundamentação histórica dos enunciados próprios de sua(s) formação(ões) discursiva(s), mas sim, saber dizê-los, de saber identificá-los com uma certa postura ideológica, à qual aderem.

De acordo com Maingueneau (2005a), Foucault não considera a noção de competência, uma vez que seu conceito de discurso considera somente os enunciados que foram realmente ditos. Maingueneau concebe o discurso como não apenas como o que já se disse, senão também como o que se pode dizer, o que permitiria explicar melhor justamente aquilo que foi efetivamente dito. E assim o autor afirma: “A única coisa que importa é não ser levado da

competência a uma combinatória ahistórica, ou, ao contrário, por respeito à coisa enunciada, não naufragar na pura descrição” (MAINGUENEAU, 2005a, p. 51).

Segundo Maingueneau (2005a), um discurso precisa ser enunciável, precisa tramitar por meio das diversas enunciações. Para isso, é necessário que haja sujeitos que ocupem a posição enunciativa a partir da qual efetivem o discurso permitido pelo sistema de restrições semânticas da formação discursiva. Esses sujeitos devem “saber” o que vão dizer. Se essa atividade dos sujeitos é negada, sob o argumento de exorcizar a ameaça do sujeito idealista, a tendência é a redução do papel dos enunciadores discursivos, que não passariam, segundo o autor, de “ceras moles” “dominadas”, “assujeitadas” por um discurso todo-poderoso exterior a esses sujeitos, que aceitariam a “dominação” por algum interesse não muito claro.

Os sujeitos falarão, desse modo, de acordo com as possibilidades que a sua competência oferece, competência essa que está submetida a um sistema de restrições semânticas. Trata-se, enfim, de um conjunto de regras – poucas e mais ou menos simples – que regem todas as dimensões do discurso e que funciona como uma rede de restrições (MAINGUENEAU, 2005a).

A competência discursiva consiste, pois, em dominar esse sistema de restrições em relação à imensidão e à diversidade textual que autorizam. O sujeito pode produzir enunciados que relevem de tal ou tal discurso se ele dominar o sistema de regras que os torna

possíveis. Essas regras, diz Maingueneau (2005a), situam-se no próprio discurso e não na mente dos falantes.

O princípio de uma competência discursiva ajuda a esclarecer a articulação do discurso e a capacidade dos sujeitos de interpretar e de produzir enunciados que provêm dele. Um mesmo indivíduo pode sucessivamente, ou até simultaneamente, inscrever-se em competências discursivas distintas. As pessoas podem, por exemplo, mudar de discurso (embora não escolham livremente seus discursos, que são historicamente determinados), basta que aprendam as regras do novo discurso.

Assim, a competência discursiva, conforme propõe Maingueneau (2005a), permite que o enunciador saiba o que pode ser dito no seu discurso e que saiba produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes à sua própria formação discursiva. Ademais, possibilita que ele saiba reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados de outra formação discursiva e interprete esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições. Essa última competência é chamada competência interdiscursiva.

A noção de competência discursiva posta em questão por Maingueneau inclui, portanto, tanto o real quanto o virtual. E é essa “virtualidade” do processo discursivo que parece fornecer embasamento teórico para se pensar a incompletude do *corpus* de que dispõe essa pesquisa: não se consegue recuperar todas as piadas racistas que tematizam o preconceito contra o negro que já

circularam. Entretanto, vislumbra-se a possibilidade de encontrar a lei de sua produtividade, isto é, aquilo que permitiria prever o que poderia ser dito sobre o negro dentro do mesmo *espaço discursivo*.

Em outros termos, por meio da noção de *competência discursiva*, talvez seja possível afirmar que outras piadas, eventualmente enunciadas da mesma posição, se houver, ou aquelas que foram realmente enunciadas, mas que não foram contempladas nessa pesquisa, obedecerão às mesmas restrições.

Por isso, serão de certo modo um retorno do mesmo, ou serão outro discurso, embora simultaneamente possam apresentar-se como o novo, sob dois aspectos diferentes: primeiramente, porque “dão corpo”, “engrossam” o já dito, mas também num sentido bem próprio à situação enunciativa em si, com todo o jogo que lhe é peculiar; a enunciação é irrepetível, pois tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir.

Os contornos do que se denomina “virtual” só poderiam ganhar visibilidade, a partir de um *corpus* concreto de enunciações já realizadas sobre as quais se pode operar, a ponto de poderem ser feitas predições quanto aos prováveis enunciados produzidos de um mesmo lugar. É preciso, portanto, considerar tanto a historicidade da emergência efetiva dos enunciados (re)produzidos nas piadas, quanto reconhecer seu retorno ao já dito.

### **3.3 Interdiscurso, Memória Discursiva e Formação Discursiva**

Para Maingueneau (2005a), não se parte do discurso para se ver marcas de uma exterioridade, mas do interdiscurso enquanto espaço de trocas entre vários discursos. É na interdiscursividade que se encontra o campo da regularidade a partir do qual os diversos discursos se constituem. Não existe constituição de discursos independentes que, depois, são postos em relação. A relação interdiscursiva desenha os contornos da identidade de cada discurso, o que confirma que o discurso não é monológico ou homogêneo.

A necessidade de consideração do Outro<sup>11</sup> para uma melhor compreensão dos fenômenos discursivos é remota. Bakhtin (2003), a partir de uma perspectiva relativamente próxima à AD – a da interação verbal –, critica certa concepção de linguagem em que se dá um peso exagerado ao papel do locutor, como se este estivesse sozinho, sem uma obrigatória relação com outros parceiros da comunicação verbal e como se o sistema lingüístico, visto apenas da perspectiva do locutor, funcionasse por si só.

Segundo Barros (1997), Bakhtin defende, então, a idéia do “dialogismo”. Para ele,

a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a

---

<sup>11</sup> O “Outro”, para Bakhtin corresponde ao atravessamento de vozes sociais que estão nas vozes dos interlocutores.

partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se na língua choques e contradições. Em outros termos, para Bakhtin, no signo confrontam-se índices de valor contraditório. Assim caracterizada, a língua é dialógica e complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos (BARROS, 1997, p. 34).

Portanto, para Bakhtin (2003), o relevante consiste justamente na relação com o Outro. Esquecida essa relação, corre-se o risco de perder a compreensão adequada da língua e da discursividade. A interação verbal constitui, pois, para o autor, a realidade fundamental da língua.

Barros (1997) comenta que, para Bakhtin, só se pode entender o dialogismo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. “O sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico” (BARROS, 1994, p. 3).

Em AD, os estudos relacionados aos conceitos de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva, propostas por Authier-Revuz (1990) compactuam com idéia de que o discurso é de cunho heterogêneo.

Maingueneau (2005a, p. 33) afirma que “a primeira é acessível aos aparelhos lingüísticos, na medida em que permite apreender

seqüências delimitadas que mostram claramente sua alteridade”, por meio de marcas explícitas, recuperáveis na superfície discursiva.

A alteridade pode se manifestar ao longo do discurso de forma marcada ou não-marcada. Quando for marcada, é da ordem da enunciação, visível na materialidade lingüística, como, por exemplo, o discurso direto, as palavras entre aspas. Se for não-marcada, então, é da ordem do discurso, sem visibilidade, como o discurso indireto livre e a ironia.

A heterogeneidade constitutiva, por sua vez, não deixa marcas visíveis de alteridade. Trata-se da polifonia<sup>12</sup> formada pelas vozes da história e da cultura (e também, do inconsciente), que se fazem presentes em todo universo discursivo e em relação à qual o autor não tem controle racional e, às vezes, nem sequer consciência (MAINGUENEAU, 2005a).

A heterogeneidade discursiva permite afirmar que a palavra não pertence a um locutor isolado, mas considera o Outro: “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. [...] Um falante não é o Adão bíblico, só relacionada com objetivos virgens, ainda não nomeados, a os quais dá nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2003, p.299- 300).

Analogicamente, pode-se dizer que uma formação discursiva também só poderia existir enquanto elo, isto é, sua existência se

---

<sup>12</sup> O termo “Polifonia”, utilizado nesta pesquisa, inscreve-se nos pressupostos teóricos oriundos de Mikhail Bakhtin.

explica sempre em relação a outras formações discursivas provenientes da formação social, com as quais mantém diferentes relações. Necessita, portanto, do interdiscurso.

Maingueneau (1997) recorre a Courtine<sup>13</sup> (1981) para explicar que a formação discursiva se estabelece a partir de três domínios: *domínio de memória discursiva*, *domínio de atualidade* e *domínio de antecipação*. Pode-se conceber memória discursiva como sendo os sentidos já cristalizados, legitimados na sociedade e que são reavivados no intradiscurso. A memória discursiva faz com que o sujeito, na sua relação com o social e o histórico, se filie a determinadas redes de sentido. Pode sempre ser resignificada, pois é constituída na relação com o esquecimento. Inclui enunciações que repetem, rejeitam e transformam outras enunciações, operando sobre o pré-construído.

O *domínio de atualidade* compreende as formulações que, em torno de um acontecimento, se recusam, se apóiam, etc., em uma conjuntura determinada. E, finalmente, *domínio de antecipação* refere-se às enunciações posteriores que são antecipadas e previstas pelo discurso.

Pode-se observar, então, de outra perspectiva, que o mesmo fato fundamental de que uma formação discursiva, em seu *domínio de atualidade*, só pode ser encarada enquanto elo, que se une aos elos antecedentes do *domínio de memória* e aos subseqüentes do

---

<sup>13</sup> Conceito retirado da obra de MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Pontes, Campinas, 1997.



*domínio de antecipação*. Por isso a necessidade de ser definida, conforme propõe Maingueneau (2005a), a partir do interdiscurso.

Os contornos da identidade da formação discursiva ou da relação do discurso com o interdiscurso estão em constante movimento, tal como o universo interdiscursivo. Da mesma maneira, o caráter das relações sociais compactua desse movimento que orienta os acontecimentos e a história. Para Maingueneau (2005a) existe uma relação entre fenômenos sociais e discursivos.

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a degeneração de determinados elementos (MAINGUENEAU, 1997, p. 113).

Nessa acepção, para o autor, as enunciações de uma formação discursiva ocultam o eixo “vertical” do pré-construído e do *domínio da memória* sob a capa do eixo “horizontal” do tecido linear do discurso, de modo que o sujeito enunciador admita, ilusoriamente, o pré-construído que lhe é imposto por meio de sua formação discursiva e tenha a sensação de que fala por si, de que o discurso é seu.

O conceito de memória discursiva, para a análise aqui proposta, parece ser elucidativo. Pode-se dizer que as piadas são objetos que se caracterizam por articular a língua com a cultura, com a história, com

o pré-construído, haja vista que o interdiscurso explicita critérios de interpretação das piadas.

De acordo com Maingueneau (1997, p. 116), a noção de interdiscurso pode ser explicada a partir de três termos complementares: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

Por “universo discursivo”, o autor entende o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Representa um conjunto finito, embora não possa ser apreendido em sua globalidade. É de pouca utilidade para o analista e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de serem estudados, os “campos discursivos”.

Maingueneau define “campo discursivo” como um conjunto de enunciações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, seja em confronto aberto, em aliança, na forma de neutralidade aparente, etc., entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. Pode tratar-se do campo político, religioso, literário, filosófico, dramático, gramatical, etc. Esse recorte em “campos” é apenas uma abstração necessária que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas. Para o autor, é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e sua hipótese é que tal constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre

formações discursivas já existentes. Isso, entretanto, não significa determinar, *a priori*, as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo e nem que os discursos se constituam todos da mesma forma em todos os discursos desse campo.

Finalmente, Maingueneau (2005a) propõe isolar *espaços discursivos*, isto é, subconjuntos de campos discursivos cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito. Tais restrições devem resultar apenas de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão, em seguida, confirmados ou não quando a pesquisa progredir.

A contraposição entre o conceito de *heterogeneidade constitutiva*, cunhado por Authier-Revuz (1990) e a posição de Maingueneau contribui para caracterizar, de maneira mais precisa, a noção de interdiscurso para esse autor. Authier-Revuz (1990) recorre ao dialogismo bakhtiniano e à abordagem psicanalítica de Freud para explicar o conceito de *heterogeneidade constitutiva*.

Para Authier Revuz (1990, p. 26-27), na posição bakhtiniana, as palavras serão sempre, inevitavelmente, “as palavras dos outros”, já que nenhuma delas é neutra, mas “carregada”, “ocupada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”. Neste sentido, o discurso não é formado exceto com o “centro” exterior constitutivo do *já dito*, isto é, a linguagem é “saturada”; toda formação discursiva, portanto, é dominada pelo interdiscurso.

Além do recurso a Bakhtin (2003), Authier-Revuz (1990), buscando apoio para seu conceito de *heterogeneidade constitutiva*, recorre a Pêcheux, para quem é natural à formação discursiva “dissimular” sua alteridade contraditória na “transparência do sentido que nela se forma”:

O próprio de toda formação discursiva é o de dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória no interdiscurso determinante desta formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que “isso fala” (ça parle) sempre, antes, alhures e independentemente (PECHÊUX apud AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Por fim, Authier-Revuz (1990) apóia-se na corrente psicanalítica, para a qual o discurso do inconsciente é fator relevante. Para a autora, é a estrutura material da língua que permite, na linearidade de uma cadeia, que a polifonia não intencional de todo o discurso apareça, por meio da qual a análise pode recuperar as marcas da “pontuação do inconsciente”.

Segundo Authier-Revuz (1990, p. 28), a partir deste ponto de vista, o conceito de sujeito é afetado pela “ilusão necessária constitutiva do sujeito” de ser o centro. A partir dessa perspectiva, isso acontece em função dessa *instância do sujeito que é o eu*, que, por meio daquilo que Freud chama de *função do desconhecimento do eu*, reconstrói no imaginário do sujeito dividindo a imagem de um sujeito autônomo, apagando a divisão. Deste modo, o sujeito e seu discurso apresentam-se, para a autora, constitutivamente

atravessados pelo Outro, seja o da ideologia, seja o do inconsciente. Ao passo que essa heterogeneidade constitutiva se relaciona aos “processos reais de constituição” de um discurso, a heterogeneidade mostrada tem a ver com os “processos, não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição” (Ibid., p. 29).

A autora afirma que as formas marcadas da heterogeneidade mostrada são reconhecidas como “formas do desconhecimento da heterogeneidade constitutiva” (Ibid., p. 29). A emergência dessas formas na superfície discursiva pode revelar o que elas, justamente parecem querer negar: a onipresença do interdiscurso, a heterogeneidade inevitável do discurso, a cisão do sujeito.

A heterogeneidade constitutiva do discurso manifesta outras formas não marcadas da heterogeneidade mostrada (discurso indireto livre, ironia, metáforas, jogos de palavras, etc.). A *negociação* apresenta-se, nesse caso, de forma mais *arriscada*, em que há possibilidade da dissolução do outro no um, ou, inversamente, da diluição do um no outro. Desprovidas de rupturas, essas formas constituem, para Authier Revuz (1990), discursos mais próximos da heterogeneidade constitutiva e, ao negarem qualquer proteção, “tentam fazer falar”, no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo “isso fala” do interdiscurso ou do significante.

Uma comparação entre as piadas e os conceitos acima descritos permite incluir os enunciados humorísticos como formas não marcadas de heterogeneidade mostrada. No caso das piadas, talvez dificilmente ocorra a “dissolução do outro no um”, conforme Authier,

haja vista que se trata de um gênero (a piada) que é percebido por praticamente todos os integrantes de uma formação social como o lugar privilegiado do outro, além de pertencer ao léxico. Provavelmente ocorra, por outro lado, a diluição do um no outro.

Para Maingueneau (2005a), o discurso constrói-se por meio de um debate com a alteridade. Desse modo, o centro deixa de ser o discurso e passa a ser a relação, nada fechada, nada estável, que este mantém com seu Outro, dentro do espaço discursivo. Não se trata de vincular a alteridade às formas marcadas ou não de heterogeneidades, ou de se aceitar a teoria dos enunciadores discursivos. Trata-se, antes, de apagar, ou “subverter”, “essa equivalência entre o exterior do discurso e o interdiscurso, para pensar a presença do interdiscurso no próprio coração do intradiscurso” (Ibid., p. 38).

O Outro do discurso não é, segundo a leitura que se faz de Maingueneau, uma espécie de “envelope” do discurso nem um conjunto de citações. No espaço discursivo, não é necessário que o Outro seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso, pois “o Outro é o que faz sistematicamente falta a um discurso, é aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade” (Ibid., 2005, p. 39). Disso decorre a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo e revela o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso.

Partindo deste enfoque, o Outro corresponderia à zona do *interdito* de um discurso delimitado pela formação discursiva, isto é, se o discurso define o que pode ou não ser dito, o Outro configuraria a parte do dizível que foi rejeitada por uma formação discursiva no processo de sua constituição.

Neste sentido, se estabelece o primado do interdiscurso, significando, assim, que para apreender a identidade de um discurso, é necessário recorrer à relação que o próprio discurso mantém com o que lhe falta. Se for possível definir uma formação discursiva a partir de um conjunto de enunciados, é possível impor a necessidade de decifrar não apenas o “direito” desses enunciados, mas também o “avesso”, que é justamente onde ocorre o que essa formação rejeita.

Para o que se pretende neste trabalho, as noções de interdiscurso e de formação discursiva justificam a análise proposta, que busca explicitar os discursos que visam denegrir a imagem da etnia negra.

### **3.4 Paráfrase: De sua Complexidade Teórica**

Entre as formas de heterogeneidade que caracterizam as piadas destacam-se a paráfrase e a polissemia. Enquanto a paráfrase marca a retomada no discurso, a polissemia se caracteriza pelo rompimento. Segundo Orlandi (2001), a linguagem funciona com base na relação constante entre os processos parafrásticos e polissêmicos.

“Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2001, p. 36). Em oposição, “na polissemia o que se tem é deslocamento, ruptura de processos de significação. É nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam” (Ibid.).

Assim, se, de um lado, a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços de dizer, se pelo processo parafrástico se formulações distintas do mesmo dizer sedimentado são produzidas, de outro, os processos polissêmicos jogam com equívoco e produzem o movimento dos sentidos.

A paráfrase consiste em um processo discursivo por meio do qual a produção de sentidos novos ou de seqüências novas não passaria de um retorno ao molde, ou, mais precisamente, à “matriz do sentido”, permitida pela formação discursiva. Essa “matriz do sentido” configura um espaço em que os enunciados são, conforme Brandão (1995), “retomados” e “reformulados”, em movimento permanente, tendo em vista o fechamento das fronteiras e a preservação da identidade de uma formação discursiva.

Segundo Fuchs (1985), tradicionalmente, o termo paráfrase foi utilizado para designar uma prática languageira específica que é a atividade de reformulação de textos, sempre partindo de um texto-



base. Nessa perspectiva, a noção de paráfrase lingüística teve um caráter muito mais empírico do que propriamente teórico.

Na Antigüidade greco-latina, a atividade de reformulação parafrástica foi basicamente invocada em dois tipos de situações de caráter pedagógico: na exegese de textos bíblicos e no exercício da retórica. Enquanto a paráfrase exegética se amparava na interpretação de um texto de origem, cujo intuito era o de explicitar sentidos para o interlocutor, a paráfrase empregada no exercício da retórica, por sua vez, estava voltada para a produção de um novo texto. A preocupação da retórica era o domínio de formas de expressões a partir do texto de origem interpretado, o texto reformulador (texto parafrástico) procuraria de certa forma, imitar outros textos, presumindo, assim, ao menos aparentemente, uma anulação de distância em relação ao texto tomado como modelo. Fuchs (1985) nomeia a primeira atividade (paráfrase exegética) de reformulação explicativa e a segunda, de reformulação imitativa.

Os estudos lingüísticos sobre a paráfrase, com ênfase nas relações entre formulações lingüísticas surgem por volta da segunda metade do século XX. Assim, conforme Fuchs (1985), uma concepção empírica de paráfrase (empregada na exegese de textos bíblicos e nos exercícios de retórica), que se baseia no texto como uma prática de linguagem, é substituída por uma caracterização teórica cuja ênfase recai sobre o sistema da língua. Nessa segunda abordagem, o ato de parafrasear está relacionado à competência lingüística do falante, a qual deve ser explicitada em termos de regras da língua.

Saber uma língua é, nesse sentido, ser capaz de produzir e identificar uma variedade de expressões, mantendo o mesmo sentido.

A caracterização da paráfrase como equivalência semântica, todavia, constitui uma contradição, uma vez que nem sempre há consenso entre os interlocutores sobre o que é “o mesmo” sentido e “outro” sentido, em função do contexto e da situação. Para Fuchs (1985), embora alguns enunciados possam parecer correlatos, nem todos os interlocutores os percebem e os produzem da mesma forma. Em muitos casos, não é claro se o sintagma ou sentença é ambíguo ou não. A sentença “Ele fala bem” pode significar que ele fala com clareza (pronuncia corretamente as palavras, sem trunicações, sem gaguejar, etc.), ou que ele fala utilizando-se da variedade padrão de linguagem (o português padronizado, normatizado pela gramática).

Isso justifica a afirmação de Ilari e Geraldi (1985, p. 50), de que a paráfrase tem caráter essencialmente ambíguo: “ela tem um fundamento real na semelhança de significação das palavras ou de construções gramaticais, mas essas semelhanças nunca são completas; ao contrário, revelam-se precárias a uma análise mais acurada, como aquela que o semanticista tem a obrigação de fazer”.

A compreensão conceitual de paráfrase centra-se na distinção entre forma e conteúdo, isto é, considera-se a existência de uma unidade no plano do conteúdo - pois se supõe que este se mantém inalterado - e uma diversidade no plano da formulação. Por essa compreensão, parafrasear significa dizer a mesma coisa com outras palavras (ILARI e GERALDI, 1985).

Segundo Fuchs (1985), os estudos contemporâneos sobre a paráfrase centram-se, basicamente, em três abordagens teóricas: (a) a paráfrase encarada como equivalência formal entre frases, levando em consideração a veracidade do enunciado, com base em postulados lógicos; (b) a paráfrase definida a partir de critérios semânticos entre o enunciado primeiro e o enunciado segundo, compreendidos a partir de uma relação sinonímica; e (c) a paráfrase vista como uma atividade de reformulação, considerando-se que tal atividade varia segundo os sujeitos e a situação em que a atividade parafrástica é produzida.

Do ponto de vista lógico, duas proposições são consideradas “equivalentes” se possuírem o mesmo “valor de verdade” e se existirem regras que normatizem a equivalência entre elas. Assim, “É necessário que eu vá bem na prova” equivale a “Eu preciso ir bem na prova”, “Eu tenho que ir bem na prova” e “Eu sento” equivale a “Eu não estou em pé”, por exemplo, constituindo paráfrases que partilham equivalência semântica.

Grande parte dos formalistas reúne as famílias parafrásticas sobre a base de uma derivação de enunciados equivalentes, a partir de uma fórmula abstrata comum, que pretende representar as relações gramaticais profundas e, portanto, a constância semântica, partilhada por estes enunciados. Algo semelhante à “estrutura profunda”, da gramática gerativa. Nessa perspectiva, o modelo de paráfrase lingüística seria a relação entre frases ativas e passivas (“O gato comeu o rato” = “O rato foi comido pelo gato”) ou a relação

entre frases conversas (“Marta deu um presente a Maria” = “Maria recebeu um presente de Marta”). Esses pares de paráfrases sofreriam certa alteração apenas na ordem dos elementos constituintes, mas conservariam um fundo semântico comum.

Considerando-se que o sentido não está nas palavras, mas na relação entre elas e delas com o real, percebe-se que a simples alteração da ordem dos constituintes já estabeleceria novas relações e desencadeariam mudanças de sentido não previstas por tal modelo de análise da questão.

A abordagem gramatical da paráfrase enquanto sinonímia de frases alterna entre duas concepções prevaletentes: primeiro, a quantitativa, que considera a sinonímia como identidade verdadeira de sentido (na língua, há numerosas palavras que têm o “mesmo” sentido); e, segundo, a qualitativa, que considera a sinonímia apenas como proximidade de sentido (a língua instaura sutis diferenças semânticas entre as sinonímias, que se traduzem em diferenças de emprego).

A abordagem estritamente sintática da paráfrase corresponde à concepção quantitativa que, ao inventariar o conjunto de estruturas parafrásticas, com o fim de conservar a idéia intuitiva de uma certa “identidade de sentido”, apaga as sutis diferenças semânticas entre elas. A concepção qualitativa, por sua vez, é objeto de diversas abordagens semânticas posteriores à abordagem sintática, tais como as semânticas gerativa e formal. Essa concepção leva em conta não

apenas o que as paráfrases têm em comum, mas justamente aquilo que as diferencia.

A abordagem de paráfrase definida a partir de critérios semânticos entre o enunciado primeiro e o enunciado segundo deixa evidente que o fenômeno da sinonímia (entre palavras e frases) pressupõe a estabilidade de um referente comum, sobre o qual se tem a possibilidade de acrescentar pontos de vista diferentes e concepções múltiplas. E é a partir dessa estabilidade do referente que se postula a idéia de núcleo semântico comum e de diferenças semânticas secundárias.

No entanto, Fuchs (1985) adverte que a identidade referencial não é suficiente, já que se pode referir a um mesmo objeto ou estado de coisas de modo semanticamente divergente, ou até contraditório (por exemplo, quando se diz “Ele deve ter compreendido” pode-se inferir: “Ele compreendeu sem dúvida”, “Há todas as chances que ele tenha compreendido”, “É verossímil que ele tenha compreendido”, ou ainda, “Eu penso que ele compreendeu”). Portanto, o sentido denotativo de base deve ser idêntico ao referente e não apenas o referente denotado. Desse ponto de vista, opõem-se o sentido à referência, a denotação às conotações, o semantismo de base aos semantismos secundários. A idéia prevalecente nessas formas diferentes de enxergar o fenômeno é a de um núcleo objetivo (“sentido lógico”), opondo-se às variações subjetivas, consideradas menores (“conotativas”).

Para Fuchs (1985), cada enunciado de uma família parafrástica será sempre um entre outros, e único. Em outros termos, não se pode reduzir o vários ao um, sem que se perca algo significativo. Além disso, o fenômeno sinonímico funciona como dado imediato da consciência dos locutores, num processo em que, considerados o contexto (lingüístico) e a situação (extra-lingüística) que filtram alguns valores das expressões, o enunciador pode espontânea e momentaneamente apagar as diferenças em benefício das semelhanças e vice-versa. Isso explica por que exemplos típicos de paráfrase lingüística, como o das frases conversas, por exemplo, dificilmente seriam aceitos como de sentido idêntico. Parece difícil substituir “Marta lamenta que João tenha perdido o táxi” por “Marta lamenta que o táxi tenha perdido João”.

Tanto a abordagem parafrástica de equivalência formal quanto à da sinonímia semântica, têm como ponto problemático comum o fato de pressupor um duplo consenso da parte dos falantes: o consenso de que há um sentido imanente aos enunciados, inscrito no sistema de língua e suposto uniformemente decodificado por todos os sujeitos; e o consenso de que a relação de paráfrase entre enunciados é uma relação estável, inscrita na língua e uniformemente manuseada por todos os sujeitos. A desconsideração aos aspectos discursivos limita o tratamento da paráfrase, quer segundo critérios formais de equivalência, quer segundo critérios semânticos de sinonímia.

Fuchs (1985) apresenta, então, a paráfrase vista como uma atividade de reformulação, levando a análise para o plano do discurso, em que a paráfrase é vista como uma atividade efetiva de reformulação, mediante a qual o locutor restaura (bem ou mal, totalmente ou parcialmente, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo. Nessa perspectiva, a consideração de parâmetros ligados ao locutor e à situação específica de discurso torna-se indispensável, uma vez que o objetivo é o estudo dos tipos de reformulações a adotar em função do contexto e das circunstâncias.

A paráfrase vista como atividade de reformulação caracteriza-se por três tipos de questões. A primeira delas é a variabilidade e a divergência de interpretações do texto-fonte, conforme os sujeitos e situações. Isso se deve não apenas à ambigüidade intrínseca de algumas expressões, mas também e, sobretudo, à multivocidade inerente a todo texto, à pluralidade de níveis de decodificação e à diversidade de graus de exigência semântica segundo as situações de decodificação.

A segunda questão consiste na identificação da significação do texto-fonte àquela do novo texto. A atividade de reformulação realizada pelo sujeito oscila entre a reprodução do conteúdo e a sua deformação. E, finalmente, a reformulação parafrástica se traduz por formas características de emprego metalingüístico da linguagem.

Nesse sentido, Fuchs (1985), assim como Ilari e Geraldini (1985), consideram impossível a identidade absoluta de sentido, preferindo

abandonar a idéia de paráfrase como identidade semântica para adotar uma definição em termos de equivalência semântica. Essa é a linha de pensamento que se segue na análise de piadas.

A expectativa é de que, embora a piada reatualize o discurso racista em situações novas, com uma “nova roupagem”, em um novo contexto, o significado prevalece, uma vez que a representação do negro nos enunciados dos discursos humorísticos possui uma tendência à cristalização de sentido. Por exemplo nas piadas: *“Quando preto é gente? Quando alguém bate na porta do banheiro e ele diz: tem gente”* e *“O que significa um negro dentro de um Fiat com um real na mão? -Nada. Porque real não é dinheiro, Fiat não é carro e negro não é gente”*, o sentido que se busca veicular é o mesmo, ou seja, negro não é uma pessoa, é um animal, um objeto, mas não humano.

Numa perspectiva enunciativo-discursiva, recorre-se ao recurso parafrástico para exemplificar como o sujeito faz incursões sobre o seu próprio dizer em função de um ato responsável de levar adiante um propósito discursivo em relação ao outro. Isso significa que: “No processo de compreensão ativa e responsiva, a presença da fala do outro deflagra uma espécie de “inevitabilidade de busca de sentido”: esta busca, por seu turno, deflagra que quem compreende se oriente para a enunciação do outro” (GERALDI, 1991, p. 18).

O modo como a paráfrase é agenciada, em função do contexto histórico em que a enunciação é produzida, traduz-se em gestos que individualizam o trabalho do sujeito na linguagem, assinalando por esses



gestos a sua singularidade. Assim, importa-nos não o que a paráfrase retoma como o repetível, o já-dito, mas, no processo de retomada, o que ela produz como efeitos de sentido, já que ela tanto pode silenciar um já-dito como ampliar sentidos a partir desse já-dito.

O conceito de paráfrase também aparece em Pêcheux e Fuchs (1975). Esses autores entendem que a produção do sentido encontra-se intimamente ligada com a relação de paráfrase que se estabelece entre seqüências discursivas, de tal forma que a família parafrástica dessas seqüências representa, para os autores, a matriz do sentido, o que significa que o efeito de sentido se constitui a partir das relações que acontecem no interior da família parafrástica. De acordo com a concepção materialista do discurso, as formações discursivas são componentes das formações ideológicas, as quais, por sua vez, podem abranger uma ou várias formações discursivas interligadas. O discurso, então, é concebido como um dos aspectos materiais da materialidade ideológica. E dado que as formações discursivas representam no campo da linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes, são justamente elas que interpelam os indivíduos em sujeitos de seus discursos.

Isso significa que as formações discursivas é que dão sentido às palavras, expressões e enunciados que os sujeitos produzem. Equivale a dizer que essas palavras, expressões e enunciados não possuem sentido próprio. Ao contrário, podem até mesmo contrair sentidos bem diversos dependendo da formação discursiva a qual pertençam. Do mesmo modo, é possível que palavras, expressões e

enunciados diferentes tenham o mesmo sentido, no interior de uma dada formação discursiva. Isso ocorre porque o sentido de uma palavra, expressão ou enunciado se constitui no interior das formações discursivas, a partir da relação que essas categorias mantêm com outras palavras, expressões ou enunciados da mesma formação. Daí, a definição de processo discursivo como um sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre os elementos lingüísticos de uma determinada formação discursiva.

Para Henry (1993), a paráfrase discursiva refere-se a uma noção “contextual”, no sentido de que a paráfrase discursiva depende das condições de produção e interpretação, ou seja, das formações discursivas às quais o discurso pode estar relacionado para nelas produzir sentido. Nesse sentido, formulações diferentes não podem ser tomadas como ligadas por uma relação de paráfrase discursiva a não ser a partir da aproximação entre seqüências nas quais elas aparecem nos mesmos ambientes.

A relação parafrásica entre formulações diferentes só é possível se houver autonomia relativa na língua. Nesse caso, os sentidos já estariam previamente fixados no sistema.

Nessa pesquisa, far-se-á uso de estratégias de parafrase para a organização do *corpus*. Os múltiplos enunciados característicos das piadas que tematizam o negro serão categorizados em enunciados de base, de modo a bloquear, assim, possíveis interpretações não desejáveis de uma mesma seqüência discursiva e

para estabelecer o controle da polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. A análise das piadas caracterizadas pelo discurso racista é, pois, o interesse do próximo capítulo.

#### **4 O QUE DIZEM AS PIADAS QUE TEMATIZAM O NEGRO**

“Não se trata, no entanto de, a partir da história da época, ler esses textos como a sua ilustração e acrescentar detalhes ou peripécias. O que procuro atingir é a historicidade mesma dos textos. Lembrando que a história, para quem analisa discursos, não são os textos em si, mas a discursividade”.

Este capítulo objetiva apresentar a análise das piadas que tematizam o negro. Tendo como base o conceito de paráfrase que constitui uma formação discursiva (FD) e que consiste, conforme Brandão (1995, p. 39), em “um espaço em que os enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade”, proceder-se-á com a organização das famílias parafrásticas de enunciados particulares em enunciados de base (EBs).

No *corpus* selecionado, além de se detectar certa identidade discursiva que pode ser reduzida a um enunciado de base, pois mantém um sentido repetido no interior das fronteiras da formação discursiva, verifica-se também a existência de um fundo semântico comum.

Formalmente, as piadas que tematizam o negro e que constituem o *corpus* desse trabalho são semelhantes às adivinhas, conforme revelam os exemplos a seguir:

- *O que mais brilha no preto?*
- *As algemas.*
  
- *Qual a diferença entre o preto e o câncer?*
- *O câncer evolui.*
  
- *Por que volante de preto é pequeno?*
- *Para ele poder dirigir algemado.*

- *Quando preto sobe na vida?*
- *Quando explode o barraco.*
  
- *Como se tira um negão de uma árvore?*
- *Corta a corda!*

Embora mantenham afinidades formais com o gênero adivinhas, que também se prestam à produção do humor, as piadas do tipo pergunta-resposta diferenciam-se das adivinhas, conforme Marini (1999), por três razões principais: (1) nas piadas se observa a existência de temas recorrentes como a crítica a grupos minoritários (loiras, negros, portugueses, etc.), enquanto nas adivinhas a recorrência a esses temas é inexistente; (2) o alvo das piadas é a “chacota” contra grupos sociais, instituições, etc., o que não requer uma ação reflexiva sobre a própria língua, ao passo que as adivinhas envolvem esse tipo de atividade reflexiva sobre a língua-objeto presente na brincadeira; (3) as adivinhas instituem com a pergunta um tipo de jogo-desafio com a finalidade de atestar a capacidade do desafiado de formular a resposta, havendo um vencedor e um perdedor, ao contrário das piadas que não exigem a resposta e não estabelecem o quadro de vencedor e perdedor, pois seu propósito é provocar o riso, por meio da “chacota” de grupos minoritários.

Uma das marcas dos chistes, conforme Freud (1905) é, de uma forma menos ingênua, divertir-se à custa dos grupos sociais menosprezados (negros, mulheres, judeus, aleijados, etc.).

A estrutura do tipo de piada pergunta-resposta, exemplificada nas piadas acima, é, aparentemente, simples: faz-se uma pergunta

direta, iniciada com um pronome/advérbio interrogativo (O que/Qual/Por que/Quando/Como...?), para, em seguida, iniciar a resposta com o uso ou não de advérbio (Quando/ Para..., conforme demonstram os exemplos). Contudo, vale destacar que as piadas que compõem o *corpus* de análise nesta pesquisa, embora não mantenham a mesma estrutura formal, considerando-se que nem todas são do tipo pergunta-resposta, mantêm uma temática comum.

O discurso racista que se veste de variadas formas e construções, em diferentes cenários, apresenta o negro, invariavelmente, como alvo de humilhação, depreciação e discriminação, destituindo-lhe o traço de ser humano, conforme as análises que se pretende demonstrar.

Considera-se que a época da escravidão no Brasil e as tentativas para o “branqueamento” de nação brasileira, conforme se verificou no capítulo 2, contribuíram significativamente para a constituição de uma identidade depreciativa do negro e, portanto, para sua despersonificação, pois o preconceito ao negro a precede como resultado de uma representação histórica negativa à cor preta, já que os vocábulos “preto” e/ou “negro” vêm linguisticamente marcados de forma pejorativa.

O vocábulo “preto”, em língua portuguesa, é freqüentemente utilizado para expressar negatividade<sup>14</sup>. No dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2004), esse verbete encontra-se definido da seguinte forma:

---

<sup>14</sup> Não se está negando, com essa afirmação, seu caráter polissêmico.

Preto (ê). [Do lat. \**prettu*]. *Adj.* 1. Que tem a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão. [Rigorosamente, no sentido físico, o preto é a ausência de cor, como o branco é o conjunto de todas as cores. V. *cor* (1). 2. Diz-se de diversas coisas que apresentam cor escura, sombria; negro: *O céu ficou preto de fumaça.* 4. Sujo, encardido. 5. Diz-se do indivíduo negro. 6. Diz-se da cor da pele desses indivíduos, ou da cor da pele clara queimada pelo sol, negro. 7. *Tip.* Diz-se do tipo (ou fio) de traços acentuadamente mais fortes que o normal; negro, gordo.[Nessa acepção, v. meio-preto] 8. *Bras.* Difícil, perigoso, roxo: *eu vi as coisas pretas.* ~V. *bode---*, *café---*, *chá---*, *frades---*, *naipes---*, *pão---* e *terra---* 9. *S.m* Indivíduo negro. [Aum. Nesta acep., pretalhão] 10. cor preta [*de cor*].[Sin.salvo na acepç. 7] : *negro*. Por o preto no branco. Passar o documento escrito qualquer declaração verbal.

Para a palavra “preto”, notam-se de imediato, duas categorias gramaticais: adjetivo e substantivo. No dicionário etimológico de Antonio Geraldo da Cunha (1982) e no dicionário latino de língua portuguesa de Ernesto Faria (1962) verifica-se que os termos “preto” e “negro” (apresentados apenas como adjetivos), relacionam-se com os significados dispostos no verbete apresentado pelo dicionário Aurélio (2004):

Preto *adj.*; negro' XIII. Do lat. \**prettus*, por *pressus*.<sup>15</sup>

Negro *adj.* 'preto, sujo, lúgubre' XIII. Do lat. *niger, nigra, nigrum*

*Niger, nigra, nigrum* – *adj.* Sent. próprio: Negro, preto, escuro, sombrio, tenebroso. Sent. figurado: Sombrio, espesso, tempestuoso. Sent. moral: infeliz, de mau agouro, sombrio, negro (com idéia de morte) Enlutado, fúnebre, triste, melancólico, mau, perverso, pérfido, de alma negra.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Dicionário Etimológico Antonio Geraldo da Cunha (1982)

<sup>16</sup> Dicionário Latino de Língua Portuguesa Ernesto Faria (1962)

É possível perceber, com base nas definições dos termos oriundos do dicionário latino e etimológico, que as palavras “preto” e “negro” possuem uma carga semântica negativa. Consta, entretanto, na literatura, que a relação entre itens lexicais e conotação de campos semânticos pode ser positiva, negativa ou neutra. A prosódia semântica, segundo Partington (1998) é intrínseca ao item lexical, podendo revelar conotações sociais, culturais e situacionais, conforme demonstrado nos exemplos extraídos do *corpus*:

- *Por que volante de **preto** é pequeno?*
- *Para ele poder dirigir algemado.*
  
- *O que é um band-aid de **preto**?*
- *Fita isolante.*
  
- *O que acontece se um **preto** cair num monte de bosta?*
- *Aumenta o monte.*
  
- *Quando **preto** é gente?*
- *Quando batem na porta do banheiro e ele diz “tem gente”.*
  
- *Quando **preto** é bonito?*
- *Quando ele chega atrasado e o chefe fala: “Bonito, né...”.*

Verifica-se, nos exemplos citados, que o termo “preto” possui uma condição marcadamente negativa (embora não necessariamente precisa ser sempre negativa). Intuitivamente, percebe-se que o usuário da língua portuguesa possui esse tipo de informação armazenada como parte de seu léxico mental, isto é, há uma relação que aproxima o conceito de “preto” a um “sentido negativo” que parece estar inerente na mente do falante, independente de como esse conceito ou essa noção foi construída.



Os vocábulos “preto” e “negro” abarcam diversos sentidos dependendo do contexto em que aparecem e mantêm entre esses sentidos uma relação com seu significado básico, compartilham pelo menos um mesmo traço semântico, que, em muitos casos, é constituído negativamente. Baseados em critérios sintáticos, verifica-se que o termo “preto” revela um caso homônimo sintático, uma vez que o vocábulo assume formas de adjetivo e substantivo, como por ex: ‘*Meu carro é preto*’ (adjetivo) e ‘*Você conhece aquele preto?*’ (substantivo). No entanto, partindo da sua etimologia, verifica-se a ausência de informações, nos dicionários consultados, sobre origens distintas que conceituam os termos “preto” e “negro”. É possível ainda verificar, nos exemplos expostos a seguir, que a carga semântica negativa é mantida, remetendo, assim, a um sentido comum, ainda expressando um sentido figurado, e, portanto, metafórico.

*(a) A coisa ficou preta. (Adj.; sentido; figurado, difícil)*

*(b) Só pode ser coisa de preto. (S.m.; sentido pejorativo, figurado, indivíduo negro)*

*(c) Eu estava muito mal, de repente ficou tudo preto e só sei que desmaiei. (Adj.; cor, sentido figurado)*

*(d) O céu ficou preto. (Adj.; cor, escuro, de fumaça, sentido figurado, sombrio, tenebroso)*

Em (a) deve-se considerar que a expressão como um todo é metafórica. Esse enunciado normalmente é proferido em uma situação que acarreta dificuldade ou periculosidade para alguém, que

muito pouco teria relação propriamente dita com a cor preta, mas que empresta a conotação negativa etimologicamente confirmada. Em (b) toma-se o termo num sentido eminentemente pejorativo e figurado, revelando inclusive uma espécie de discriminação racial, permeado novamente pelo sentido negativo do termo. Na sentença (c), observa-se uma relação metafórica entre a cor preta e o fato de se perder a consciência. Provavelmente, o enunciador não quer dizer que tudo aquilo que havia ao seu redor de repente assumiu a cor negra, mas sim que no momento em que o mesmo perdeu sua lucidez, não foi possível enxergar mais nada. Do mesmo modo, é metafórica a sentença (d), uma vez que o termo “preto” não expressa a cor propriamente dita do céu, mas, talvez, que ele ficou escuro, repleto de fumaça ou até mesmo apavorante, sombrio.

Ao lado da negatividade semântica do vocábulo “preto”, que conceitua o negro a partir de piadas, depara-se, em contexto escolar, com toda a estereotipia que circula na sociedade brasileira. Por exemplo, nos livros didáticos, a história das etnias negras é contada a partir do período escravocrata, fato agravado pela quase inexistência do relato, nesses livros, das contribuições de mulheres e homens negros. Ademais, conforme pontua Dijk (2003, p. 171), materiais didáticos seguem mantendo estereótipos como o fato de a comunidade negra ser apresentada como vítima tanto em épocas de escravidão, bem como na atualidade, e não em uma posição de resistência ativa contra a opressão e a marginalização.

A abordagem presente nos livros didáticos dificulta a identificação do negro com seu próprio grupo de pertencimento, pois o modelo positivo apresentado para identificação é o do homem branco. Nas piadas, esse modelo é apresentado como o desejo do negro de ser branco ou em ser considerado seu igual:

Piada 1<sup>17</sup> - *Por que preto gosta de ser crente?*  
- *Para chamar o branco de irmão.*

O discurso racista evidenciado na piada acima apresenta o homem branco como a idealização do negro. Esse discurso, entretanto, não vitima apenas os negros. A minimização do negro estende-se também ao “crente”, denominação freqüentemente utilizada para se referir aos adeptos das igrejas protestantes (resultantes da contra-reforma religiosa no século XVIII) que costumam tratarem-se como “irmãos”, numa referência à irmandade em Cristo. “Ser crente”, por outro lado, é uma expressão utilizada para diferenciar do “ser católico”, denominação dada aos pertencentes à Igreja Católica Apostólica Romana, modelo religioso com expressivo número de adeptos no ocidente e trazido ao Brasil pelos portugueses como o ideal de religiosidade. O vocábulo “crente”, não raras vezes, é usado pejorativamente pelos católicos, como ocorre na piada, quando se busca satirizar o costume de um indivíduo em chamar um outro de “irmão”. O discurso materializado nessa

---

<sup>17</sup> A partir desse momento, as piadas passarão a ser enumeradas para facilitar sua localização durante a análise.

piada afirma que o negro deseja ser branco ou ser aceito em uma relação de igualdade, de irmandade, entretanto, sustenta indiretamente essa impossibilidade, daí a opção do negro em ser “crente” para, pelo menos, poder chamar o branco de irmão. Ao depreciar o negro, a piada acima reforça o ideal de ego branco que não somente dificulta como também impossibilita a construção de uma identidade étnica com representações positivas do negro e de seu grupo.

Aliás, todas as piadas que tematizam o negro e que constituem o *corpus* de análise dessa pesquisa possuem efeitos negativos aferidos à etnia negra. Sendo assim, proceder-se-á a análise. Para fins didáticos, o discurso depreciativo do negro que circula nas piadas racistas foram agrupados em enunciados de base que intitulam as subseções que seguem.

#### **4.1 “Negro é ladrão”**

O enunciado básico “negro é ladrão” é afirmado por um grupo significativo de piadas. A adjetivação é vislumbrada na superfície material do discurso, o que demanda um trabalho de análise e interpretação do enunciado. A relação entre negro e roubo é evidenciada nas piadas 2, 3 e 4:

Piada 2 - *Por que o Kinder Ovo é preto por fora e branco por dentro?*

- *Porque se fosse preto por dentro ele roubava o brinquedinho.*

Piada 3 - *Um menino judeu e preto chegou pra mãe e perguntou:*

- *Mãe, eu sou mais preto ou mais judeu?*

*Ao que a mãe não entende a pergunta:*

- *Por que meu filho?*

- *Fala mãe, mais preto ou mais judeu?*

- *Sei lá, meu filho. Mas POR QUÊ?*

- *É que um amiguinho meu da escola está vendendo uma bicicleta, e eu não sei se eu pechincho ou se eu roubo!!!*

O humor da piada 2 provém da resposta inusitada à pergunta que orienta o leitor/ouvinte para a trivialidade do tema: o Kinder Ovo, uma guloseima em formato de ovo de chocolate da marca Kinder, apreciada pelas crianças. Caracteriza-se por ser revestido de chocolate preto por fora e branco por dentro e traz como “brinde” um pequeno brinquedo de plástico ou metal. O riso, nessa piada, surge quando a palavra “preto”, atribuída ao chocolate, remete-se ao negro com o intuito de humilhá-lo. Além disso, faz referência à famosa sentença popular “preto de alma branca”, quando se quer fazer referência a uma pessoa negra de boa índole. Assim, reforça-se, com essa piada, que “ser negro não é uma boa coisa”, especialmente quando se é negro “por dentro” e, portanto, de má índole. O efeito cômico, nesse caso, se dá devido à transposição da expressão corriqueira, naturalizada pela idéia “negro de alma branca” para uma outra tonalidade, o “negro” em um doce de chocolate apreciado pelas crianças.

A piada permite inferir que qualquer um pode ser vítima do roubo do negro, inclusive uma criança. O enunciado base “negro é

ladrão” apresenta-se a partir de uma situação específica da vida contemporânea, o que revigora a concepção de discurso assemelhando-o a uma “máquina” geradora de sentidos produzidos por meio de uma semântica de base. Desse modo, como preconizou Maingueneau (2005a), o discurso não se trata apenas de um conjunto finito de enunciados já realizados, mas também de um conjunto virtual de enunciados produzíveis de acordo com as restrições da formação discursiva.

O discurso racista que surge na piada 3, por sua vez, não vitima apenas os negros. A exemplo do que ocorreu na piada 1, na qual, além da estigmatização lançada ao negro, houve também a minimização aferida ao “crente”, na piada 3 é apresentado um estereótipo caricatural do judeu como um sujeito avarento. O protagonista dessa piada (um menino judeu e preto) questiona a mãe para saber qual das qualidades – ser negro e ser judeu – mais lhe é característica. Devido à perplexidade da mãe diante da pergunta, o garoto explica-lhe sobre sua necessidade de identificar-se com um dos personagens – negro ou judeu – e revela o modo como, discursivamente, a identidade destes sujeitos é constituída e essencializada pela sociedade: *negro é ladrão e judeu é ganancioso*.

Ao responder à pergunta da mãe sobre os motivos que o levam a questionar se é *mais negro ou mais judeu*, o garoto manifesta compactuar com as construções discursivas de que *o negro é ladrão e o judeu é ganancioso*, o que demonstra que essas qualificações pejorativas estão naturalizadas nas representações vinculadas aos

grupos étnico e religioso. Essas representações afirmam e reafirmam uma constituição identitária negativa para esses grupos. Constituídas discursivamente, alojam-se na cultura e por isso estão relacionadas com os significados partilhados socialmente, o que confirma que a linguagem é o meio pelo qual as pessoas atribuem sentido às coisas e por meio da qual os significados são instituídos e intercambiados.

A “naturalização” da prática do furto entre os negros é expressa também na piada a seguir:

*Piada 4 - O negão estava andando com seu BMW novinho pelas ruas da cidade quando, de repente, um pneu furou. O negão parou o carro para trocar o pneu. Quando estava tirando o pneu furado, passou outro negão pela rua que, ao ver o carro, parou do lado do mesmo e deu uma bela porrada no vidro, reduzindo-o a cacos. O dono do carro ficou furioso:*

*- Que é isso? Olha o que você fez, seu filho da puta! Vou te dar porrada!!!*

*O outro negão respondeu:*

*- Calma! Pode roubar o seu pneu sossegado. Eu só vou levar o toca CD.*

Neste trecho, assim como em 2 e 3, o negro apresenta-se como enunciador de um discurso racista e como vítima de um roubo realizado por outro negro. O humor expresso nessa piada realiza-se em função de que o negro, que intenciona roubar o toca CDs, não reconhece o outro como proprietário do veículo, mas tão somente como um ladrão, assim como ele, pelo fato de também ser negro. A atitude do ladrão revela ser inadmissível um negro possuir um carro como BMW, objeto de luxo para a aquisição de pessoas abastadas economicamente, ou talvez, por pessoas brancas, demonstrando a naturalização do vínculo entre negro e pobreza no Brasil.

Outras piadas apresentam o enunciado “negro é ladrão” indiretamente. É o que ocorre, por exemplo, nas piadas 5, 6 e 7.

Piada 5 - *Por que preto gosta de boxe?*  
- *Porque tem um assalto a cada três minutos.*

Piada 6 - *O que mais brilha no preto?*  
- *As algemas.*

Piada 7 - *O médico foi fazer um parto de uma mulher negra.*  
*Tirou o primeiro:*  
- *Que negrinho lindo!... Espera aí! Tem mais um!*  
*Tirou o segundo e disse:*  
- *Espere aí, tem mais um!*  
*Tirou o terceiro e disse:*  
- *E tem mais um, fecha que é arrastão!*

A luta de boxe, na piada 5, evidencia um cenário propício para intuir a idéia de que negro rouba. A sentença *Por que preto gosta de boxe* poderia, em um primeiro momento, ter como resposta a preferência do negro por esse esporte devido a certa habilidade para o mesmo. A resposta, entretanto, surpreende justamente por jogar com o sentido polissêmico da palavra “assalto”, que é usada no discurso esportivo para descrever cada um dos períodos (geralmente de dez ou doze) de três minutos de confronto entre os pugilistas. A afirmação de que o negro gosta de boxe *porque tem um assalto a cada três minutos*, causa humor somente se o leitor/ouvinte (re)interpreta o termo “assalto” fazendo referência à imagem estereotipada autorizada pelo discurso racista segundo o qual o “negro é ladrão”.



A interpretação do termo “assalto” nesse caso, confirma o que diz Possenti (1998) sobre a importância do conhecimento intertextual do leitor no processo de leitura da piada. Cabe ao leitor afastar, dentre os sentidos possíveis, o que é óbvio e descobrir o que não é evidente e relevante para o efeito humorístico da piada. O texto torna-se, desse modo, o fator mais importante no processo de leitura, na medida em que o efeito humorístico exige atenção aos detalhes lingüísticos responsáveis pelos seus efeitos, como ocorre, por exemplo, na piada 5.

Por isso, Possenti (1998) destaca que os textos humorísticos supõem uma espécie de controle de sua interpretação, pois a não apreensão do efeito cômico, faz com que não sejam percebidos como textos de humor. O texto humorístico, deste modo, desautoriza outra leitura, uma vez que “as piadas têm sua própria estratégia de imposição de leitura, que consiste basicamente em apresentar ao leitor diversas possibilidades, para em seguida, impedir-lhes algumas” ( p. 62).

A sentença performativa *negro é ladrão* é apresentada também na piada 6. Nessa piada, associa-se o negro à criminalidade através da palavra *algemas*. Assim, a resposta *algemas*, diante do questionamento *O que mais brilha no preto?* permite inferir que o negro realiza atos ilícitos, como o roubo, por exemplo, daí a relação entre negros e prisão.

Na piada 7 surge um novo dado: o de que o negro já nasce ladrão. Nessa piada, o cenário é a sala de parto. O evento diz respeito

ao nascimento de trigêmeos. Ao perceber a existência de mais de três bebês, o médico ordena a interrupção do parto ao declarar: *fecha que é arrastão*. Nesse discurso, o nascimento dos gêmeos é motivo de galhofa e discriminação, especialmente porque, no Brasil, há uma forte associação entre pobreza, favela, analfabetismo, desinformação e grande quantidade de filhos. De acordo com Van Dijk, os trabalhos acadêmicos que abordam temas como “negro” e o “racismo no Brasil” acabam por reforçar essa relação:

Los que se refieren al racismo propiamente dicho suelen centrarse, por lo general, en la desigualdad económica, destacando los diversos sectores de la sociedad en los que la población negra tiene que enfrentarse a la discriminación: menor acceso al mercado laboral, menor acceso a rangos más altos, salarios más exiguos, viviendas peores, segregación urbana, menor acceso a una educación digna, etcétera (VAN DIJK, 2003, p. 160).

Para o autor, a mídia também contribui para essa representação do negro, pois em programas televisivos, em geral, o negro é associado a drogas, pobreza, ignorância, homicídio e outras situações negativas. Essas associações refletem-se nas piadas, o que permite entrever marcas de uma exterioridade, ou seja, do interdiscurso, enquanto espaço de trocas de vários discursos, o que confirma que o discurso não é monológico ou homogêneo.

Na piada 7 se estabelece a relação entre *negros* e *arrastão*. A referência a *arrastão* remete aos famosos “arrastões” nas praias do

Rio de Janeiro, em que grupos de assaltantes desciam dos morros cariocas, onde ficam as favelas, para fazer uma operação de “varredura” nas praias, roubando e afugentando banhistas e turistas. Nesse caso, atribui-se essa prática aos negros exclusivamente, sem poupar sequer os recém nascidos.

A associação entre o nascimento de negros e criminalidade pôde ser observada recentemente entre os norte-americanos, diante de uma declaração do ex-secretário de Educação do presidente Bush, Willian Bennett, conforme noticiado no jornal on-line “Tribuna da Imprensa”<sup>18</sup>, editado em primeiro de outubro de 2005:

Um ex-secretário de Educação da administração Bush, William Bennett, causou furor ao afirmar que, "se todo bebê negro fosse abortado neste país, o índice de criminalidade cairia". A Casa Branca afastou-se da opinião. "O presidente (Bush) acredita que os comentários não foram apropriados", informou o secretário de imprensa Scott McClellan. Bennett, em seu programa de rádio, "Morning in America", respondia a uma pergunta de um ouvinte quando começou a tratar de uma hipótese levantada num recente livro de que uma das razões para a criminalidade estar em baixa é que os abortos estão em alta. "Mas sei que é verdade que se você quer reduzir a criminalidade, você poderia, se este for seu único objetivo, você poderia abortar todo bebê negro neste país, e seu índice de criminalidade iria cair", argumentou Bennett, autor de "O livro das virtudes".

É evidente que uma opinião particular não é representativa da classe política, mas o fato de que se possa expressar pública e impunemente uma idéia semelhante faz suspeitar que mais de uma liderança popular ou um político pensem de forma semelhante, o que sugere uma espécie de “naturalização” de que o negro é inferior e

<sup>18</sup> Disponível em < <http://www.consciencia.net/2005/1016-racismo EUA.html>>

ligado à criminalidade, conforme discursivamente se difundia na época escravocrata brasileira e mesmo depois dela como reflexo da propagação de todo um conjunto de representações negativas sobre o afro-descendente. A associação entre negros e criminalidade nas piadas permite confirmar a articulação entre língua, cultura e história, com a memória discursiva, além de confirmar, conforme pontua Hall (1997), que a linguagem constrói significados porque funciona como um sistema de representações, empregando sinais e símbolos que significam ou representam as idéias e sentimentos. Isso comprova que fazer parte de uma cultura significa compartilhar um mesmo universo conceitual e lingüístico, compreender como os conceitos e idéias são traduzidos para distintas linguagens e, além disso, entender como a linguagem pode ser interpretada para se referir ou fazer referência ao mundo.

A associação entre criminalidade e nascimento de crianças negras, surge também na piada 8, na qual um recém-nascido é acusado de roubar um relógio do médico que realizou o parto.

*Piada 8 - Um médico estava num trabalho de parto. O neném, um neguinho, nasceu. Mas o doutor ficou por mais de 20 minutos, ainda, batendo na bunda do moleque. Ninguém entendeu nada. Foram perguntar o motivo ao médico. Ao que o médico disse, enfurecido:*

*- O trabalho de parto já acabou! Estou é enchendo esse filho da puta de porrada pra ele devolver meu Rolex!!!*

Observa-se, em 8, que além da qualificação de ladrão, o bebê negro é também chamado de “filho da puta”. A agressão é estendida também à mulher negra, alvo de exploração sexual durante todo o

processo escravocrata brasileiro, o que resulta na associação entre a mulher negra e prostituição.

A literatura brasileira também menciona a condição de objeto sexual da negra no Brasil. Um exemplo é a personagem Isaura, da obra “Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães. A escrava Isaura era filha de uma negra com o capataz da fazenda, usada como instrumento sexual pelo próprio pai, fato comum, segundo Almeida (2001, p. 33) em um contexto em que mulheres escravas eram sujeitas aos caprichos sexuais, não só dos seus senhores, como também dos capatazes, responsáveis pelo trabalho dos negros nas fazendas. Chiavenato (1980), ao comentar a obra de Freyre, salienta a exploração sexual a que era vítima a mulher negra:

Gilberto Freyre, que costumeiramente perdoa os excessos dos brancos, não deixa de caracterizar em “Casa Grande & Senzala” algumas das formas brutais de exploração sexual [...] O negro se sifilizou no Brasil [...] Foram os senhores das casas grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda molecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres de sífilis das cidades (CHIAVENATO, 1980, p. 137).

Entretanto, a ideologia do branqueamento tende a proteger o branco diante do negro, atribuindo a esse último a culpabilidade. Segundo Almeida (2001), a historiografia do século XIX fixou no imaginário popular a imagem da escrava concubina, enfeitada de jóias e sedas, caprichosa, que dominava os homens brancos através de seus atributos sexuais e de feitiçaria (como exemplo, cita-se “Chica da Silva”). Tentou-se, desse modo, veicular a idéia de que a

negra era capaz de seduzir, e qualquer violência que lhe fosse dirigida seria em razão de seus atos de sedução.

A relação entre criminalidade e negro veiculada pelo discurso racista das piadas apresentadas nessa subseção parece retomar o discurso previsto na Lei do Código Penal de 1941, artigo 59, que versava sobre a “Lei da Vadiagem”, segundo a qual “entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência mediante ocupação ilícita”, acarretaria pena de três a quinze meses. Essa lei foi motivada pelo grande contingente de negros que, por falta de emprego, comida e mesmo estimulados por políticos da época, produziam desordem pelas ruas cariocas.

Desse modo, a associação entre negro e criminalidade resulta na definição de que ser negro é ser marginal e logo, ser culpado por quaisquer irregularidades, conforme se verifica nas piadas abaixo:

*Piada 9 - Por que preto é igual a papel higiênico?  
- Porque quando não está no rolo, ta na merda.*

*Piada 10 - Na África do Sul dois pretos são atropelados por um caminhão dirigido por um branco. Com o impacto, um deles é arremessado bem longe e o outro quebra o vidro do caminhão, indo parar dentro da cabine, todo ensangüentado. Os dois crioulos são processados: o primeiro, por abandonar o local do acidente; e o segundo, por invasão de propriedade alheia...*

*Piada 11 - Dois pretos subiram de bicicleta a serra de Petrópolis. Depois, para descer, pediram carona a um motorista de caminhão. Subiram com as bicicletas no caminhão, que estava cheio de bolas de boliche. De repente, observam um carro de polícia correndo atrás deles. O policial faz sinal pro motorista do caminhão parar. O caminhão pára. O policial fala alto pro motorista do caminhão:*

*- Isso é um absurdo! Um absurdo! Você tá carregando um caminhão cheio de ovos de crioulo!!! E olha só: dois já chocaram e já roubaram duas bicicletas!*

Na piada 9, ocorre o discurso de que o negro está no *rolo* ou na *merda*. Essas palavras são usadas para representar ou evocar problemas com a polícia, com situações ou fatos ilegais. O efeito é fixar o estigma da ilegalidade “natural” do negro, antes de qualquer averiguação, como se evidencia claramente na piada 10, na qual um motorista branco atropela dois negros com seu caminhão. Um dos negros é *arremessado para longe*, e o outro vai parar *dentro da cabine do veículo, todo ensangüentado*. Ao invés do branco ser responsabilizado e condenado, os negros são considerados culpados: *um é processado por abandonar o local do acidente* (o que caiu longe), e *o outro por invasão de propriedade alheia* (o que caiu dentro da cabine).

Verifica-se um comportamento semelhante na ocorrência 11, na qual o policial já tem o laudo de culpabilidade antecipada dos negros. Essa idéia vem à superfície quando se constata o caráter altamente ideológico da fala do policial que conduz à interpretação da realidade para justificar essa culpabilidade: os negros seriam ladrões. As piadas 9, 10 e 11 evidenciam o discurso de culpabilidade antecipada do negro, motivado certamente pelo preconceito racial e pelos estereótipos negativos difundidos sobre esse sujeito, o que confirma, de acordo com Possenti (2002, p 157), que as “piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade – estereotipada...” No que diz respeito à etnia negra, a

associação entre humor e identidade lhe conferem uma identidade negativa, devido às associações de negros a pessoas de índole suspeita, conforme ilustram as piadas analisadas nessa subseção.

Esse conjunto de piadas demonstra que a linguagem utilizada na montagem dos diferentes cenários agenciados pelas piadas serviriam apenas de pretexto para materializar o discurso de que o *negro é ladrão*. Tem-se, então, um exemplo do uso da língua para a produção de efeitos ideológicos.

Assim, a reenunciação, por meio das piadas, da sentença performativa de que o “negro é ladrão” permite que se perceba o discurso racista não apenas como um conjunto de enunciados já realizados que constituem a memória discursiva. Aponta para a produtividade percebida em estruturas sintáticas recorrentes, pois conforme Maingueneau (2005a) pontua sobre a produtividade e virtualidade do discurso, as piadas racistas que tematizam o negro caracterizam-se tanto por um conjunto de enunciados já efetivados e cristalizados na comunicação, quanto por um conjunto virtual de enunciados possíveis de serem enunciados de acordo com as restrições da formação discursiva.

#### **4.2 “Negro tem menor valor”**



Há um conjunto de piadas racistas que buscam inferiorizar o negro sócio-economicamente. Essas se caracterizam por um discurso que estabelece um lugar bem definido para quem assume a posição de locutor e para o negro. O locutor fala de um local privilegiado que lhe permite zombar do negro que, por seu turno, está situado como alguém de menor valor, conforme o conjunto de piadas abaixo permite averiguar:

Piada 12 – *Quando preto voa?*  
- *Quando cai da construção.*

Piada 13 – *Quando preto vai à escola?*  
- *Quando a está construindo.*

Piada 14 - *Quando preto toma laranjada?*  
- *Quando tem guerra na feira.*

Piada 15 – *Por que na África não tem cartomantes?*  
- *Porque preto não tem futuro.*

De acordo com a piada 12, o lugar social e econômico reservado ao negro é aquele que não lhe permite voar, palavra esta que remete ao transporte aéreo, o avião, a quem tem acesso as pessoas com algum poder aquisitivo para pagar por esse tipo de transporte. Infere-se que a razão pela qual o negro não pode voar está determinada por seu lugar sócio-econômico: um sujeito a quem resta como profissão a construção (ser pedreiro ou servente de pedreiro) que é o que se infere a partir de *cai da construção* (piada 12) e que consiste em uma profissão que não demanda estudo, ou frequência à escola, daí o negro ir à escola somente *quando a constrói*, conforme se observa na piada 13.

No dado 14, o discurso materializa-se por meio do jogo de sentidos que convergem para a palavra “tomar”. Num sentido significa ingerir determinado líquido e em outro, ser vítima de uma “pancada”. Ao se considerar o primeiro sentido, a piada estaria dando voz ao discurso de que o negro trata-se de um sujeito pobre, sem recursos financeiros, o que não lhe possibilitaria sequer comprar uma laranjada na feira, podendo tomá-la somente quando ocorre uma guerra nesse local e por isso, voam laranjas para todos os lados, instalando-se a confusão, momento ideal para colher laranjas sem que seja necessário pagar por elas. Faz-se referência, nesse caso, ao lugar inferiorizado do negro na sociedade. A segunda possibilidade de interpretação permite que se zombe igualmente da condição social miserável do negro: já que ele não pode tomar laranjada, resta-lhe a possibilidade de tomar em outro sentido: sendo alvo de laranjadas, isto é, vítima de agressão por meio de laranjas atiradas contra ele.

A piada 15 resumiria, de certo modo, o conteúdo expresso nas piadas anteriores, ou seja, o negro é um sujeito que *não tem futuro*, pois não tem poder aquisitivo para *voar de avião*, *não tem acesso à escola*, *não tem dinheiro para tomar suco de laranja e/ou “só toma laranjadas”* (pancadas das outras pessoas).

A criatividade que caracteriza as produções humorísticas revela que os sujeitos, por estarem associados a uma formação discursiva específica, colocam em cena sua capacidade de reconhecer enunciados que pertencem à sua própria formação discursiva, assim

como a de produzir enunciados que, embora pertencentes a mesma formação discursiva, se reatualizam em novos cenários.

Ou seja, as piadas, conforme orienta Possenti (1998), possuem um caráter conservador e, no caso daquelas que tematizam o negro, sustentam o discurso da depreciação desse sujeito. Esse discurso, de certo modo cristalizado, ao circular, assume como suportes formas diferentes sempre conservando o traço recorrente do preconceito.

Ao enfatizarem a idéia de que o “negro tem menor valor”, o fator sócio-econômico é o mais utilizado para marcar a inferioridade do negro nas piadas apresentadas nessa subseção. Embora o discurso que enfatize sua pobreza possa atingir também os brancos desfavorecidos sócio-economicamente, o preconceito da cor indica os limites do público que o discurso racista pretende estigmatizar, ou seja, o público negro.

A condição econômica desfavorável imposta ao negro, nas piadas, reflete sua desvalorização em uma sociedade onde as regras são ditadas pelos brancos. Sabe-se que, com o término da escravidão legalizada, não foi dado ao negro, condições para exercer sua cidadania, não houve um projeto de recolocação profissional, acesso à moradia ou ajuda às famílias dos escravos recém-libertos. Os negros, embora tivessem habilidades em técnicas como a agricultura, não foram readaptados no mercado de trabalho.

O discurso da inferioridade lançado ao negro na época da escravidão corresponde ao já-dito que serve de matéria-prima para as piadas que o tematizam. É essa “virtualidade” do processo discursivo

que parece fornecer, pois, embasamento teórico para se pensar na incompletude do *corpus* de que dispõe a presente pesquisa. Ou seja, não se consegue recuperar todas as piadas racistas que tematizam o preconceito contra o negro que já circularam. Todavia, pode-se vislumbrar a possibilidade de encontrar a lei de sua produção, o que permitiria prever o que poderia ser dito sobre o negro dentro do mesmo espaço discursivo.

O abandono do escravo recém-liberto por parte do Estado reflete-se na conjuntura sócio-econômica do Brasil. Segundo Cavalleiro (2000), atualmente os negros representam 44,2% da população brasileira. No entanto, a maior parte desses indivíduos permanece ocupando a base da pirâmide social, sobrevivendo nas condições mais adversas, com poucas chances de realizar seus projetos de ascensão social, escolarização, moradia, trabalho, etc. Conforme Santos:

Os relatórios feitos por organismos internacionais deixam a nu dois brasis: um moderno, rico e desenvolvido e outro, pobre e anacrônico. O que chama a atenção, nesses dois países contidos em um só, são os estoques raciais alojados em cada um deles. No primeiro Brasil, país que mais cresceu neste século, tem-se um povo marcadamente branco e amarelo. No segundo Brasil, a esmagadora maioria é preta e parda. (SANTOS, 1996, p. 14, apud CAVALLEIRO, 2000, p. 27-28).

Essa constatação evidencia, segundo Cavalleiro (2000), que a lei abolicionista não possibilitou a cidadania para a massa de ex-

escravos e seus descendentes. Estes foram segregados social e economicamente e tiveram que disputar sua sobrevivência social, cultural e mesmo biológica em uma sociedade secularmente racista na qual técnicas de seleção profissional, cultural, política e étnica são feitas para que o negro permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas. As piadas a seguir permitem confirmar essa afirmação:

*Piada 16 – Um dia, São Pedro vê chegar na porta do paraíso três homens: um Branco, um mulato e um negro.*

*- O que você deseja? Pergunta ao Branco.*

*- Dinheiro.*

*E você, pergunta ao mulato.*

*- A glória.*

*- Dirigindo-se ao Negro, esse lhe responde com um sorriso:*

*- Eu vim trazer a mala desses senhores.*

*Piada 17 – Quando preto sobe na vida?*

*- Quando explode o barraco.*

*Piada 18 - Cartaz de um mendigo pedindo esmolas em pleno centro de São Paulo: “Sou cego e tenho a impressão de que também sou preto!”*

Essas piadas demonstram a intenção de reforçar a pobreza, a falta de dinheiro e poder como características intrínsecas ao negro. Essa relação, feita de forma pejorativa, salienta a condição do negro como servil como se demonstra, por exemplo, na piada 16, na qual o negro serve ao branco e ao mulato que se encontram em uma situação de superioridade econômica e social em relação a ele, por possuírem, geneticamente, ascendência branca, ao contrário do negro. Observe-se também que, nessa piada, há a reforço de um

estereótipo caricatural do branco como o detentor de dinheiro e o que deseja o lucro, inclusive após sua morte, conforme se evidencia na resposta dada a São Pedro pelo branco sobre seu desejo no céu.

A piada 17, por sua vez, reafirma a impossibilidade do negro ascender socialmente. Sua ascensão ocorre tão somente através da explosão do “barraco”, forma utilizada para fazer referência à sua moradia de forma pejorativa. Nessa piada, busca-se o riso ao sugerir que o ouvinte/leitor trabalhe com a imagem mental de um negro sendo lançado para cima, em uma explosão. De modo semelhante, a piada 18, naturaliza a associação do negro com a pobreza por meio da figura do mendigo cego que não constata sua cor por não enxergá-la, mas que considera a probabilidade de que seja negro, o que se pode inferir que ser pobre pressupõe que se seja negro.

O discurso presente nas piadas que naturalizam o negro como pobre servem para exemplificar como o discurso elitista acaba impondo sua ideologia aos grupos étnicos dominados. A existência de diferentes cenários possibilita a reprodução do discurso racista das piadas que impõem o discurso da humilhação do negro e que não dá abertura para a discussão do preconceito secular que o vitima.

### **4.3 “Negro é sujo e faz sujeira”**

A representação de que negro é sujo é tão comum nas práticas discursivas, em geral, a ponto de não serem percebidas pelos locutores desse discurso. Um exemplo foi a declaração do presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, durante o discurso de despedida da viagem à Namíbia, país africano. Ao fazer comentários sobre a organização de Windhoek, capital da Namíbia, Lula evidenciou representações incorporadas sobre a limpeza do continente africano e, conseqüentemente, sobre seus habitantes. Assim, manifestou-se Lula:

“Estou surpreso porque quem chega a Windhoek [capital da Namíbia], não parece estar num país africano. Poucas cidades do mundo são tão limpas, tão bonitas arquitetonicamente e têm um povo tão extraordinário como tem essa cidade [...] A visão que se tem da África é de que também é um continente só de pobre”. (Correio Braziliense, 2003, p. 02)

Independente de Lula ser presidente ou cidadão comum, nordestino ou gaúcho, pobre ou rico, sua postura de admiração com uma “cidade limpa”, na África, é surpreendentemente comum. A gafe do presidente revela que as interpretações racistas e discriminatórias elaboradas sobre a África e seus moradores, incorporadas pelos brasileiros resultam do casamento de ações e pensamentos do passado e do presente.

Sobre a África são noticiadas informações que a associam a misérias, guerras étnicas, instabilidade política, AIDS, fome e falência econômica. Fazendo uma breve inversão do olhar presidencial, a

África não poderia ter um povo extraordinário, uma bela arquitetura e ruas limpas. A associação entre negro e sujeira é um campo fértil para a divulgação de estereótipos depreciativos ao negro e a análise do *corpus* permitiu identificar enunciados que se caracterizam por associar o negro ao predicado “sujo”. Essa sujidade é expressa de diferentes maneiras, entre as quais a popular sentença performativa de que “preto fede”, conforme descrito nas ocorrências abaixo:

Piada 19 - *Por que o preto fede?*  
- *Pra cego também ter preconceito.*

Piada 20 - *Vocês sabem a semelhança entre um crioulo e uma buceta?*

- *Ambos têm o cabelo enroladinho, ambos têm os lábios grandes, ambos, mesmo depois de lavados, continuam fedendo e ambos gostam de levar pau.*

Piada 21 - *Na arca de Noé houve uma grande confusão. O negrão insistia em tocar um sambão em plena madrugada, e não deixava ninguém dormir em paz. Noé mandou o rinoceronte tomar conta do pedaço e encher de porrada quem fizesse bagunça. Mas, vocês sabem, naquele tempo não tinha óculos ainda e o rinoceronte não é um bicho que enxerga muito bem. Além disso, era de noite, e enxergar negrão de noite, sabe como é... se ele ficar com a boca fechada, não tem jeito. Pra complicar a historia, quando o negrão viu o rinoceronte chegando puto da cara, babando a fim de distribuir porrada, meteu-se no meio dos urubus e dos chimpanzés (olha a cor dos bichinhos) para se esconder. O rinoceronte, que é míope, mas não é trouxa, botou todo mundo ao lado de um mastro de bandeira e mandou todo mundo levantar os braços. Disse que ia cagar todo mundo a pau. Dali a dois minutos, ele encheu o negrão de porrada, e o único que apanhou foi o negrão. Como é que ele achou o negrão?*

- *Pelo fedor do sovaco.*

Nessas piadas, estabelece-se uma relação de causa e efeito entre “feder” e “sujeira”. A piada 19, ao mencionar que o negro fede



universaliza o discurso marcado pelo estereótipo de que, entre as diversas características pelas quais o negro é discriminado, o odor, o “fedor”, é um fator preponderante. Desse modo, a piada objetiva transmitir a idéia de que é permitido ao cego também ser preconceituoso, pois embora não possa enxergar a cor da pele do negro, pode identificá-lo pelo fedor.

Na piada 20, essa associação é estabelecida de forma vulgar ao comparar o negro com o órgão genital feminino pejorativamente denominado “buceta”. Também nessa piada, a exemplo do que ocorreu na piada anterior, o termo “feder” surge para promover a associação do negro à idéia de sujeira atribuindo ao seu cheiro a razão para sua discriminação. Nessa piada, outras imagens, como por exemplo, as características fenotípicas do negro – cabelo e lábios – também são exploradas. Além disso, a piada afirma que negro gosta de apanhar, ao explorar o sentido do termo “pau” no enunciado: *ambos gostam de levar pau.*

A remissão às características físicas do negro para a produção do humor corrobora com o que Bergson (2004) afirma sobre a comicidade das formas e movimentos. Conforme o autor, um rosto, um gesto, uma atitude, uma forma – tal como o cabelo encaracolado e os lábios grossos do negro, por exemplo – serão cômicos se passarem a impressão de algo mecânico. Desse modo, as piadas têm como alvos os indivíduos que apresentam um certo “desvio” em relação ao que a sociedade prescreve como “normal” ou correto. Os lábios e cabelos dos negros possuem como parâmetro de comparação

os cabelos e lábios que, de modo geral, caracterizam as pessoas brancas, ou seja, cabelos lisos e lábios finos.

Ressalta-se, ainda, a partir da leitura da piada 20, a construção da alteridade no cômico apontada por Bergson (2004). A figura do negro, nessa piada, é introduzida somente para ser ridicularizada, já que quando comparada ao órgão sexual feminino, pejorativamente denominado “buceta”, ressalta a inferioridade do negro na sociedade. Essa compreensão contribui para o entendimento da idéia endossada por Bergson (2004) de que o cômico não está pautado em atributos positivos, uma vez que o alvo do cômico parece estar sempre na falta, na desvantagem em relação à pessoa que ri, o que justifica a afirmação do autor de que o riso parece surgir como uma espécie de punição pelo “erro” cometido, que, no caso da piada analisada, refere-se ao “erro” do indivíduo negro ser justamente assim, um negro e, dessa maneira, não possuir os atributos considerados normais para a sociedade, cujo padrão de “normalidade” é ser branco.

Na piada 21, o cenário é a Arca de Noé. O intuito, nessa piada, assim como nas anteriores, é enfatizar o “fedor” do negro. Essa intenção é satisfeita pela expressão *cheiro de sovaco*. Além de reforçar a idéia de que “preto fede”, o discurso da piada salienta que esse fedor acompanha o negro desde os primórdios da humanidade, como algo que o constitui e que é de conhecimento, inclusive, dos animais terrestres, como se comprova na estratégia utilizada pelo rinoceronte para encontrar o negrão, ao ordenar que todos

levantassem os braços. Embora tentasse se esconder entre os animais de coloração preta (urubus e macacos), o “negrão” poderia ser encontrado, uma vez que o “cheiro do sovaco” lhe denunciaria. O cheiro assume, nesse discurso, a totalidade do indivíduo. Observa-se, ainda, nesse discurso, que o negro encontra-se entremeio aos animais e não entre as pessoas da Arca, o que leva o leitor/ouvinte da piada à interpretação de que a condição de ser humano está sendo negada ao negro, como será explorada adiante nas piadas da subseção 4.6.

Além disso, a punição ao negro, na piada 21, deve-se ao fato deste ter tocado um “sambão” e interferido no sono e paz dos ocupantes da Arca de Noé. A associação entre samba e negro, nessa piada, ocorre de forma pejorativa e revela uma postura preconceituosa com relação ao ritmo musical característico dessa dança que surgiu entre os escravos e que, na época da escravidão, era considerada sinal de vadiagem e desocupação do negro. Por outro lado, uma das representações do negro nos programas televisivos reforça essa relação: “La cultura negra se restringe a nivel folclórico como parte de una cultura que no está viva, con lo cual los negros sólo aparecen como sambistas, ‘paes de santo’ y otros roles afines al carnaval y a otros festejos parecidos” (ARAÚJO, 1996, p. 248, apud VAN DIJK, 2003, p. 165).

A associação entre negro e sujeira também ocorre nas piadas que o comparam à “merda”, “bosta” e “fezes”, como demonstram as piadas 22, 23 e 24:

Piada 22 – *Qual a semelhança que existe entre o negrão e o papel higiênico?*

- *Qualquer um dos dois, ou tá no rolo ou tá na merda..*

Piada 23 – *Qual a diferença entre um crioulo e uma lata de merda?*

- *A lata.*

Piada 24 – *Você sabia que os crioulos são recicláveis?*

- *Com os cabelos, se faz bombril; com a pele, se faz saco de lixo; e com a bosta se faz outro crioulo.*

Na piada 22, o negro é comparado ao papel higiênico. Segundo esse discurso, a condição do negro seria a de estar sempre envolvido no *rolo* ou na *merda*. Uma das interpretações possíveis para *rolo*, como já foi comentado anteriormente na piada 9, diria respeito ao envolvimento do negro com algum tipo de sujeira ou problema com a polícia, enquanto que para *merda* poderia significar miséria, pobreza, sujeira.

Na piada 23, o negro é equiparado a uma lata de merda. Para o discurso racista veiculado nessa piada, não existe diferença entre negro e merda. Esses termos – negro e merda – são apresentados como sinônimos nessa piada, da mesma forma como ocorre na piada abaixo:

Piada 25 - *O que acontece quando um negrão pisa num monte de merda?*

- *Aumenta o monte.*

Na piada 24, além da associação feita entre *crioulo* e *bosta*, como se esta se constituísse na matéria-prima da origem do negro, ocorre, ainda, a adoção pejorativa da palavra “bombril” com referência ao cabelo do negro e a relação entre negro e saco de lixo, em razão da cor da pele. A relação entre negro e lixo é estabelecida, entretanto, de maneira ainda mais virulenta na piada 26:

*Piada 26 - Por que caixão de preto só tem duas alças?  
- Porque não existe lata de lixo com quatro alças.*

O cenário de onde emerge esse discurso racista é a morte do negro. Nessa piada, o caixão do negro passa a ser a lata de lixo, revelando que o negro, nesse caso, trata-se de lixo. Joga-se no lixo, o que não presta e não tem mais serventia. O sujeito de um discurso que reserva ao negro a lata de lixo após a morte é o mesmo que o trata em vida como lixo social, conferindo-lhe sempre posições subalternas, a “lixreira” social como se pode constatar no discurso da piada 27, segundo o qual preto e lixo guardam uma relação de familiaridade e mesmo de identidade:

*Piada 27 – Se um preto e um português jogam bola num lixão, quem ganhará o jogo?  
- O preto, pois está jogando em casa.*

A vulgaridade desse discurso se estende em outras piadas que constroem o negro como aquele que não é somente sujo, mas que

também suja, como demonstram de maneira grotesca, as piadas a seguir:

Piada 28 – *Entra dois cães na igreja, um branco e outro preto, qual dos dois caga no altar?*  
- *O branco, porque estava em má companhia.*

Piada 29 – *Por que o mundo é redondo?*  
- *Pros negros não cagarem nos cantos.*

Piada 30 – *Entra um cachorro na igreja e faz xixi no altar. De que cor é o cachorro?*  
- *Preto?*  
- *Não, branco. Se fosse preto, cagava.*

Piada 31 – *Quando um preto não caga na entrada, caga na saída; e quando não caga na entrada e nem na saída?*  
- *Deixa um bilhetezinho dizendo: cago depois.*

Nessas piadas, a vulgaridade do discurso manifesta-se, claramente, na superfície, através do verbo “cagar”: os negros “cagam” e isso ocorre, conforme busca enfatizar a piada 29, desde o início da criação do mundo. O efeito desse discurso é, pois, o da cristalização e perpetuação da sujidade dos negros, aferindo-lhe uma identidade essencializada que o deprecia.

#### **4.4 “Negro trabalha mal”**

Pejorativamente, o discurso racista constrói a representação de que “negro trabalha mal”, como pode ser observado na piada 32:

Piada 32 - *Perguntaram pro Akito:*

- *Você se considera racista, japonês?*

- *Non, de jeito nenhum. Pra mim, todo mundo é igual!*

- *Tem certeza? Olha...*

- *Bom, pra falar a verdade... Akito non vai muito com cara de aremão, né<sup>19</sup>?*

- *Por quê?*

- *Ah, porque prometeram acabar com judeus e fizeram um serviço de preto, né?*

Mais do que salientar a falta de percepção do personagem Akito à sua atitude, sob as fronteiras do discurso racista, essa piada busca enfatizar a idéia por meio da locução proverbial “serviço de preto” de que “o trabalho do negro é malfeito”. Essa expressão pode corresponder também, no interior do discurso, ao serviço “sujo”, ilícito, indigno.

É possível que essa expressão tenha se originado na época da escravidão, quando os negros eram obrigados a trabalhar sob chibatadas. Na condição de escravo, o negro não tinha motivos para fazer um serviço bem-feito ou de ser eficiente. A fim de driblar a violência do excesso do trabalho escravo, fazê-lo malfeito era uma maneira de expressar resistência, protesto e indignação. Seu ato de protesto como sinal de resistência à escravidão rendeu-lhe também a representação de preguiçoso. A relação de causa e efeito entre o discurso que sustenta a “vadiagem” do negro pode ser materializada

---

<sup>19</sup> Observa-se também, nessa piada, o racismo contra japoneses, representados pelo personagem Akito e seu modo de falar.

no discurso: “O negro não gosta de trabalhar, por isso faz tudo com muita preguiça e, logo, seu serviço sai mal feito”. A piada abaixo explora o discurso que essencializa a preguiça como constitutiva da identidade do negro:

*Piada 33 - O dono de uma fábrica de autopeças, já estava louco da vida por causa de uns empregados vagabundos. Decidiu, então, automatizar tudo, robotizou tudo. As máquinas trabalhavam que era uma maravilha, não faziam corpo mole como os empregados antigos faziam. Só que os robôs eram todos de cor de alumínio, metálicos e ofuscavam a vista do dono. Então, o dono mandou pintar os robôs num final de semana. Na segunda-feira, ao chegar na fábrica escutou um som diferente do habitual. Ele tomou um susto. Encontrou três robôs bêbados, onze jogando bola, cinco sambando, quatro lutando capoeira e dez preparando um desfile de carnaval. É que pintaram os robôs de preto...*

Esse trecho apresenta os estereótipos atribuídos ao negro pelo discurso racista que afirma que esse sujeito não gosta de trabalhar, mas sim de beber (*três robôs bêbados*), de jogar futebol (*onze jogando bola*), de sambar (*cinco sambando*), de lutar capoeira (*quatro lutando capoeira*) de carnaval (*dez preparando um desfile de carnaval*). A transformação do “modo de ser” dos robôs, na piada, é atribuída à cor com a qual os mesmos foram pintados. A piada materializa o discurso de que “negro é inapto para o trabalho” e de que é “preguiçoso”. A obra literária “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo,



por meio do personagem Jerônimo, um imigrante português que chega ao Brasil com a aspiração básica de subir na vida, apresenta a idéia de que a preguiça do negro é contagiosa. Entretanto, Jerônimo amasia-se com Rita Baiana, uma mulata, e por isso, torna-se dengoso, preguiçoso, sem espírito de luta e de ordem.

Percebe-se que o processo histórico em si desempenha papel produtivo que não pode ser esquecido, uma vez que é na história e por meio dela que os discursos se cristalizam e se difundem, o que confirma que o sentido veiculado pelo discurso humorístico, por meio das piadas, é constituído a partir da memória discursiva e que não são definitivamente textos inocentes de humor cujo conteúdo deva ser considerado levemente, conforme orienta Bergson (2004). Por não serem neutras, as piadas são veículo de ideologias, o que se pode verificar nas piadas analisadas, a vitalidade do discurso racista que acentua a diferença entre etnias.

#### **4.5 “Negro é feio”**

Outro enunciado de base encontrado na análise do *corpus* é o que associa ao negro o predicado “feio”. Assim, a partir dos

enunciados abaixo, chegou-se ao EB: “Negro é feio”, conforme ilustram as piadas a seguir:

*Piada 34 - Quando preto é bonito?*

*- Quando chega atrasado no serviço e o chefe diz: “Bonito, hein?”*

*Piada 35 - Quando preto é bonito?*

*- Quando vai preso e o delegado olha para o boletim de ocorrência e comenta: “Muito bonito, hein?”*

Observa-se a polissemia do termo “bonito” das piadas. Sua utilização, no enunciado humorístico, busca enfatizar a incompatibilidade entre negro e beleza. O “branqueamento” impõe a associação do negro a tudo o que é feio, enquanto que para o branco inclui tudo o que é belo. As piadas racistas que tematizam a feiúra do negro em oposição à idealização da “beleza branca” reafirmam o caráter ideológico da “superioridade branca”.

De acordo com Tonini (2002), há um discurso sobre o belo na contemporaneidade, cuja característica corporal é rotulada a partir de um padrão estabelecido. Para a autora, há uma imposição e valorização de um modelo branco estético, ideal de beleza pautado na predominância de imagens de pessoas de pele branca, seja nos livros didáticos, nas revistas ou, principalmente, na televisão. Assim, “o modelo branco é a projeção de uma estética perfeita, por estar

associado a uma cor padrão da economia de mercado<sup>20</sup>” (TONINI, 2002, p. 105).

Segundo Van Dijk (2003, p. 165), o negro raramente é apresentado pela mídia em seu cotidiano. No cinema, assim como em telenovelas, costumam representar papéis de servis ou qualquer outro papel secundário, como de delinqüente ou de vítima de delinqüência, e quando se trata de informativos, aparecem como escravos em reportagens históricas, e, freqüentemente, como músicos, bailarinos, mulatas sensuais, “mães e pais de santo”, macumbeiros e, sobretudo, surgem em cenas de carnaval. Esporadicamente aparecem como vítimas de preconceito ou discriminação. Segundo o autor, não é surpreendente que com essa classe de retrato público negativo na mídia e dado o especial valor das imagens e das normas estéticas, os próprios negros se considerem feios se têm a pele escura, e bonitos se são mais brancos, o que confirma, de acordo com Lopes (2002), que a presença do outro com o qual um indivíduo se engaja, molda uma imagem que se percebe à luz do que o outro significa.

A concessão da qualidade de belo dado ao negro costuma ocorrer quando este possui “atributos” aceitos a partir do padrão estético social. Isso se dá, especialmente, com relação à mulher

---

<sup>20</sup> Embora alguns programas de TV e revistas procurem retratar um número maior de modelos negros, permanece a incessante busca pela estética branca. Como afirma Inocêncio, “quem definiu um padrão branco de beleza nesta sociedade multirracial é quem hoje tenta definir um padrão negro de beleza, partindo de pressupostos associativos que buscam aproximar a beleza negra dos critérios estéticos brancos como cabelo não muito crespo, nariz romano e coisas do gênero” (INOCÊNCIO, 1999, p. 31).

negra, cujo corpo é submetido ao deleite do *voyeurismo* dos turistas associado à sensualidade, à exuberância erótica.

Essa projeção social e, portanto, cultural, sobre quem é o negro no Brasil, permite a produtividade do discurso humorístico e a (re)constituição da identidade depreciativa do negro, pois na base de seu dizível está o saber discursivo (o interdiscurso) sob forma preconstruída, do já-dito.

#### **4.6 “Negro não é humano”**

Outra família parafrástica encontrada no *corpus* é a que se reúne em torno do enunciado: “negro não é humano”. Em alguns momentos, essa afirmação é feita abertamente e, em outros, indiretamente, quando se afirma ser o negro um objeto ou um animal, por exemplo, com o propósito de reduzi-lo ou humilhá-lo.

Nas piadas abaixo, a associação entre negro e “não humano” é notória:

Piada 36 - *Por que preto não erra?*  
- *Porque errar é humano.*

Piada 37 - *O que significa um preto encostado num fusca em Ibema?*  
- *Nada. Porque preto não é gente, fusca não é carro e Ibema não é cidade.*

Piada 38 – *O que significa um preto em cima de uma bicicleta com um real na mão?*

- *Nada. Porque bicicleta não é meio de transporte, real não é dinheiro e preto não é gente...*

Na piada 36, a relação entre “erro” e “humanidade” é de causa e efeito, ou seja, a causa do negro não errar é o seu estado de não-humanidade. A necessidade de dizer o que esse discurso diz, isto é, de que o “negro não é humano”, motiva o uso de diferentes cenários e de diferentes maneiras de reproduzi-lo. Assim, qualquer pretexto serve para estigmatizar o negro, mesmo os mais absurdos e ilógicos, como evidenciam as piadas 37 e 38, nas quais ocorre a associação entre termos sem ligação alguma (*preto, fusca e Ibema* na piada 35 e *preto, real e bicicleta*, na piada 36).

Ao negro somente é dada a condição de “gente” se este assim se autodenominar e se o seu interlocutor, por alguma razão, não puder vê-lo, como ilustra a piada 39:

Piada 39 - *“Quando preto é gente?”*

- *Quando está no banheiro, alguém bate à porta, e ele responde: “Tem gente”.*

Percebe-se que, nessa ocorrência, além de ser negado o traço de humanidade ao negro, o cenário no qual se encontra envolvido, é o banheiro que, por sua vez, também é associado à sujeira.

O discurso de não-humanidade aferido ao negro promove comparações, freqüentemente, entre negros e animais, com destaque ao macaco, conforme demonstram as piadas a seguir:

Piada 40 – *Como as crioulas fazem para saber se estão grávidas?*

- *Enfiam uma banana na xana, se voltar mordida é porque estão!*

Piada 41 – *Como fazer o parto de uma negra de forma fácil, rápida, barata e eficiente?*

- *Pega-se uma banana, enfia-se na buceta da negra e espera-se alguns instantes. Quando o macaquinho morder a banana, puxe que ele vem junto fácil, fácil.*

A comparação entre negro e macaco se configura, nas piadas acima, no cenário de um teste de gravidez (piada 40) e no parto de uma negra (piada 41). O discurso dessas piadas reveste-se de vulgaridade pelo emprego das palavras *xana* (piada 40) e *buceta* (piada 41) para designar o órgão sexual feminino; pela introdução de uma banana nesse órgão, o que remete à imagem de uma penetração; e pela comparação do negro a um macaco antes mesmo de seu nascimento (piada 38), ou na ocasião de seu próprio nascimento (piada 39). A satisfação do discurso racista e o aviltamento do negro utilizam temas que, no geral, são tratados com muita seriedade, como é o caso da gravidez e da reprodução.

A comparação entre o negro e o macaco é articulada de tal modo, no discurso racista, que, para o próprio macaco, personificado na piada abaixo, a idéia de ser confundido com o negro é inadmissível:

Piada 42 - *Um macaco, ao atravessar um rio cheio de piranhas ficou sem o rabo!!! Do outro lado, estava ele a se lamuriar, chorar, quando chega o leão e pergunta por que toda aquela choradeira. O macaco mostra a desgraça que lhe aconteceu. O*

*leão mostra que também está sem rabo pela mesma razão. O macaco não se conforma com a desgraça do leão e retruca:  
- Você sem rabo tudo bem, mas eu sem rabo viro um negrão!!!*

Nesse enunciado humorístico, infere-se que o negro trata-se de um macaco sem rabo a quem nem mesmo o macaco desejaria se parecer, quando se esperaria o oposto, ou seja, a rejeição do negro em ser assemelhado a um macaco. O efeito desse discurso parece perpetuar uma imagem caricatural e animalizada do negro.

Aliás, o tratamento dado ao negro como desprovido de humanidade e sua comparação a animais era uma prática constante na época da escravidão. Além das informações fornecidas na subseção 2.1 quanto à condição do negro no Brasil, são inúmeros os relatos sobre o tratamento desumano dado aos negros. A própria literatura brasileira retrata aspectos do tratamento desumano aferido aos negros no Brasil. Em “O Mulato”, de Aluísio de Azevedo, encontram-se trechos que fazem referência à animalização dos negros:

Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e muleques que alí estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes os pés e virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas, batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o rigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos. (2000, p. 15)

Em “Sobrados e Mucambos” encontramos ainda:

É claro que o trabalho escravo, forçado, apenas se atenuou entre nós com o crescente uso daqueles animais nos engenhos, nas fazendas, no transporte de pessoas e de carga, no aleitamento de crianças e na alimentação de doentes, de convalescentes e mesmo de gente são sob a forma de leite fresco, coalhada e queijo, substituindo-se na última função - a de fornecer leite às pessoas - mulheres pretas e pardas por vacas e cabras chamadas de leite, embora do próprio leite consumido pela população do Rio de Janeiro, no meado do século XIX conste que era principalmente leite de escrava, isto é, de cabra-mulher e não cabra-bicho ou de vaca. Pois semelhante gênero de trabalho - o escravo - só se tornaria arcaico ou obsoleto com o desenvolvimento da máquina - espécie de sublimação, realizada entre nós principalmente pelos ingleses, da energia animal em energia mecânica, animada pelo vapor. Principalmente pela energia do cavalo consagrada pelas iniciais H.P. - isto é, "Horse Power"- como o símbolo ou medida de força motora ou de tração. (FREYRE, 1996, p. 490)

As representações depreciativas do negro, como resultado da maneira com a qual vem sendo historicamente tratado como se pode averiguar acima, por meio de fragmentos da literatura revelam a importância dos acontecimentos históricos para a constituição discursiva das piadas. Ou seja, nas piadas está presente todo o conjunto de formulações feitas sobre o negro inscritas, por seu turno, na formação discursiva que se define como aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito. Assim, a memória discursiva está inserida nos textos humorísticos e permitem a perpetuação das imagens apontadas nas piadas, o que faz com que se originem discursos altamente agressivos nos quais



assume a condição de objeto ou coisa, como se observa nos textos a seguir:

*Piada 43 - Um crioulo estava andando num deserto africano por três dias sem beber sequer uma gota de água. No quinto dia, já caindo, ele encontra uma lâmpada. Após examinar a lâmpada por um tempo, ele desanimado, quase morrendo, joga a lâmpada no chão. No que a lâmpada toca a areia quente do deserto, acontece uma explosão e, atrás da fumaça sai um gênio português que promete ao crioulo três desejos. O crioulo que já estava quase morrendo fica todo entusiasmado com o portuga e manda seu primeiro pedido:*

*- Primeiro, eu quero muita, muita água...*

*O gênio português tira seu lápis da orelha e anota: "crioulo queres muita água!"*

*Logo, em seguida, o crioulo manda o segundo pedido:*

*- Eu quero ver muita buceta, muita xota...*

*O português anota: "crioulo queres ver muita buceta..."*

*Finalmente, o crioulo faz seu último pedido:*

*- Eu quero ser branco!"*

*Nisso, o gênio português anotou: "crioulo quer muita água, ver muita buceta, e ser branco..." E num segundo o gênio faz uma mágica e transforma o crioulo num bidê!*

Nessa piada, apresenta-se um negro fazendo três pedidos a um gênio português que os interpreta como sendo somente um. O discurso racista aproveita-se de uma representação negativa construída sobre o português, como "indivíduo burro", e o associa à imagem do gênio que representa o mundo da fantasia, para criar uma situação na qual o negro é transformado em objeto, especificamente em um *bidê*, que serve para a higiene das partes íntimas. Outras versões sobre essa mesma piada são criadas pelo discurso humorístico, todas, porém, com a mesma finalidade, ou seja, deixar o negro numa situação de desvantagem e coisificá-lo:

Piada 44 - *E o coitado do crioulo não tinha sossego na vida. Além de ser preto e pobre, ainda tinha que agüentar gozação de todo lado: “Ô tiziu, ô macaco, ô isso, ô aquilo...”*

*Mas também, além de ser preto e pobre e gozado por todos, o desgraçado era feio que doía. Nem as neguinhas queriam saber de nada com ele.*

*Aí, ele começa a sentir umas dores terríveis. Vai ao médico (do SUS, claro) e fica sabendo da última: além de preto, pobre, alvo de chacotas, feio e rejeitado pelas mulheres, o infeliz era também hemofílico.*

*Essa era demais. Não chegava tudo, ainda a hemofilia. Morando no Brasil, na certa ia acabar morrendo de aids. Decidido a se suicidar, vai andando pela rua e encontra uma lâmpada mágica. Esfrega e sai o gênio:*

*- Você tem o direito a três pedidos, ô tiziu!*

*Não deu outra, pediu tudo o que tinha direito:*

*- Quero ser branco, ter bastante sangue e viver no meio das mulheres.*

*Shazan! O crioulo desaparece e, em seu lugar, o gênio faz surgir... um gigantesco modess.*

Desta vez, o negro, além de receber todo o tipo de depreciação por meio de expressões como *tiziu, macaco, rejeitado pelas mulheres, hemofílico, feio, alvo de chacotas, ser preto e querer ser branco*, etc., é transformado em um gigantesco *modess*. Ao transformá-lo, metaforicamente, em um *modess*, ecoa novamente o discurso da sujidade do negro, pois se sabe que uma vez usado, o destino desse objeto destinado ao público feminino é a lixeira.

A relação entre sujidade e negro estabelece-se também na piada seguinte, na ocasião em que o negro é reduzido em uma doença situada no ânus, a hemorróida:

Piada 45 – *No consultório médico estava tudo bem, quando entra pela porta um negão com um sapo em sua cabeça. Chegada a sua vez, a assistente manda-o entrar. Ele se senta e o doutor pergunta:*

*- Qual é o problema?*

*O sapo responde:*

*- Olha, doutor, tudo começou com uma hemorróida...*

No dado 45, o médico pergunta a um negro que entra com um sapo na cabeça qual é o seu problema. Pressupõe-se que o sapo na cabeça seja o problema do negro. Porém, o discurso dá voz ao sapo que responde que tudo começara com uma hemorróida. A resposta do sapo sugere uma reinterpretação da seqüência sob o foco do discurso racista: não era o sapo o problema do negro, mas, ao contrário, era o negro o problema do sapo.

O mesmo cenário, um consultório médico, pode dar origem a novas situações para a difusão da estigmatização ao negro:

*Piada 46 - Um certo dia, na clínica, entra um negão de 2 metros de altura, e diz ao médico:*

*- Doutor eu estou com uma dor na perna e não sei o que é?*

*O médico muito pensativo diz:*

*- Faz o seguinte: fica de quatro no canto da esquerda do meu escritório.*

*O negão, sem perguntar, foi para o canto e ficou de quatro. Em seguida o medico fala:*

*- Não, aí não é bom, fica de quatro no canto da direita.*

*Novamente, lá foi o negão, sem perguntar, para o canto da direita. E o médico falou:*

*- Não, aí também não é bom ficar, fica de quatro aqui na minha frente. O negão, já indignado, tomou coragem e perguntou o que ele estava fazendo, e o médico respondeu:*

*- Não, eu não estou vendo o teu problema na perna; é que eu vou receber uma mesa preta e estava vendo em que posição ela fica melhor...*

Em 46, o processo de despersonalização do negro o reduz a uma mesa preta. O médico pede ao negro que fique “de quatro” em diferentes espaços do seu consultório. Observa-se que a expressão “de quatro” remete a uma posição sexual, tornando evidente a visão

do negro como objeto sexual. O negro pergunta o que o médico está fazendo e recebe como resposta a declaração de que estava apenas vendo em que posição ficaria melhor a mesa que encomendara. Infere-se que ao médico, não importa a opinião do negro às suas ações, simplesmente submete-o à idéia de um objeto, como se utilizá-lo como tal fosse uma prática comum e corriqueira na sociedade.

#### **4.7 “Negro tem mesmo é que se lascar”**

Algumas piadas dão voz ao discurso de que “negro tem mesmo é que se lascar”, “que se dar mal”, como paráfrase das expressões *apanhar, morrer, se danar, se foder*, etc. As piadas 47 e 48 veiculam o discurso de que o negro tem que morrer:

*Piada 47 – O que é uma kombi com cinco pretos caindo do abismo?*

*Um desperdício. Na kombi cabem 15.*

*Piada 48 – Um preto foi à loja de armas e perguntou ao vendedor:*

*- Você tem fuzil?*

*- Não. – Responde o vendedor.*

*- E uma metralhadora?*

*- Não.*

*- Uma bazuca?*

*- Não.*

*- Uma granada?*

*- Não.*

*- Um 38?*

*- Não.*

*O preto foi embora morrendo de raiva e falou com o advogado dele:*

*- Aquele branco num quer me vender arma!!!*

*O advogado foi à loja de animais saber por que o cliente não podia comprar armas na loja e perguntou para o vendedor:*

*- Meu senhor, o que o senhor tem contra preto?*

*O vendedor respondeu:*

*- Metralhadora, fuzil, bazuca, granada, 38...*

Essas piadas expressam o desejo racista de se livrar dos negros, matando-os. Segundo Ortiz (1985, p. 39), o discurso expresso pelas mesmas encontra respaldo na ideologia do branqueamento, enquanto produto do discurso racista de uma elite intelectual brasileira, segundo a qual o atraso brasileiro estaria na mistura de raças que, conseqüentemente, teria causado o “empobrecimento” do sangue branco, levando o brasileiro à preguiça, à indolência e à passividade.

Segundo Chiavenato (1980), a Guerra do Paraguai se constituiu na mais eficiente medida adotada pelas elites brasileiras para o “embranquecimento” da população brasileira. A população negra diminuiu dos 45% anteriores à guerra para apenas 15% da totalidade da população depois do conflito. Fazendo uma analogia à limpeza étnica proporcionada pela Guerra do Paraguai que permitiu a eliminação de um grande contingente de negros, a piada 47 considera o cúmulo do desperdício a morte de cinco negros em uma Kombi quando nesse veículo caberiam quinze negros.

Na piada 48 aparece um negro reclamando ao seu advogado o tratamento racista que recebera do vendedor de uma loja de animais. O advogado entra na loja e pergunta ao vendedor o que ele tem contra negro (*Meu senhor, o que o senhor tem contra preto?*), o que é

interpretado pelo vendedor como um pedido de produtos/instrumentos/métodos para destruir, matar o negro, semelhante a um pedido de compra, por exemplo, de algum veneno contra formigas em uma loja de produtos químicos. Esse exemplo comprova que a língua não dispensa cenário, o que tornaria improvável, por exemplo, que o mecanismo lingüístico discursivo pelo qual o riso ocorre nessa piada, se desse fora do contexto de uma loja de animais ou de outra casa comercial qualquer. Esse exemplo demonstra, por meio da interpretação dada pelo vendedor à pergunta do advogado, que as palavras no discurso veiculado pelas piadas são campo fértil para o equívoco, sugerindo que o sentido não é estático.

O mesmo enunciado de base “negro tem mais é que se lascar” materializa-se na piada 49, na qual o próprio negro é apresentado como um sujeito racista que deseja a eliminação de sua etnia, contribuindo para a ideologia do branqueamento:

*Piada 49 – A família de crioulos tem notícia de que existe um rio que faz com que qualquer pessoa que o atravesse a nado fique branca na hora. Viajam dias até chegar ao tal rio. O primeiro que se aventura é o pai. Mergulha de cabeça, sai nadando e, ao chegar à outra margem, pum! se transforma num branco. De lá, grita para a mulher:*

*- Vem, Dolores! Não há perigo!*

*Ela mergulha, nada e, ao chegar do outro lado, zupt! Se transforma numa branca.*

*- Agora só falta o Ditinho. Vem, Ditinho, vem!*

*O filho do casal mergulha, começa a nadar, mas, ao chegar no meio do rio, a correnteza começa a leva-lo e ele grita por socorro. O pai faz menção de pular na água para salvar o garoto, mas a mulher o detém:*

*- Deixa, bem. É preto mesmo...*

A piada acima veicula o discurso de que o negro também sustenta preconceito contra si próprio, ou seja, o discurso segundo o qual a vida é um direito dos brancos e de que o negro deve morrer. Essa idéia surge no final da piada, quando a mãe do menino negro que está sendo levado pela correnteza, diz ao marido no intuito de impedi-lo de salvar o filho: - *Deixa, bem. É preto mesmo...* O riso decorre dessa “conversão” completa do casal à ideologia do racismo contra o negro, a ponto de suplantar o instinto maternal.

Em 50 e 51, o enunciado de base “negro tem mais é que se lascar”, é afirmado pelo discurso de que negro deve ficar longe, distante geograficamente:

Piada 50 - *Por que os pretos dos EUA são melhores que os pretos do Brasil?*  
- *Por que estão bem longe.*

Piada 51 - *O que significa dez milhões de pretos na lua?*  
- *Paz na terra.*

Esses enunciados atestam o racismo oculto na sociedade brasileira e desmentem de modo inequívoco o discurso mitológico da “democracia racial”. Segundo Van Dijk (2003, p. 157), a negação do racismo brasileiro através desse mito é a principal característica do racismo:

De forma más insistente que en cualquier outro país, Brasil ha mantenido su negación sustentándola en una compleja estructura ideológica de “democracia racial”

que fue promovida por influyentes sociólogos tales como Gilberto Freyre (Azebedo, 1975; Guimarães, 2002; Twine, 1998). Según esta ideología las relaciones raciales en Brasil son más “cordiales” que, por ejemplo, en Estados Unidos (Degler, 1986), con una distancia interpersonal menor y una polaridad menor que entre blancos y negros (VAN DIJK 2003, p. 158).

O mito da “cordialidade” inter-racial do Brasil é, entretanto, contestado pelas mensagens veiculadas nas piadas racistas, a exemplo do que ocorre nos exemplos citados. Na piada 50, a comparação estabelecida entre os negros americanos e brasileiros considera os primeiros melhores do que os negros brasileiros por estarem distantes geograficamente. Os sentidos veiculados pela piada 51 retomam o discurso tantas vezes repetido na história brasileira de que a presença do negro é sinal de problemas e de desordem. Desse modo, joga-se com a relação hipotética de que se houvessem dez milhões de negros na lua, haveria “paz na terra”, enquanto que as piadas 47, 48 e 49, atribuem à morte do negro a solução de problemas, e as piadas 50 e 51 atribuem à distância geográfica (na lua), essa solução.

As piadas 52 e 53 também revelam a não “cordialidade” inter-racial do Brasil ao manifestarem as idéias de que o negro deve se “danar”, se “foder”:

*Piada 52 – O que preto tem mais que o branco?  
- Tem mais é que se foder.*

*Piada 53 – Por que não nasceu nenhum negro de proveta até agora?  
- Porque negro tem mais é que se foder, mesmo.*



O discurso de que o “negro tem mesmo é que se lascar” é veiculado nessas piadas pelo verbo *foder*, que apresenta, por sua vez, um duplo sentido: o de realizar relações sexuais e o sentido de “se dar mal”, “se danar”. Na piada 52, o sentido enfatizado é o de “se dar mal”. Em contrapartida, o discurso da piada 53, ao empregar o cenário do nascimento, busca o riso ao “jogar” com a ambigüidade da resposta: “*negro tem mais é que se foder, mesmo*”. Nele, o verbo *foder* pode ser interpretado tanto no sentido da realização de relações sexuais quanto no sentido de se dar mal.

Veiculados pela linguagem, os diversos enunciados do discurso racista fazem sentido porque se inscrevem na história e, por isso, derivam seus sentidos das formações discursivas em que se situam. Todos os sentidos já ditos por alguém sobre o negro no Brasil, em algum lugar, em outros momentos, têm efeito sobre o que as piadas que tematizam o negro dizem. São sentidos convocados pelas formulações: “negro é ladrão”, “negro tem menor valor”, “negro é sujo e faz sujeira”, “negro trabalha mal”, “negro é feio”, “negro não é humano”, “negro tem mesmo é que se lascar”, para os quais o efeito é sempre o mesmo: a depreciação do negro.

Essas formulações pressupõem, entre outras coisas, na experiência humorística dos brasileiros, que as pessoas consideram que o negro não é confiável, que o negro é um animal ou objeto, que é sujo, preguiçoso e por isso não haverá problema se for humilhado

ou eliminado. Organizadas sob diferentes enunciados de base, as piadas puderam reatualizar o discurso racista, a partir de uma “nova roupagem”, em um novo contexto, sem colocar em risco a equivalência semântica. Essa reatualização deveu-se à paráfrase apresentada por Fuchs (1985) como uma atividade efetiva de formulação, mediante a qual o locutor restaura (bem ou mal, totalmente ou parcialmente, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo.

As experiências passadas, como as da época da escravidão são presentificadas pelos enunciados que constituem o humor com o intuito de divertir e provocar o riso nos interlocutores. Um riso que, conforme Bergson (2004), define-se como uma espécie de “trote social”, pois tem a função “inconfessa de humilhar” quem é objeto dele.

Consideradas como textos “inocentes” que buscam apenas divertir, as piadas ocultam o racismo ao negro que predomina na sociedade brasileira, dando a impressão de que o Brasil caracteriza-se por uma igualdade democrática que impede, por sua vez, a superação das relações desiguais entre negros e brancos em todos os âmbitos da sociedade brasileira.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise das piadas que constituíram o corpus dessa pesquisa, cujo objetivo foi estudar o modo como o discurso racista se (re)produz nas piadas que circula(ra)m no Brasil, tomando o negro como tema, permitiu constatar um campo de regularidades enunciativas que servem de base para a formação discursiva que propaga a ideologia do branqueamento e a estigmatização do negro.

A repetição do conteúdo discursivo das piadas racistas possibilitou a redução do *corpus* em famílias parafrásticas que expressam o discurso em enunciados de base correspondentes a: “negro é ladrão”, “negro tem menor valor”, “negro é sujo e faz

sujeira”, “negro trabalha mal”, “negro é feio”, “negro não é humano”, “negro tem mesmo é que se lascar”. A adaptação do “velho discurso” a novos cenários e situações assegura a continuidade desse discurso que carrega consigo o efeito do novo. A alteração de um detalhe para se dizer a mesma coisa demonstra a vitalidade e a dinamicidade discursiva, conforme se observaram nas diferentes piadas analisadas.

O discurso racista, alimentado tanto pela ideologia do branqueamento – ocultada, por sua vez, nas distintas formas de difusão do preconceito ao negro, entre as quais, a representação desse sujeito pela mídia – quanto pelo pensamento errôneo da “democracia racial”, tende a afirmar, a qualquer custo, a “inferioridade do negro”, mesmo que para isso seja necessário forjar cenários e situações absurdas, a exemplo do que ocorre nas piadas focalizadas nessa pesquisa.

Nos textos humorísticos, os enunciados de base que estigmatizam e cristalizam uma identidade negativa do negro constituem o cerne da formação discursiva que ganha corpo por meio de novas (re)enunciações. O movimento constante de enunciar e reenunciar é, pois, o que mantém viva a formação discursiva de discriminação racial. O sujeito inscreve em cada reenuniação de um discurso a marca do seu tempo. Para isso, precisa pôr em funcionamento sua competência discursiva para criar novas piadas, tomando diferentes cenários como matéria-prima.

A reatualização do discurso racista por meio de piadas contradiz, portanto, a “cordialidade” inter-racial no Brasil que, se de

fato existisse, o racismo não seria considerado um ato criminoso, conforme previsto no artigo XLII da Constituição de 1988. Além disso, se a aclamada “cordialidade” inter-racial existisse, a depreciação ao negro não seria tema recorrente nas piadas que o tematizam.

As piadas não são, portanto, textos inocentes de humor cujo conteúdo deva ser considerado irrefletidamente. São, pois, veículos de ideologias. No caso das piadas que tematizam o negro, acentua-se a diferença entre as etnias e não a igualdade democrática, pois disseminam o discurso da cultura branca dominante que procura impedir o acesso do negro à educação, ao mercado de trabalho, às condições dignas de vida.

Tomadas como reatualização do discurso racista que encontrou seu auge, no Brasil, na época imperial a partir do regime da escravidão, as piadas, de posse do já-dito, intensificam, “dão corpo” a esse dito, constituindo uma espécie de “base” para futuras piadas, o que permite verificar que a memória discursiva é reavivada no intradiscurso de suas enunciações. A identidade do negro e suas representações na sociedade e cultura constituem-se no cerne das interações sociais.

Por fugir à cristalização, uma nova forma de representação do negro na mídia, embora ainda muito tímida, tende a contribuir favoravelmente para uma representação positiva do negro na sociedade. Ao negro atualmente é dedicado um espaço maior nas propagandas e novelas televisivas, nas quais surgem como protagonistas ou personagens que desempenham papéis antes

destinados somente a pessoas brancas. Além disso, em novelas e filmes, observam-se efeitos punitivos aos que discriminam os negros, o que contribui para desmistificar a ilusão de que no Brasil impera a “democracia racial”.

A inclusão de temas que abordam o processo histórico, o qual fora submetido o negro, bem como sua cultura, são uma constante no contexto escolar. Há por exemplo, grupos de estudos no estado do Paraná, organizados pela Secretaria do Estado, que abordam o tema em voga.

Embora, reconheça-se que o trabalho aqui desenvolvido mostre-se insuficiente para abarcar a proposta pretendida em sua relevância, julga-se que esta pesquisa deva ser um incentivo a produção de trabalhos vindouros, os quais poderão somar-se a este, com o intuito de construir uma imagem igualitária no que diz respeito às etnias, para que não perpetuem discursos deturpados e depreciativos, os quais ainda insistem em circular via subterfúgio humorístico.

Salienta-se ainda que a enunciação humorística é um veículo poderoso neste processo de manutenção de estigma, e que ao ser entendido apenas como gerador de humor, não seja passível de punição.

Conforme Freud (1905, p. 102) propunha em sua teoria sobre os chistes que circulam a serviço de um propósito hostil “a hostilidade brutal, proibida pela lei, *foi substituída pela invectiva verbal*”, ou seja,

os discursos humorísticos, por meio da enunciação, liberam ações de violência coibidas por lei.

Ao circular sem coibições e anonimamente, o humor perpetua efeitos de sentido, tais como, o riso e a depreciação do alvo tematizado; ou, no entender de Bergson (2004), servindo como um “canal” de humilhação, portanto, propalador de identidades negativas, conforme salienta Possenti (2002) ao conceber a enunciação humorística associada à representação identitária.

Por fim, julga-se salutar lançar a indagação sobre o viés humorístico depreciativo presente em nossa cultura e sua não punição, ao contrapor-se ante a perspectiva desenvolvida pelo estudioso Huizinga (1980), em *Homo Ludens*, que observa ser o humor uma característica essencialmente humana. Estaria o humor então, acima de qualquer posição ética? Estudos posteriores e mais densos poderão ou não comprovar essa premissa efetuando assim, talvez, uma resposta satisfatória.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, A. M. L. **Da casa e da roça: a mulher escrava em Vassoura no século XIX**. Dissertação de Mestrado Universidade Severino Sombra, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) Enunciativas (s). Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (19), Campinas, 1990.

AZEVEDO, A. **O Mulato**. Rio de Janeiro : Ediouro, 2000.

AZEVEDO, C. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGSON, H. **O Riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARROS, D.L.P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, DLP; FIORIM, J.L. (orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 1-9, 1994.

\_\_\_\_\_. Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 27-36

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar – Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHIAVENATO, J. J. **O negro no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CUCHE, D. Cultura e Identidade. In: **A noção de Cultura em Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, p. 175-202, 1999.

DIJK, Teun A. van. **Dominación étnica y racismo discursivo en España y América Latina**. España: Gedisa editorial, 2003.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis, Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.



FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 28.ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: José Olympio / Pró-memória / 1996.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

FUCHS, C. **A paráfrase lingüística**: equivalência, sinonímia ou reformulação? Trad. de João W. Geraldi. Cadernos de estudos lingüísticos, Campinas: Editora da UNICAMP, n. 8, p. 129-134, 1985.

GERALDI, W., **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIACOMINI, S. M. **Mulher Escrava**. Petrópolis, Vozes, 1998.

GIL, C. M. C. O Humor e o Ensino da Língua Portuguesa. Estudos Lingüísticos **XXIII – Anais de seminários do GEL** – Vol. II, 1994.

GREGOLIN, M. do R. V. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. V (Org). **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

HALL, S.. **As Identidades Culturais na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 1997.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da análise de discurso de Michel Pêcheux”. In: **Por uma análise automática do discurso**, F. Gadet e T. Hak (orgs), Ed. Unicamp, Campinas, 1993.

HUIZINGA, J. Homo Ludens – **O Jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ILARI, R; GERALDI, W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

KRAMSCH, C. **Language and Culture**. Califórnia: Oxford University Press, 2003.

LOPES, L. P. M. **Identidades Fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MARQUES, J. P. "**Os Sons do Silêncio: o Portugal de Oitocentos e a Abolição do Tráfico de Escravos**", Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1999.

MATTOSO, K. M. de Q. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Pontes, Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005b.

MARINI, D. **Um estudo das adivinhas**: o jogo verbal. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, 1999.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NEPOMUCENO, Nirlente. **Testemunhos de Poéticos Negras**: De Chocolat e Companhia Negra de Revista no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. São Paulo: Pontes, 2004.

PARTINGTON, A. In: SOUZA, R. D. **A utilização de Corpora na elaboração de atividades para salas de aula eletrônica**. São Paulo: PUC, 1998.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad. de Péricles Cunha. In: GADET, F, HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 163-152, 1975.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os humores da língua**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os limites do discurso**. Criar Edições, Curitiba, 2002.

SIGNORINI, I. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In: SIGNORINI, I. **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 333-380.

SILVA, A. C. **Um Rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ed. UFRJ, 2003.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA (org.) T. T. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKINNER, Q. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2002.

SODRÉ, M.. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TONINI, I. M. **Identidades capturadas**: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 136 p. Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

VAINER, C. B. Estado e Raça no Brasil. Notas Exploratórias. **Estudos Afro-Asiáticos**, nº18, pp. 103-117, 1990.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAKTHIN, M. (1965). **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais**. Edunb/HUCITEC, São Paulo-Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL, Decreto-Lei nº 3.688 - de 3 de outubro 1941 - Capítulo VII, Artigo 59 da Constituição - Dispõe sobre as contravenções à polícia de costumes. **Casa Civil**. Disponível em <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/24/1941/3688.htm>. Acesso em 15 de setembro de 2006.

BRASIL, Decreto-Lei Lei 7.716/89 - de 5 de janeiro de 1989 – Dispõe Sobre os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Casa Civil**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/L7716.htm> . Acesso em 15 de Setembro de 2006.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CHIARO, D. **The language of jokes**: analysing verbal play. London: Routledge, 1992.

DASCAL, M. Language use in dreams and jokes: sociopragmatics vs. psychopragmatics. In: **Language and communication**, 5 (2), pp. 95-106.

FARIA, E. **Novo dicionário da língua portuguesa**, 2 ed. Lisboa, Typographia Lisbonense, 1962.

FORTUNECITY. Piadas de Negros. Disponível em <http://www.fortunecity.com/underworld/sonic/661/negros.html>. Acesso em 10 de março de 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 28.ed. Rio de Janeiro: Record, 1992

FOLKIS, G. M. B. **Análise do Discurso Humorístico**: as relações marido e mulher nas piadas de casamento. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004.

GALO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 1, n. 2, jan/jul, 2001.

GEOCITIES. Piadas. Disponível em <http://www.geocities.com/TimesSquare/Alley/2828/negros.htm>. Acesso em 08 de março de 2006.

INOCÊNCIO, N. Relações raciais e implicações estéticas. In: OLIVEIRA, Djaci David de. et al. (orgs.). **50 anos depois**: Relações raciais e grupos socialmente segregados. Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos, pp. 21-35, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ORLANDI, E. P **Pragmática para o discurso literário**. Martins Fontes, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista**: Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 1990.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira** e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIADAS HOME PAGE. Disponível em <http://www.geocities.com/Baja/Dunes/3875/>  
Acesso em Dezembro de 2005.

PROPP, V. **Comichidade e riso**. Tradução de Aurora Fononi Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrech, D. Reidel Publishing Company, 1985.

SARRUMOR, L. Mil piadas do Brasil. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

## ANEXOS

*Um médico estava num trabalho de parto. O neném, um neguinho, nasceu. Mas o doutor ficou por mais de 20 minutos, ainda, batendo na bunda do moleque. Ninguém entendeu nada. Foram perguntar o motivo ao médico. Ao que o médico disse, enfurecido:*

*- O trabalho de parto já acabou! Estou é enchendo esse filho da puta de porrada pra ele devolver o meu Rolex!!!*

*Um macaco ao atravessar um rio cheio de piranhas ficou sem o rabo! Do outro lado estava ele a se lamuriar, chorar, quando chega o leão e pergunta o porquê de toda aquela choradeira. O macaco mostra a desgraça que lhe aconteceu. O leão mostra que também está sem rabo pela mesma razão. O macaco não se conforma com a desgraça do leão e retruca:*

*- Você sem rabo tudo bem, mas eu sem rabo viro um negão!!!*

*O crioulo está no zoológico, passeando perto da jaula do macaco. O macaco começa:*

*- Psiu ! Vem cá.*

*- Eu? É comigo?*

*- Você mesmo. Vem cá, pertinho.*

*O crioulo se aproxima e o macaco fala baixinho:*

*- Você precisa dizer o nome do seu advogado.*

*- O que mais brilha no preto?*

*- As algemas.*

*- Qual a diferença entre o preto e o câncer?*

*- O câncer evolui.*

*- Por que volante de preto é pequeno?*

*- Para ele poder dirigir algemado.*

*- Quando preto sobe na vida?*

*- Quando explode o barraco.*

*- Como se tira um negão de uma árvore?*

*- Corta a corda!*

- O que é um band-aid de **preto**?
- Fita isolante.
  
- O que acontece se um **preto** cair num monte de bosta?
- Aumenta o monte.
  
- Quando **preto** é gente?
- Quando batem na porta do banheiro e ele diz "tem gente".
  
- Quando **preto** é bonito?
- Quando ele chega atrasado e o chefe fala: "Bonito, né...".

Piada 1- Por que preto gosta de ser crente?

- Para chamar o branco de irmão.

Piada 2 - Por que o Kinder Ovo é preto por fora e branco por dentro?

- Porque se fosse preto por dentro ele roubava o brinquedinho.

Piada 3 - Um menino judeu e preto chegou pra mãe e perguntou:

- Mãe, eu sou mais preto ou mais judeu?
- Ao que a mãe não entende a pergunta:
- Por que meu filho?
- Fala mãe, mais preto ou mais judeu?
- Sei lá, meu filho. Mas POR QUÊ?
- É que um amiguinho meu da escola está vendendo uma bicicleta, e eu não sei se eu pechincho ou se eu roubo!!!

Piada 4 - O negão estava andando com seu BMW novinho pelas ruas da cidade quando, de repente, um pneu furou. O negão parou o carro para trocar o pneu. Quando estava tirando o pneu furado, passou outro negão pela rua que, ao ver o carro, parou do lado do mesmo e deu uma bela porrada no vidro, reduzindo-o a cacos. O dono do carro ficou furioso:

- Que é isso? Olha o que você fez, seu filho da puta! Vou te dar porrada!!!

O outro negão respondeu:

- Calma! Pode roubar o seu pneu sossegado. Eu só vou levar o toca CD.

Piada 5 - Por que preto gosta de boxe?

- Porque tem um assalto a cada três minutos.

*Piada 6 - O que mais brilha no preto?*

*- As algemas.*

*Piada 7 - O médico foi fazer um parto de uma mulher negra.*

*Tirou o primeiro:*

*- Que negrinho lindo!... Espera aí! Tem mais um!*

*Tirou o segundo e disse:*

*- Espere aí, tem mais um!*

*Tirou o terceiro e disse:*

*- E tem mais um, fecha que é arrastão!*

*Piada 8 - Um médico estava num trabalho de parto. O neném, um neguinho, nasceu. Mas o doutor ficou por de 20 minutos, ainda, batendo na bunda do moleque. Ninguém entendeu nada. Foram perguntar o motivo ao médico. Ao que o médico disse, enfurecido:*

*- O trabalho de parto já acabou! Estou é enchendo esse filho da puta de porrada pra ele devolver meu Rolex!!!*

*Piada 9 - Por que preto é igual a papel higiênico?*

*- Porque quando não está no rolo, ta na merda.*

*Piada 10 - Na África do Sul dois pretos são atropelados por um caminhão dirigido por um branco. Com o impacto, um deles é arremessado bem longe e o outro quebra o vidro do caminhão, indo parar dentro da cabine, todo ensangüentado. Os dois crioulos são processados: o primeiro, por abandonar o local do acidente; e o segundo, por invasão de propriedade alheia...*

*Piada 11 - Dois pretos subiram de bicicleta a serra de Petrópolis. Depois, para descer, pediram carona a um motorista de caminhão. Subiram com as bicicletas no caminhão, que estava cheio de bolas de boliche. De repente, observam um carro de polícia correndo atrás deles. O policial faz sinal pro motorista do caminhão parar. O caminhão pára. O policial fala alto pro motorista do caminhão:*

*- Isso é um absurdo! Um absurdo! Você ta carregando um caminhão cheio de ovos de crioulo!!! E olha só: dois já chocaram e já roubaram duas bicicletas!*

*Piada 12 - Quando preto voa?*

*- Quando cai da construção.*



*Piada 13 – Quando preto vai à escola?*

*- Quando a está construindo.*

*Piada 14 - Quando preto toma laranjada?*

*- Quando tem guerra na feira.*

*Piada 15 – Por que na África não tem cartomantes?*

*- Porque preto não tem futuro.*

*Piada 16 – Um dia, São Pedro vê chegar na porta do paraíso três homens: um Branco, um mulato e um negro.*

*- O que você deseja? Pergunta ao Branco.*

*- Dinheiro.*

*E você, pergunta ao mulato.*

*- A glória.*

*- Dirigindo-se ao Negro, esse lhe responde com um sorriso:*

*- Eu vim trazer a mala desses senhores.*

*Piada 17 – Quando preto sobe na vida?*

*- Quando explode o barraco.*

*Piada 18 - Cartaz de um mendigo pedindo esmolas em pleno centro de São Paulo: “Sou cego e tenho a impressão de que também sou preto!”*

*Piada 19 - Por que o preto fede?*

*- Pra cego também ter preconceito.*

*Piada 20 - Vocês sabem a semelhança entre um crioulo e uma buceta?*

*- Ambos têm o cabelo enroladinho, ambos têm os lábios grandes, ambos, mesmo depois de lavados, continuam fedendo e ambos gostam de levar pau.*

*Piada 21- Na arca de Noé houve uma grande confusão. O negrão insistia em tocar um sambão em plena madrugada, e não deixava ninguém dormir em paz. Noé mandou o rinoceronte tomar conta do pedaço e encher de porrada quem*

fizesse bagunça. Mas, vocês sabem, naquele tempo não tinha óculos ainda e o rinoceronte não é um bicho que enxerga muito bem. Além disso, era de noite, e enxergar negrão de noite, sabe como é... se ele ficar com a boca fechada, não tem jeito. Pra complicar a história, quando o negrão viu o rinoceronte chegando puto da cara, babando a fim de distribuir porrada, meteu-se no meio dos urubus e dos chimpanzés (olha a cor dos bichinhos) para se esconder. O rinoceronte, que é míope, mas não e trouxa, botou todo mundo ao lado de um mastro de bandeira e mandou todo mundo levantar os braços. Disse que ia gagar todo mundo a pau. Dali a dois minutos, ele encheu o negrão de porrada, e o único que apanhou foi o negrão. Como é que ele achou o negrão?  
- Pelo fedor do sovaco.

Piada 22 – Qual a semelhança que existe entre o negrão e o papel higiênico?

- Qualquer um dos dois, ou tá no rolo ou tá na merda..

Piada 23 – Qual a diferença entre um crioulo e uma lata de merda?

- A lata.

Piada 24 – Você sabia que os crioulos são recicláveis?

- Com os cabelos, se faz bombril; com a pele, se faz saco de lixo; e com a bosta se faz outro crioulo.

Piada 25 - O que acontece quando um negrão pisa num monte de merda?

- Aumenta o monte.

Piada 26 - Por que caixão de preto só tem duas alças?

Porque não existe lata de lixo com quatro alças.

Piada 27 – Se um preto e um português jogam bola num lixão, quem ganhará o jogo?

- O preto, pois está jogando em casa.

Piada 28 – Entra dois cães na igreja, um branco e outro preto, qual dos dois caga no altar?

- O branco, porque estava em má companhia.

*Piada 29 – Por que o mundo é redondo?*

- *Pros negros não cagarem nos cantos.*

*Piada 30 – Entra um cachorro na igreja e faz xixi no altar. De que cor é o cachorro?*

- *Preto?*

- *Não, branco. Se fosse preto, cagava.*

*Piada 31 – Quando um preto não caga na entrada, caga na saída; e quando não caga na entrada e nem na saída?*

- *Deixa um bilhetinho dizendo: cago depois.*

*Piada 32 - Perguntaram pro Akito:*

- *Você se considera racista, japonês?*

- *Non, de jeito nenhum. Pra mim, todo mundo é igual!*

- *Tem certeza? Olha...*

- *Bom, pra falar a verdade... Akito non vai muito com cara de aremão, né<sup>21</sup>?*

- *Por quê?*

- *Ah, porque prometeram acabar com judeus e fizeram um serviço de preto, né?*

*Piada 33 - O dono de uma fábrica de autopeças, já estava louco da vida por causa de uns empregados vagabundos. Decidiu, então, automatizar tudo, robotizou tudo. As máquinas trabalhavam que era uma maravilha, não faziam corpo mole como os empregados antigos faziam. Só que os robôs eram todos de cor de alumínio, metálicos e ofuscavam a vista do dono. Então, o dono mandou pintar os robôs num final de semana. Na segunda-feira, ao chegar na fábrica escutou um som diferente do habitual. Ele tomou um susto. Encontrou três robôs bêbados, onze jogando bola, cinco sambando, quatro lutando capoeira e dez preparando um desfile de carnaval. É que pintaram os robôs de preto...*

*Piada 34 - Quando preto é bonito?*

- *Quando chega atrasado no serviço e o chefe diz: “Bonito, hein?”*

---

<sup>21</sup> Observa-se também, nessa piada, o racismo contra japoneses, representados pelo personagem Akito e seu modo de falar.

*Piada 35 - Quando preto é bonito?*

*- Quando vai preso e o delegado olha para o boletim de ocorrência e comenta: "Muito bonito, hein?"*

*Piada 36 - Por que preto não erra?*

*- Porque errar é humano.*

*Piada 37 - O que significa um preto encostado num fusca em Ibema?*

*- Nada. Porque preto não é gente, fusca não é carro e Ibema não é cidade.*

*Piada 38 - O que significa um preto em cima de uma bicicleta com um real na mão?*

*- Nada. Porque bicicleta não é meio de transporte, real não é dinheiro e preto não é gente...*

*Piada 39 - "Quando preto é gente?"*

*- Quando está no banheiro, alguém bate à porta, e ele responde: "Tem gente".*

*Piada 40 - Como as crioulas fazem para saber se estão grávidas?*

*- Enfiam uma banana na xana, se voltar mordida é porque estão!*

*Piada 41 - Como fazer o parto de uma negra de forma fácil, rápida, barata e eficiente?*

*- Pega-se uma banana, enfia-se na buceta da negra e espera-se alguns instantes. Quando o macaquinho morder a banana, puxe que ele vem junto fácil, fácil.*

*Piada 42 - Um macaco, ao atravessar um rio cheio de piranhas ficou sem o rabo!!! Do outro lado, estava ele a se lamuriar, chorar, quando chega o leão e pergunta por que toda aquela choradeira. O macaco mostra a desgraça que lhe aconteceu. O leão mostra que também está sem rabo pela mesma razão. O macaco não se conforma com a desgraça do leão e retruca:*

*- Você sem rabo tudo bem, mas eu sem rabo viro um negrão!!!*

*Piada 43 - Um crioulo estava andando num deserto africano por três dias sem beber sequer uma gota de água. No quinto dia, já*

*caindo, ele encontra uma lâmpada. Após examinar a lâmpada por um tempo, ele desanimado, quase morrendo, joga a lâmpada no chão. No que a lâmpada toca a areia quente do deserto, acontece uma explosão e, atrás da fumaça sai um gênio português que promete ao crioulo três desejos. O crioulo que já estava quase morrendo fica todo entusiasmado com o portuga e manda seu primeiro pedido:*

*- Primeiro, eu quero muita, muita água...*

*O gênio português tira seu lápis da orelha e anota: "crioulo queres muita água!"*

*Logo, em seguida, o crioulo manda o segundo pedido:*

*- Eu quero ver muita buceta, muita xota...*

*O português anota: "crioulo queres ver muita buceta..."*

*Finalmente, o crioulo faz seu último pedido:*

*- Eu quero ser branco!"*

*Nisso, o gênio português anotou: "crioulo quer muita água, ver muita buceta, e ser branco..." E num segundo o gênio faz uma mágica e transforma o crioulo num bidê!*

*Piada 44 - E o coitado do crioulo não tinha sossego na vida. Além de ser preto e pobre, ainda tinha que agüentar gozação de todo lado: "Ô tiziu, ô macaco, ô isso, ô aquilo..."*

*Mas também, além de ser preto e pobre e gozado por todos, o desgraçado era feio que doía. Nem as neguinhas queriam saber de nada com ele.*

*Aí, ele começa a sentir umas dores terríveis. Vai ao médico (do SUS, claro) e fica sabendo da última: além de preto, pobre, alvo de chacotas, feio e rejeitado pelas mulheres, o infeliz era também hemofílico.*

*Essa era demais. Não chegava tudo, ainda a hemofilia. Morando no Brasil, na certa ia acabar morrendo de aids. Decidido a se suicidar, vai andando pela rua e encontra uma lâmpada mágica. Esfrega e sai o gênio:*

*- Você tem o direito a três pedidos, ô tiziu!*

*Não deu outra, pediu tudo o que tinha direito:*

*- Quero ser branco, ter bastante sangue e viver no meio das mulheres.*

*Shazan! O crioulo desaparece e, em seu lugar, o gênio faz surgir... um gigantesco modess.*

*Piada 45 – No consultório médico estava tudo bem, quando entra pela porta um negão com um sapo em sua cabeça. Chegada a sua vez, a assistente manda-o entrar. Ele se senta e o doutor pergunta:*

*- Qual é o problema?*

*O sapo responde:*

*- Olha, doutor, tudo começou com uma hemorróida...*

*Piada 46 - Um certo dia, na clínica, entra um negão de 2 metros de altura, e diz ao médico:*

*- Doutor eu estou com uma dor na perna e não sei o que é?*

*O médico muito pensativo diz:*

*- Faz o seguinte: fica de quatro no canto da esquerda do meu escritório.*

*O negão, sem perguntar, foi para o canto e ficou de quatro. Em seguida o medico fala:*

*- Não, aí não é bom, fica de quatro no canto da direita.*

*Novamente, lá foi o negão, sem perguntar, para o canto da direita. E o médico falou:*

*- Não, aí também não é bom ficar, fica de quatro aqui na minha frente. O negão, já indignado, tomou coragem e perguntou o que ele estava fazendo, e o médico respondeu:*

*- Não, eu não estou vendo o teu problema na perna; é que eu vou receber uma mesa preta e estava vendo em que posição ela fica melhor...*

*Piada 47 – O que é uma kombi com cinco pretos caindo do abismo?*

*Um desperdício. Na kombi cabem 15.*

*Piada 48 – Um preto foi à loja de armas e perguntou ao vendedor:*

*- Você tem fuzil?*

*- Não. – Responde o vendedor.*

*- E uma metralhadora?*

*- Não.*

*- Uma bazuca?*

*- Não.*

*- Uma granada?*

*- Não.*

*- Um 38?*

*- Não.*

*O preto foi embora morrendo de raiva e falou com o advogado dele:*

*- Aquele branco num quer me vender arma!!!*

*O advogado foi à loja de animais saber por que o cliente não podia comprar armas na loja e perguntou para o vendedor:*

*- Meu senhor, o que o senhor tem contra preto?*

*O vendedor respondeu:*

*- Metralhadora, fuzil, bazuca, granada, 38...*

*Piada 49 – A família de crioulos tem notícia de que existe um rio que faz com que qualquer pessoa o atravesse a nado fique branca na hora. Viajam dias até chegar ao tal rio. O primeiro que se aventura é o pai. Mergulha de cabeça, sai nadando e, ao*

*chegar na outra margem, pum! se transforma num branco. De lá, grita para a mulher:*

*- Vem, Dolores! Não há perigo!*

*Ela mergulha, nada e, ao chegar do outro lado, zupt! Se transforma numa branca.*

*- Agora só falta o Ditinho. Vem, Ditinho, vem!*

*O filho do casal mergulha, começa a nadar, mas, ao chegar no meio do rio, a correnteza começa a leva-lo e ele grita por socorro. O pai faz menção de pular na água para salvar o garoto, mas a mulher o detém:*

*- Deixa, bem. É preto mesmo...*

*Piada 50 - Por que os pretos dos EUA são melhores que os pretos do Brasil?*

*- Por que estão bem longe.*

*Piada 51 – O que significa dez milhões de pretos na lua?*

*- Paz na terra.*

*Piada 52 – O que preto tem mais que o branco?*

*- Tem mais é que se foder.*

*Piada 53 – Por que não nasceu nenhum negro de proveta até agora?*

*- Porque negro tem mais é que se foder, mesmo.*